



Renato de Campos Conti Tavares

***NÃO PERMITA DEUS QUE EU MORRA SEM QUE
VOLTE PARA LÁ: UMA ANÁLISE DAS CARTAS DO
SOLDADO JORGE MARTINHO PRADO ESCRITAS NA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.***

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção da graduação
em Bacharelado e Licenciatura em História.

Prof. Dr. Maurício Barreto Alvarez Parada.

Orientador

Departamento de História--PUC-Rio

Rio de Janeiro

Renato de Campos Conti Tavares

***NÃO PERMITA DEUS QUE EU MORRA SEM QUE
VOLTE PARA LÁ: UMA ANÁLISE DAS CARTAS DO
SOLDADO JORGE MARTINHO PRADO ESCRITAS NA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.***

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção da graduação
em Bacharelado e Licenciatura em História.

Prof. Dr. Maurício Barreto Alvarez Parada.

Orientador

Departamento de História--PUC-Rio

Rio de Janeiro



Renato de Campos Conti Tavares

***NÃO PERMITA DEUS QUE EU MORRA SEM QUE
VOLTE PARA LÁ: UMA ANÁLISE DAS CARTAS DO
SOLDADO JORGE MARTINHO PRADO ESCRITAS NA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.***

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção da graduação
em Bacharelado e Licenciatura em História.

Prof. Dr. Maurício Barreto Alvarez Parada

Orientador

Departamento de História - PUC-Rio

Prof. Dr. Rômulo Costa Mattos

Departamento de História – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 19 de junho de 2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Renato de Campos Conti Tavares

Graduou-se em História no ano de 2020.

Ficha Catalográfica

Tavares, Renato de Campos Conti

Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá: uma análise das cartas do soldado Jorge Martinho Prado escritas na Segunda Guerra Mundial / Renato de Campos Conti Tavares ; orientador: Maurício Barreto Alvarez Parada. – 2020.

117 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (graduação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2020.

Inclui bibliografia

CDD:
900

Dedico este trabalho a todos os homens e mulheres que, com muita coragem, foram combater em solo italiano, superando seus medos, saudades e, por vezes, pagando com seu próprio sangue o sacrifício de ter ido cumprir um dever.

De forma especial, espero que Jorge Martinho Prado receba este trabalho como homenagem à sua vida, para que a sua História e vivências não caiam no esquecimento.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento não poderia ser outro senão à amiga Juliana Sabatinelli e família.

Por ocasião do XXIV Encontro de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, após ter assistido a apresentação da minha, ainda embrionária, pesquisa, Juliana veio até mim e contou que o seu tio avô, Jorge Martinho Prado, havia integrado a FEB e que, dele, a família havia guardado as melhores lembranças e um conjunto de cartas trocadas por ocasião da Guerra que ela colocava a minha disposição, se eu quisesse conhecer aquele precioso rol e seu conteúdo. Como não aceitar? E ao fazer a leitura dos registros deixados por aquele jovem Praça, que perdeu sua vida na Guerra, não tive dúvidas que a pesquisa finalmente havia encontrado sua, inspiração, essência e razão. Por esse motivo, também, registro o meu agradecimento *in memoriam* à sua avó, Marly Prado, sobrinha de Jorge Martinho Prado, por ter sido a pessoa responsável em deixar como herança familiar as cartas enviadas pelo Pracinha Jorge. Juliana, só posso dizer o meu muito obrigado, a você e sua família. A possibilidade, a mim proporcionada por vocês, de revisitar a história individual de Jorge Martinho enquanto expressão de uma realidade mais ampla me enche de honra e profunda gratidão.

Agradeço de forma efusiva o corpo de funcionários da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro que, no seu conjunto como um todo, me ajudou a forjar este trabalho. Deixo, com especial carinho, um reconhecimento a todos os servidores do Departamento de História.

Nomeadamente registro minha gratidão ao meu Orientador, Professor Doutor Maurício Barreto Alvarez Parada que, desde o projeto à conclusão, acompanhou este estudo mostrando-se generoso e de ouvidos atentos para as minhas opiniões, sempre fazendo apontamentos, sugestões e críticas pertinentes que muito contribuíram para o resultado final que ora apresento.

Meu muito obrigado aos Professores que, ao longo da minha graduação, pelas disciplinas ou em conversas, apresentaram suas observações sobre o tema e o

conteúdo desta pesquisa e que tanto acrescentaram ao seu resultado final: Prof. Antônio Edmilson Martins Rodrigues, Prof. Dr. Diego Antônio Galeano, Prof. Dr. Jaime Larry Benchimol, Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira, Prof. Dr. Marco Antônio Villela Pamplona, Prof. Dr. Rômulo Costa Mattos, Prof. Me. Marcos Guedes Veneu, Profa. Dra. Iamara da Silva Viana, Profa. Dra. Larissa Rosa Corrêa, Profa. Dra. Margarida de Souza Neves e Profa. Me. Luciana Borgerth Vial Corrêa.

Gratulo também as funcionárias da PUC-Rio, de modo muito especial, Anair Oliveira dos Santos (Departamento de História) e Andrea Paiva (Vice Reitoria Comunitária), pois graças aos seus incansáveis esforços pude permanecer na Universidade estudando com a “bolsa” que me possibilitou chegar até o fim do curso tornando um sonho em realidade. Não há palavras para expressar o meu sentimento. Meu muitíssimo obrigado!

Agradeço também aos caros amigos: senhor Antônio e Anderson “Mengão” (da Banca onde, além de notícias, tive ótimas conversas); Paulinho (com seu stand de acessórios sempre necessários e que me “salvaram” tantas vezes); Tia Marcia (e os hambúrgueres que me devolviam a vida); “Don Juan” (e os salgados que eram os lanches perfeitos), e todos amigos que fazem parte da minha família PUC e que nos momentos de cansaço sempre estiveram presentes me ajudando a “arejar a mente” para que continuasse o árduo trabalho da construção deste TCC.

Aos meus pais, Marcio Borges Conti Tavares e Marize Helena de Campos que com empenho e dedicação me criaram com retidão de caráter e moral, fazendo com que eu me tornasse um homem com princípios e ideais, e para quem não tenho palavras para expressar meu amor e agradecimentos.

Por fim e por tudo, agradeço a PUC – RJ.

RESUMO

A participação do Brasil na 2ª. Guerra Mundial tem recebido da historiografia nacional importantes e significativas abordagens, todavia estas ainda permanecem marcadamente conjunturais. Em outras palavras, ainda que tenhamos alguns relatos escritos por ex-combatentes e estudos históricos feitos no Brasil, estes apresentam-se, via de regra, narrativos e com pouca preocupação analítica e relacional entre os meandros dos acontecimentos e os sujeitos históricos neles envolvidos. O TCC ora apresentado tem como objetivo central abordar um aspecto ainda pouco tratado na historiografia da FEB: o soldado como protagonista principal. A partir da análise das cartas escritas à família pelo combatente brasileiro Jorge Martinho Prado, a intenção foi refletir sobre o soldado como um agente ativo na guerra, com motivações e aspirações próprias e não apenas como uma “engrenagem” dentro do corpo militar. Como aporte teórico-metodológico, foram utilizadas obras referenciais de Ângela de Castro Gomes, Sue McKemish e Marcio Seligmann Silva. A escolha destes três autores deveu-se fundamentalmente ao fato de apresentarem diferentes e complementares perspectivas sobre a escrita de si e a escrita diante do desastre que possibilitaram o aprofundamento da compreensão do conteúdo documental desta pesquisa. A primazia do humano foi aqui tomada como fundamento, justificando de forma efetiva e sobrelevada o fazer das ciências humanas e o adentrar as cartas de Jorge Martinho Prado permitiu conhecer um aspecto ainda pouco tratado do conflito que o Brasil se envolveu. Por fim, o desejo de estabelecer interlocuções com estudos de outros campos e de humanizar a historiografia brasileira sobre um dos maiores conflitos do século passado foi a força motriz deste TCC.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira; Cartas; Segunda Guerra Mundial; Jorge Martinho Prado; Escrita de si.

ABSTRACT

Brazil's participation in the 2nd. World War II has received important and significant approaches from national historiography, however these still remain markedly short-term. In other words, although we have some reports written by ex-combatants and historical studies done in Brazil, these are, as a rule, narrative and with little analytical and relational concern between the intricacies of events and the historical subjects involved in them. The TCC presented here has the central objective of addressing an aspect still little treated in the FEB historiography: the soldier as the main protagonist. Based on the analysis of letters written to the family by the Brazilian combatant Jorge Martinho Prado, the intention was to reflect on the soldier as an active agent in the war, with his own motivations and aspirations and not just as a “cog” within the military. As a theoretical-methodological contribution, reference works by Ângela de Castro Gomes, Sue McKemmish and Marcio Seligmann Silva were used. The choice of these three authors was fundamentally due to the fact that they present different and complementary perspectives on self-writing and writing in the face of disaster, which enabled the deepening of the understanding of the documentary content of this research. Entering the letters of Jorge Martinho Prado allowed to know an aspect still little treated of the conflict that Brazil was involved. The primacy of the human was taken here as an axis, justifying in an effective and elevated way the work of the human sciences. Finally, the desire to establish interlocutions with studies from other fields and to humanize Brazilian historiography about one of the greatest conflicts of the last century was the driving force of this CBT.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Letters; Second World War; Jorge Martinho Prado; Self Writing

ÍNDICE:

1. INTRODUÇÃO	11
2. A valsa brasileira e a dança com Adolf Hitler e Roosevelt	27
3. Patrícios e plebeus são chamados ao combate	42
4. Frio, neve, choro e um sentimento que não se apagará	59
5. CONCLUSÃO	92
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
7. ANEXOS	101

“E a cobra vai fumar”¹

¹OLIVEIRA, Dennison de (org). A Força Expedicionária Brasileira e a segunda Guerra mundial – Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro: DECEX, PPHCEX, CEPHiMEX, 2012. pp. 93 – 100.

**NÃO PERMITA DEUS QUE EU MORRA SEM QUE VOLTE PARA LÁ:
UMA ANÁLISE DAS CARTAS DO SOLDADO JORGE MARTINHO
ESCRITAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.**

1. INTRODUÇÃO

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador.... Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos.
Combates pela História (1953), **Lucien Febvre**.²

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC tem como proposta um estudo da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial a partir das cartas enviadas e recebidas pelo Praça Jorge Martinho Prado, evidenciando, assim, o soldado como um agente ativo na guerra, com motivações e aspirações próprias e não apenas como uma “engrenagem” do corpo militar, ou um mero número no front.

Acresce-se a isso a intenção em desconstruir o olhar “rankeano” sobre o conflito, comum às narrativas oficiais que tendem a suprimir os sujeitos do baixo estrato social e suas vivências, e em seu lugar alcançar o ser humano como sujeito central da história, tal como indica a Escola dos Annales³.

Da mesma maneira, é propósito deste TCC destacar um certo esquecimento e, ou, indiferença, por parte dos brasileiros, em relação aos combatentes “pracinhas”⁴, suas memórias e papéis na inserção do nosso país no cenário político global da primeira metade do século XX. Na espiral deste lapso

² FEBVRE, Lucien. *Profissões de fé à partida. Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

³ Os Annales foi uma Escola da historiografia francesa que teve como premissa contrapor-se ao historicismo, dando ênfase e voz a uma história mais social e influenciando um olhar mais humano aos eventos históricos.

⁴ Pracinha, um diminutivo de praça, ou soldado raso, foi o termo carinhoso adotado pela imprensa e a população da época para se referir aos homens que embarcaram rumo ao desconhecido no grande desafio da FEB. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/18/politica/1397851823_514835.html. Acesso em: 1 fevereiro 2020.

assistimos, não raras vezes, ataques contra monumentos que rememoram aqueles combatentes, seus feitos e participações no conflito, o que me leva a crer que muitas dessas ações decorrem pela falta do (re)conhecimento da participação brasileira na Segunda Grande Guerra e os seus principais “atores”.

A História da Força Expedicionária Brasileira – FEB teve início em 1943, no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) conflito armado mais intenso do século XX. Divididos em dois blocos antagônicos, Aliados e Eixo, vários países enfrentaram-se, resultando na morte e em significativas mudanças no cotidiano de pessoas em grande parte do mundo.

No período entre 1939-1941, portanto no seu contexto inicial, a política brasileira consistia em uma pendular “política de barganhas”, na qual o governo de Getúlio Vargas negociava paralelamente com a Alemanha nazista e com os Estados Unidos da América, tirando o máximo proveito econômico desta posição bilateral⁵.

O governo Getulista parecia sugerir uma aproximação ideológica com a Alemanha de Hitler e, em certos momentos, até uma certa simpatia por aquele país, porém, para que não perdesse um grande consumidor de matérias agrícolas, as negociações com os EUA continuavam acontecendo. Em meados de 1938, de forma branda e sutil, Vargas começava a tomar uma posição dentro do jogo de poder determinando que o integralismo brasileiro fosse extinto. Tal decisão, somada ao fato do Estado Novo investir contra os grupos nazistas existentes no Sul do país, gerou um quadro de insatisfação por parte da Alemanha que se tornou ainda mais grave quando o presidente brasileiro passou a considerar o embaixador Kurt Prufer⁶ *persona non grata*.⁷

O distanciamento entre Brasil e Alemanha tornava-se cada vez mais evidente, tanto quanto o conflito entre Estados Unidos e Alemanha. Paralela e progressivamente, os EUA ampliavam e intensificavam o seu raio de poder e influências na América do Sul promovendo, entre outras medidas, as chamadas

⁵ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. pp. 360-372.

⁶ Mantenho a grafia utilizada pelo site do CPDOC, na seção verbete. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/kurt-prufer>> . Acesso: 3 fevereiro 2020.

⁷ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. pp. 360-372.

Conferências Pan-Americanas para que materiais de cunho estratégicos fossem negociados diretamente com os norte-americanos⁸.

Após o ataque japonês a Pearl Harbor e a consequente entrada dos Estados Unidos na guerra, o Brasil viu-se forçado a consolidar sua posição no cenário político internacional. Sinalizada nas ações praticadas por Vargas, anteriormente com relação a Alemanha, a tomada de decisão pró EUA não foi uma surpresa.

Tal aliança assumiu um caráter de “mão dupla”. Enquanto o Brasil exportava matéria prima para a indústria de guerra estadunidense, os norte-americanos investiam em equipamentos militares destinados ao Exército Brasileiro e em sua “doutrinação”⁹ substituindo os, até então, modelos, métodos e táticas referenciados na Escola Militar Francesa e investindo na economia brasileira com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), cumprindo assim uma das exigências do governo getulista ao governo americano¹⁰.

Não obstante, foi somente em 1942 que as relações com o Eixo foram cortadas em sua totalidade. O desdobramento imediato foi a assinatura de um acordo político-militar entre Brasil e Estados Unidos e a criação, em 11 de agosto de 1943, da Força Expedicionária Brasileira, responsável pelo envio, em 1944, de 25.334 homens para combate em solo europeu, mais precisamente o denominado “teatro de operações ocidentais” na região da Bolonha, Itália¹¹

A formação do quadro de combatentes brasileiros foi uma tarefa que contou com integrantes de unidades de vários pontos do Brasil.

O processo de recrutamento era feito, em parte, com o alistamento militar, porém tencionava ser mais exigente por entender que, o soldado a seguir para o

⁸ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. pp. 360-372.

⁹ Doutrinar ou doutrinação militar consiste em um conjunto de valores, princípios gerais, conceitos básicos, normas e métodos de processo que organizam o preparo das forças armadas afim de tirar o máximo proveito delas em combate.

¹⁰ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 19, 1989.

¹¹ BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 94.

combate deveria ser “especial”, status que seria alcançado pela aprovação no exame médico¹².

Para ser habilitado como “classe especial” o combatente deveria ter 1,60m de altura no caso de praças, e 1,65 no caso de oficiais, mas de acordo com Cesar Maximiano, “em todas as regiões, o principal item de exclusão para a convocação foi a “dentadura insuficiente”¹³.

Além destas exigências, o futuro combatente deveria ter, no mínimo, a quarta série primária, subentendendo-se ser alfabetizado. Esta triagem conferiu às áreas urbanas os lugares de origem de grande parte dos sargentos e cabos, que apresentaram melhor índice de instrução daqueles vindos das áreas rurais do país. Ainda assim, o grau de instrução não era tão alto, chegando a 70% os homens com o ensino primário e tão somente 0,7% com ensino superior, incluindo os oficiais¹⁴.

Nas etapas de admissão, a maioria dos convocados para a FEB era proveniente das regiões Sul e Sudeste. Isso deveu-se em grande parte pelos hábitos alimentares daquelas regiões serem considerados melhores já que se baseavam nos hábitos alimentares de imigrantes europeus vindos para o Brasil no século XIX, o que, supostamente, conferia aos convocados uma maior robustez física¹⁵.

Constatado o vigor para integrar a fileira, o soldado poderia ser obrigado a se juntar a FEB, porém existiram aqueles que se alistaram como voluntários, possivelmente movidos pelo sentimento de patriotismo ou motivações políticas¹⁶

O processo de criação da Força Expedicionária Brasileira foi complexo, podendo mesmo ser considerado ousado para seu tempo. Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra tencionavam arregimentar 100 mil homens para levar ao campo de batalha, subdivididos em três Divisões de Infantaria Expedicionária. A ideia era recrutar os homens por dois meios principais: o primeiro, através da apresentação

¹² MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010. pp. 54-56

¹³ MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010. pp. 54-56.

¹⁴ MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010. p. 63.

¹⁵ MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010. p. 59.

¹⁶ MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010. p. 64.

voluntaria para o combate e o segundo por meio de convocação dos que estavam na reserva do alistamento¹⁷

Quando os recrutamentos tiveram início, as Forças Armadas do Brasil tinham à disposição em solo nacional um contingente de aproximadamente 70 mil homens. Ou seja, para atingir o número esperado seria, no mínimo, necessário dobrar o agrupamento militar, pois era essencial pensar no *front* interno e externo. O total esperado revelou-se muito além do que seria possível reunir e nem mesmo as significativas falhas e brechas para que “inaptos” ingressassem as fileiras da FEB foram suficientes para que a demanda fosse suprida¹⁸.

Vale destacar ainda que, o recrutamento parece ter sido mais eficiente quanto mais próximo da linha férrea era a cidade, o que levou os estados do Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas a proverem cerca de 80,7% dos homens incorporados a FEB.

A FEB tinha, portanto, bem mais a feição das colônias de poloneses e italianos do Sul, dos bairros cariocas e de São Paulo e das cidades mineiras do que as alegorias cantadas por correspondentes¹⁹.

Das três divisões expedicionárias, somente a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária - 1ª DIE conseguiu obter o número suficiente de praças para ser enviado a Itália, sendo os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro os Batalhões principais. Dos 100 mil homens, somente foram reunidos 25 mil, e vencida esta etapa, nenhum oficial, além do General Mascarenhas de Moraes, cogitou assumir o comando da 1ª DIE²⁰.

Quando os combates das tropas da FEB começaram os Pracinhas ficaram frente a frente com situações que provavelmente não iriam esquecer.

Em seus relatos são recorrentes as alusões aos incômodos com as baixas temperaturas e os desconfortos sofridos nos *foxholes*, onde poderiam gastar mais

¹⁷ BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 111.

¹⁸ BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 108.

¹⁹ MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010.

²⁰ BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 109.

tempo em uma posição estática, do que propriamente em combate. O frio em Itália no início do ano era tão intenso que chegava a oscilar entre -15° C e -20° C e em 1945, mais precisamente em janeiro, o inverno na região chegou ao seu auge, o que fez com que os *febianos* ficassem impossibilitados de se locomover, desenvolvendo frequentes problemas de saúde.²¹ “*O dia a dia do soldado correspondia a um turbilhão ascendente de horrores que esporadicamente culminava na batalha*”²².

Eram “homens comuns” que, reunidos às pressas, mal treinados, portadores de saúde mediana e abaixo da média do corpo aliado, foram “aprendendo” a se adaptar em meio às agruras da guerra, não de modo heroico e novelesco, mas sim de forma concreta e real para, acima de tudo, assegurarem suas vidas e não morrerem em combate.

Não batalharam apenas pelos ideais próprios de soldados ufanistas, que poderiam morrer no campo de batalha por sua Pátria, mas também por outros diversos motivos e objetivos, sendo o principal saírem da guerra sãos e salvos para voltarem às suas famílias.

Nesse sentido, o apoio dos familiares, a saudade de casa, a vontade de regressar com vida compunham algumas das motivações para enfrentarem as dificuldades do campo de batalha, que iam muito além dos combates diretos com as forças alemãs e italianas.

Um momento no qual os soldados poderiam diminuir suas “dores” da guerra e dar continuidade aos seus laços de união com o “mundo era quando escreviam para seus entes queridos, ou quando recebiam as suas cartas: “*Quando havia cartas, eu vinha buzinando desde longe. Era a nossa única alegria*”²³.

²¹ Na Itália, a FEB foi incorporada ao IV Corpo do 5º Exército Americano, entrando em combate em setembro de 1944, no vale do Rio Serchio, ao norte da cidade de Pisa e depois, no Vale do Rio Reno, sendo que nos Apeninos, enfrentou um rigoroso inverno, com muita neve, e temperaturas de até vinte graus negativos. Disponível em:

<http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=%2Fweb%2Fguest&_101_assetEntryId=&_101_type=content&_101_urlTitle=historico-da-feb&inheritRedirect=true>. Acesso em: 05 fevereiro 2020

²² MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010. p. 104.

²³ SILVEIRA, Joaquim Xavier. *Cruzes Brancas: diário de um Pracinha*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.

As cartas revelam subjetivos relatos das vivências dos praças na Segunda Guerra Mundial. Narrativas fundamentais que, em última instância, eram sinais de vida e de sobrevivência no front para a sua família e tropa. Como define Verónica Sierra Blas, *um documento particular que nos permite entrar no coração das pessoas para saber como vivenciaram os acontecimentos*.²⁴

Além disso, a proximidade do acontecimento ao redigi-las faz das correspondências uma “fonte” de qualidade significativa conferindo-lhe um privilegiado valor retórico testemunhal. Pontuadas por uma gama variada de assuntos que iam desde os corriqueiros: “como está o tempo, eu vou bem, e “Fulano / Beltrano?”, até impressões sobre a guerra e o estrangeiro, estas fontes relatam a partir de uma perspectiva subjetiva e não oficial, a vida dos pracinhas dentro da guerra.

No conteúdo das cartas elencadas para esta pesquisa, pôde-se perceber que as vivências ali reproduzidas revelam sentimentos como medos, temores e esperanças ao longo do conflito. Daí a proposta de lançar, por meio de um “homem comum”, um olhar social da guerra, mostrando seu “aspecto humano”, no qual o protagonismo é o do soldado de “baixa patente”.

Para tanto, a fonte histórica utilizada é composta por um conjunto inédito formado por seis cartas enviadas e recebidas por Jorge Martinho Prado do campo de batalha à sua família e vice-versa, postais, “santinhos”, carteiras da Estrada de Ferro Central do Brasil e fotografias.

Por “fonte histórica”, neste TCC, tomou-se a definição apresentada por Pedro Paulo Funari:

A noção mesma de fonte é originária do cientificismo que prevalecia no século XIX, preocupada que estava a História com a descoberta dos fatos verdadeiros. Fonte é uma metáfora, pois o sentido primeiro da palavra designa uma bica d'água, significado esse que é o mesmo nas línguas que originaram esse conceito, no francês, source, e no alemão, Quell. Todos se inspiraram no uso figurado do termo fons (fonte) em latim, da expressão “fonte de alguma coisa”, no sentido de origem, mas com um significado novo. Assim como das fontes d'água, das

²⁴ CONSTENLA, Texeira. *Querida História, te escrevo da guerra*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/cultura/1515164110_088216.html>. Acesso em: 10 fevereiro 2020.

*documentais jorrariam informações a serem usadas pelo historiador.*²⁵

O rol das cartas de Jorge Martinho Prado, como todos os demais documentos pessoais, foi gentilmente cedido pela família da colega de curso de História da PUC-Rio Juliana Sabatinelli, que por boa vontade me confiou o privilégio e honra de as estudar. Especificamente as cartas encontram-se em excelente estado de conservação, apesar das intemperes naturais e do desgaste próprio do tempo que contabiliza 75 anos de sua escrita, encontrando-se bem preservadas e com os emblemas oficiais de registro do sistema de envio militar do V Exército Norte-Americano legíveis. Sua avó, carinhosamente chamada por Jorge Martinho de “querida sobrinha”, se lembrou, segundo Sabatinelli, da troca de correspondências com o “Dindinho”.

Morador em Ramos, bairro de classe média do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, Jorge Martinho Prado se encaixava no perfil exigido para integrar as fileiras da FEB. Além de gozar de boa saúde, era alfabetizado e durante os dois meses em que participou do conflito escreveu (e recebeu) cartas para a família, que constituem aqui a substância principal para se apreender aspectos do conflito a partir de seu olhar e percepções.²⁶

Sua escrita pode ter sido uma tentativa de não se deixar cair no esquecimento, impedindo pelos seus registros que a distância e a censura se sobrepujassem a sua vontade de estar, quiçá de alguma maneira, próximo dos seus e de imprimir em sua escrita o cotidiano vivido na guerra. Além disso, pode ter sido uma forma de driblar a realidade cruel experienciada, ao chamar atenção, em uma passagem de sua primeira carta, que a guerra deixava apenas e tão somente um rastro de “*miséria e fome*”.

Nos escritos de Jorge, notam-se alguns detalhes da sua vida pessoal no Brasil. Provavelmente tenha nascido e se criado na capital Federal, pois torcia, de forma apaixonada, pelo Flamengo e que tenha sido o filho mais velho de dois

²⁵ FUNARI, P. P. *Fontes Arqueológicas. O historiador e a cultura material*. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 81-110. p.85.

²⁶ Interessante notar que, o Governo de Getúlio de Vargas, apesar de ter montado um forte aparato de censura, tanto no Brasil quanto na Itália, incentivava soldados e população civil a escreverem um ao outro.

irmãos, uma vez que, de forma recorrente, registrava sua preocupação sobre os vencimentos e se estes chegavam de forma correta às mãos de sua mãe, denotando uma prática comum dos filhos que eram arrimos de família.

Manifestava ainda um intenso sentimento paternal pelos seus sobrinhos, sempre perguntando por eles, de modo especial pela caçula sobrinha Marly. Como exemplo dessa especial atenção, interessava-se em saber como a menina estava no colégio e os pormenores vivenciados no seu dia-a-dia de criança e em contrapartida, lhe contava, em palavras cuidadosas, sobre o seu cotidiano na Itália. Para além destas preocupações, evidenciava um traço de desassossego expressado no recorrente envio de lembranças, beijos e abraços para todos que faziam parte da família.

Ao analisar suas cartas foi possível tatear os momentos em que confortava de forma mais contundente suas “dores da guerra” aflorando, por assim dizer, o seu lado mais humano. De modo especial, puderam ser observadas alterações no transcorrer de sua narrativa que, com o passar dos meses, ia conferindo um tom mais árido às palavras e aos sentimentos expressados.

No elenco dos assuntos abordados, pôde-se inferir de que forma as vivências na guerra e nos combates, a assimilação visual da miséria e as impressões do conflito eram internalizadas e externadas por aquele Praça.

Como aporte teórico-metodológico foram utilizadas obras referenciais de Ângela de Castro Gomes, Sue McKemmish e Marcio Seligmann Silva. A escolha destes três autores deveu-se fundamentalmente ao fato de apresentarem diferentes e complementares perspectivas sobre a escrita de si e a escrita diante do desastre e que possibilitaram o aprofundamento da compreensão documental desta pesquisa.

De modo específico, os subsídios teóricos pautaram-se no conceito de “escrita de si”, cunhado por Ângela de Castro Gomes na obra *Escrita de si, Escrita da História*²⁷; no conceito de “evidências de mim”, cunhado por Sue McKemmish na obra *Evidence of me*²⁸ e no conceito de “desastre e representação”, cunhado por Marcio Seligmann Silva na obra *História, memória, literatura: testemunho na Era*

²⁷ GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

²⁸ MCKEMMISH, Sue. *Evidence of me*. *The Australian Library Journal*, 45:3, pp. 174-187. Oct. 2013.

*das Catástrofes*²⁹. Os três autores revelaram-se fundamentais para a pesquisa pois, assinalam conceitos fundamentais para um entendimento mais profundo das cartas e seus conteúdos.

A obra publicada por Ângela de Castro Gomes, *Escrita de si, escrita da História*, destacou-se nas reflexões deste TCC, pois analisa a escrita do “eu” projetada nas cartas em um estudo profundo sobre o tema.

O livro revela-se sobremaneira importante por tratar das cartas e como aqueles que as escreveram o fizeram de forma predeterminada para o outro, formando uma simbologia do “si” e delineando os contornos de como se perceberiam nas cartas. Mostra ainda como as relações do seu autor com seu próprio texto têm uma perspectiva voluntária ou involuntária do “eu” escrito, na qual aquele que escreve pode estar construindo uma imagem que gostaria de externar a outrem levando-nos a considerar que Jorge Martinho Prado teve uma relação direta com o seu próprio texto escrito, mostrando à sua família uma força ou uma saudade ao qual ele parecia se apegar para manter-se vivo em meio ao combate.

Em *Evidências de mim...Novas Considerações*, Sue McKemmish propõe que as práticas do registro pessoal são uma espécie de testemunho, de construção do olhar sobre algum tema ou vivência, ou, um modo particular de memorializar e comprovar as vidas individuais e coletivas. A guarda da documentação seria então uma forma de encontrar a eternidade, situando seus autores no mundo, mostrando que eles são dotados de potência e ação onde as verdades se entrecruzam.

Esse “evocar da memória” é evidenciado quando aquelas se manifestam contadas, cantadas, dançadas, encenadas, registradas em cerimônias etc. Tal evocação seria uma das partes de uma verdade incompleta, falha que o documento traz em si, por ser a visão do seu autor.

A partir do momento em que há a reunião, seleção e acondicionamento o documento passa a ter um valor que o reveste da comprovação de seu registro material e imaterial, natureza probatória do registro. Entender que arquivar uma produção, seja ela carta, telegrama, postal ou qualquer outro objeto que seja enviado

²⁹ SILVA, Marcio Seligmann (Org.). *História, memória, literatura: testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

de uma pessoa a outra é então um sinal relevante de uma produção de memória afetiva pessoal.

Por este prisma, produzir e manter registros seria atestar as vidas e suas evidências, bem como representar, memorizar e situar a *persona* no mundo. Há, então a necessidade de atentar que os traços passados de um indivíduo nunca existiram de “forma integral”, tal qual pensamos/acreditamos possam ter sido.

Outro aspecto a destacar foi o caráter específico de verdade que demandou afastamento por tratar-se sobre a *escrita de si*, já que não há como argumentar que uma publicação tenha sido mais verdadeira que a outra, mas sim mostrar as diferentes formas de olhar manifestadas nos diferentes meios disponíveis ao soldado.

Por sua vez, Marcio Seligmann Silva sugere que a escrita é um dos meios que o ser humano tem para assimilar aquilo que não conseguiu ser assimilado na hora do conflito. Através de uma catarse, é transposto ao papel aquilo que se gostaria de estar vivendo ou sobre algo ocorrido, dando assim vazão a um sentimento represado.

A fim de historicizar e problematizar o tema em pauta, buscou-se nas obras dos historiadores César Campiani Maximiano, Roney Cytrynowicz³⁰ e Francisco César Alves Ferraz³¹ concepções de diferentes matizes da escrita epistolar. De forma específica, o interesse para o estudo aqui apresentado foi como os autores acima citados analisaram a forma como uma pessoa enxerga a si mesma quando escreve uma carta, aproximando a História e o soldado cidadão³².

Em *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*, Campiani apresenta, entre outros pontos, as dificuldades daqueles que partiram do Brasil rumo ao teatro de operações na Itália em relação ao enfrentamento do frio intenso, a falta de sono e as condições sub-humanas de

³⁰ CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem Guerra: a mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

³¹ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012.

³² Termo originalmente utilizado por Stephen Edward Ambrose em, *Citizen Soldiers: The U.S. Army from Normandy Beaches to the Bulge to the Surrender of Germany*.

sobrevivência, em contraposição à suposta alegação³³ de que a Força Expedicionária Brasileira estaria em “turismo de veraneio” na Europa³⁴.

O livro configurou-se como um marco na viragem dos estudos mais aproximados entre a Historiografia e o grande público, ao abordar elementos até então não contemplados sobre a história da FEB e dos praças.

Fruto de sua tese de doutoramento em História Social pela USP, o livro de Cytrynowicz *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial* destacou-se em nossas inquietações por pensar e relacionar o dia a dia dos civis que ficaram na cidade e que viveram a chamada “Guerra interna” e indicar como os estudos sobre o tema estão se voltando para a história social, a partir de dados da vivência civil e dos próprios civis para o seu esteio teórico.³⁵

Francisco Ferraz também foi essencial no diálogo bibliográfico estabelecido para este TCC por versar, em *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*, sobre o processo de reintegração dos retornados da guerra, a política governamental de esquecimento dos ex-combatentes e movimento contrário promovido por estes ao fundarem Associações de Veteranos da FEB em vários locais do território brasileiro. Seu livro, lançado em 2012, traz uma clara influência da História das Mentalidades ao mostrar como os ex-combatentes tiveram que se unir para ocupar um lugar deixado “em aberto” pelo governo federal.

Também de especial relevância para esta investigação foi o livro *A campanha da força expedicionária brasileira pela libertação da Itália*³⁶ de Durval de Noronha Goyos Jr.³⁷, especialmente no que se refere a contextualização da

³³ Seção “Certas notícias de certos jornais”, fascículo 3, jornal *O Cruzeiro do Sul*. p.10

³⁴ MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, Sujos e fatigado: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: GRUA, 2010. p.97.

³⁵ CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem Guerra: a mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

³⁶ GOYOS JUNIOR, Durval de Noronha. *A campanha da força expedicionária brasileira pela libertação da Itália*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

³⁷ Durval de Noronha Goyos Júnior é formado pela Faculdade de Direito da PUC-SP e pós-graduado em Direito Constitucional pela Hastings College of Law (Universidade da Califórnia, EUA), em Direito Comercial pela PUC-SP e em Língua e Civilização Italiana pela Unesp e especialista em Direito Internacional.

campanha da FEB na Itália, a ida dos soldados à Europa, o regresso à terra natal e os motivos que levaram o Brasil e soldados brasileiros a participarem de um dos maiores conflitos bélicos do século XX.

Ainda no rol de obras de historiadores não acadêmicos destaca-se *1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. No livro, seu autor João Barone, baterista da banda “Os Paralamas do Sucesso” e filho de um ex-combatente, escreve de maneira mais ampla sobre a Força Expedicionária, mesclando o tema com histórias do seu falecido pai. Ao logo da narrativa, Barone demonstra que o tema da FEB pode ser trabalhado com rigor de análise e crítica, mesmo quando feitos por autores não pertencentes ao campo da História, além de chamar a atenção para a participação do soldado (*persona*) como participante do conflito bélico.

Outras obras utilizadas, por tratarem de relatos deixados por aqueles que viveram o conflito foram: *As crônicas da guerra na Itália*, de Rubem Braga³⁸ e *Cruzes Brancas: diário de um pracinha*, de Joaquim Xavier da Silveira³⁹.

As crônicas discorrem sobre o dia a dia do soldado, com todo o cuidado para que não fossem censuradas tanto pelo aparato do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) quanto por membros do Exército Brasileiro, seus superiores, no Brasil na Itália. No livro, Braga tratou sobre temas variados, como a sua chegada na cidade de Nápoles, destino inicial da FEB, e a conversa que teve com um prisioneiro alemão. Balizado por seu olhar de jornalista, assinala a existência de três censuras⁴⁰ sobre o que era escrito, revelando um importante dado para se pensar a vigilância a que estavam submetidas as cartas dos pracinhas.

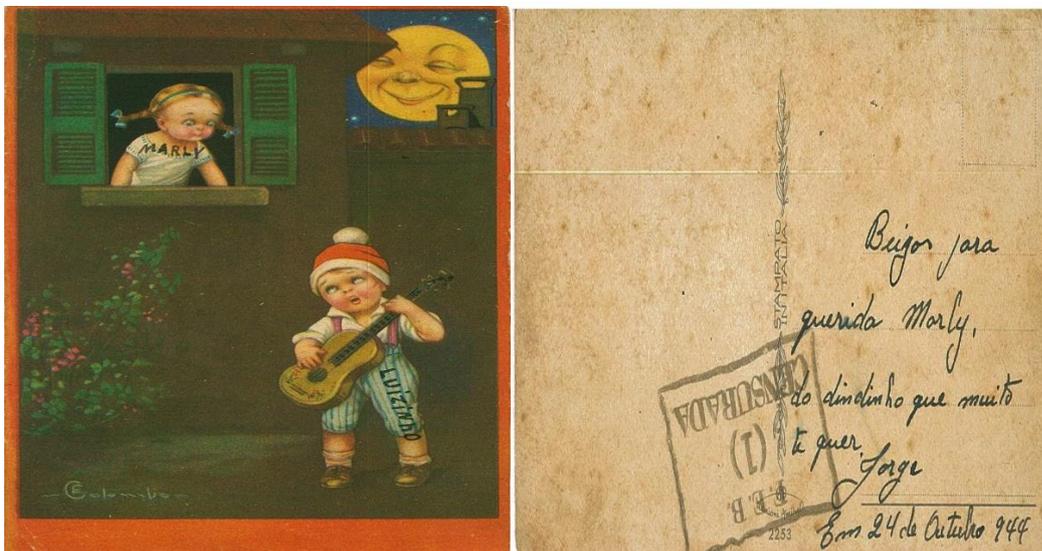
No caso deste estudo, as cartas de Jorge Martinho Prado, escritas sob cuidados intencionais, ou sem tal preocupação, a fim de não serem barradas pela censura, não parecem ter sofrido maiores reprimendas, seguindo ao destino final sem cortes, advertências ou quaisquer alterações, sendo a única exceção um postal endereçado a sobrinha Marly Prado que ficou retido com o carimbo “censurado”.

³⁸ BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. 7a Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

³⁹ SILVEIRA, Joaquim Xavier. *Cruzes Brancas: diário de um Pracinha*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.

⁴⁰ A censura das cartas que saíam do Brasil para a Itália, a censura do que saía da Itália para o Brasil e uma censura psicológica prévia, com uma cartilha, distribuída pelo DIP, do que poderia ser abordado.

Não conseguimos supor qual teria sido o argumento para que o censor aplicasse seu crivo, não permitindo que a correspondência seguisse até as mãos da pequena afilhada Marly.



Beijos para querida Marly, do dindinho que muito te quer, Jorge Em 24 de Outubro 1944.
(Acervo da família Sabatinelli)

Cruzes Brancas: diário de um pracinha, de Joaquim Xavier da Silveira é um livro reeditado pela editora do Exército Brasileiro. Resultante de um diário, traz dados sobre as vivências do autor sobre a guerra na qual participou como operador de rádio no combate de Monte Castelo e em outros que o regimento teve que enfrentar. Apresenta suas impressões pessoais sobre o conflito, sendo o início da escrita feito no embarque e o término na volta, no mesmo ponto de onde partira: o Distrito Federal.

E síntese, estes são os elementos que compõem o **TCC NÃO PERMITA DEUS QUE EU MORRA SEM QUE VOLTE PARA LÁ: uma análise das cartas do soldado Jorge Martinho Prado escritas na Segunda Guerra Mundial**. Tomando como primazia o humano na forma efetiva e sobrelevada das ciências humanas, seu conteúdo foi estruturado em três capítulos.

O primeiro capítulo, *A valsa brasileira e a dança com Adolf Hitler e Roosevelt* traz uma abordagem sobre a política em um apanhado mais geral, subdividido nos seguintes tópicos: 1. A política do Estado Novo e seu “flerte” pendular com os EUA e a Alemanha nazista; 2. A diplomacia varguista e o motivo

de sua aproximação aos aliados e 3. a projeção de poder brasileiro no cone sul e a decisão de partir para a guerra contra o Eixo.

No segundo capítulo, *Patrícios e Plebeus são chamados ao combate* o enfoque volta-se à constituição da FEB, com os seguintes tópicos: 1. Treinamento, efetivos e dificuldade operacional; 2. A constituição do corpo composto por soldados cidadãos e 3. A relação que os engajados tinham com a sua escrita para a família e quão importante para estes era essa ligação que somente a carta estabelecer.

O terceiro e último capítulo, *Frio, neve, choro e um sentimento que não se apagará* apresenta a análise das cartas do Pracinha Jorge Martinho Prado. Diferente dos capítulos anteriores, não está dividido em subtópicos. Sua exposição está configurada em uma linha narrativa única.

Após meses de combates, traduzidos em 239 dias de ação, a FEB fez mais de 20 mil prisioneiros alemães, mas teve 451 dos seus soldados mortos e aproximadamente 1,6 mil feridos, acidentados e desaparecidos em combate.⁴¹

Por fim, no sentido de contribuir criativamente para o conhecimento deste capítulo da História do Brasil, criamos o jogo de tabuleiro “*A Batalha da FEB*” como ferramenta de ensino (em forma de Metodologia Ativa) da História da Força Expedicionária Brasileira⁴² em anos do Fundamental e Médio.

Inspirado, em parte, na proposta do jogo WAR®⁴³, o jogo “*A Batalha da FEB*” tem como objetivo recriar as complexidades das alianças políticas e militares da época, consistindo em cinco exércitos e um grupo menor: o Exército Norte-Americano, inglês, FEB, Alemão e Italiano e um grupo de *partisans*.

O cenário do tabuleiro é o mapa do roteiro da FEB e, como escolha de ataque e defesa, o aluno (jogador) poderá optar pelas batalhas de Monte Castelo, Castelnuovo, Fornovo di Taro e Montese, consideradas as principais batalhas travadas pela FEB. **(Anexo No. 1)**

⁴¹ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, pp 197 – 203.

⁴² FEB: Força Expedicionária Brasileira. Foi uma força de combate organizada pelo Estado brasileiro com cerca de 25 mil homens que foi enviado para lutar em diversos pontos da Itália.

⁴³ *War*, jogo de tabuleiro lançado no Brasil pela empresa de brinquedos ‘Grow’ em 1972.

De modo geral, o jogo tem por objetivo mostrar o protagonista humano da guerra, podendo o jogador perder companheiros de pelotão e, ou, ter que tomar decisões que afetem o moral da tropa.

O jogo é estruturado em missões de ataque ou de defesa distribuídas em cartas, a partir das quais os jogadores devem montar o apoio logístico para que sua missão aconteça, podendo requisitar ajuda de aliados. Cada área do mapa italiano aponta algum bem natural, como madeira, alimento, ouro, entre outros, a fim de facilitar a montagem dos exércitos ou das barreiras para defesa. A estrutura do jogo conta ainda com uma série de curiosidades e informações adicionais para os jogadores aprenderem a História da FEB de forma lúdica, enquanto jogam. Essas informações podem ser “descobertas” no momento que houver conquista de território e para que isso ocorra há duas hipóteses: a primeira, não haver nenhum Exército dentro dela e a segunda, o ataque vencer por superioridade numérica ao lançar os dados.

O jogo começa com o pronunciamento do presidente Getúlio Vargas aos combatentes no momento do embarque para a Itália. Junto a isso, um curta-metragem sobre este episódio e algumas filmagens da sociedade brasileira à época. Sequencialmente, antes de cada missão haverá a leitura de cada carta escrita por Jorge Martinho Prado a sua família, bem como informações sobre as dificuldades enfrentadas pelos ex-combatentes ao irem a Itália, tais como frio, fome, febre, pé de trincheira, entre outras dificuldades da guerra. O jogo será no modo FPS⁴⁴, com o jogador servindo o lado brasileiro, independentemente de sua nacionalidade.

A validade de um ataque e uma defesa irá variar de acordo com a probabilidade dos dados. O jogo será composto por 6 dados, 3 de defesa e 3 de ataque, onde o somatório total, em caso de haver 3 contra 3, ditará o ganhador e o perdedor; em caso de haver 3 atacantes versus 1 defensor, apenas poderá ser jogado um dado por vez no ataque, valendo assim a regra anterior. Ao conceber a história como construção derivada de conhecimento e prática social que redimensiona relações entre passado e presente, acreditamos que o jogo pode servir como uma instigante metodologia de ensino. No caso específico de “*A Batalha da FEB*”,

⁴⁴ Nomenclatura dada no meio do desenvolvimento de jogos para Jogos de Tiro em Primeira Pessoa, em inglês (*First Person Shooter*).

além de possibilitar um aprendizado significativo deste evento acreditamos provocar reflexões sobre a guerra em sua forma real.

CAPÍTULO I

2. A valsa brasileira e a dança com Adolf Hitler e Roosevelt

2.1 Um Estado não tão novo assim

Quarta-feira, 10 de novembro de 1937. Sob a alegação que a Constituição de 1934 estava “antedatada em relação ao espírito do tempo”, o presidente Getúlio Vargas apresentava à nação uma nova carta constitucional baseada na centralização política, no intervencionismo estatal e num modelo antiliberal de organização da sociedade.⁴⁵

Naquela noite, Vargas dirigiu-se ao povo brasileiro em um discurso que foi lido e irradiado do Palácio Guanabara para todo o país. Em seu conteúdo apresentou as razões das medidas tomadas apontando: As exigências do momento histórico e as solicitações do interesse coletivo — O Governo e a restauração econômica e financeira — A obra da justiça social — Os velhos e novos partidos — Os nossos agrupamentos partidários tradicionais não exercem a verdadeira função dos partidos políticos — O sufrágio universal como instrumento dos mais audazes — As novas formações partidárias surgirão em todo o mundo refratárias aos processos democráticos — A organização constitucional de 1934 — A Câmara dos Deputados não conseguiu até agora ultimar as leis complementares constantes da Mensagem do Chefe do Governo Provisório, de 10 de abril de 1934 — O Senado permaneceu no período da definição de suas atribuições — Os defeitos de estrutura do próprio órgão legislativo — Desaconselhável a manutenção desse aparelho inadequado e dispendioso — Vinte anos de artificialismo econômico — O equipamento das vias férreas do país — As forças armadas precisam de aparelhamento eficiente — A nova Constituição — A lição dos acontecimentos —

⁴⁵*Repensando o Estado Novo*. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p.10.

A campanha presidencial não encontrou repercussão no país — Necessário e urgente optar pela continuação do Brasil.⁴⁶

Consolidava-se o regime autoritário que perduraria até 29 de outubro de 1945.

**PROMULGADA
NOVA CONSTITUIÇÃO** EDIÇÃO DAS 14 HORAS

AUTOMATICAMENTE FECHADOS CAMARA E SENADO

Falará, á Nação, pelo radio, o presidente da Republica

Recebemos a seguinte nota official: "Regressando da reunião realizada hoje pela manhã no Palácio Guanabara, o Sr. ministro da Justiça declarou aos representantes da imprensa acreditados junto ao seu gabinete que acabava de ser promulgada a nova Constituição da Republica, que ainda hoje será publicada. Ipso facto acham-se dissolvidos o Senado e a Camara Federaes, bem como as Assembléas Legislativas dos Estados e as Camaras Municipaes. Às 8 horas da noite o presidente da Republica falará á Nação pelo radio."

O GLOBO

ANNO XIII — N.º 3531 FUNDADO DE IRINEU MARINHO Quarta-feira, 10 de novembro de 1937

Director-Administrador—HERBERT MOSES Director-Redactor-Chefe—ROBERTO MARINHO Director-geral—A. LEAL DA COSTA

Officina a morning

Jornal O Globo, quarta-feira, 10 de novembro de 1937⁴⁷

E naquele contexto, Jorge Martinho Prado esteve inserido, motivo pelo qual se faz necessário conhecer de forma mais aproximada seus elementos políticos, sociais e históricos e os meandros que os interligaram e definiram suas feições.

⁴⁶ Presidência da República Casa Civil Secretaria de Administração Diretoria de Gestão de Pessoas Coordenação – Geral de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca. Biblioteca da Presidência da República. Proclamação ao povo brasileiro (lida no Palácio Guanabara e irradiada para todo o país, na noite de 10 de novembro de 1937). p.3

⁴⁷ *Apagão Getulista*. Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 10 novembro de 1937. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/apagatildeo-getulista-8894834>>. Acesso em 20 fevereiro 2020.

O regime, nomeado “Estado Novo”, é considerado um período bastante ambíguo de nossa História, já que ao longo dos seus oito anos de vigência, Getúlio Vargas, habilmente, conseguiu agregar para si destacada autoridade e prestígio em um alargado círculo que abarcava tanto os trabalhadores quanto os setores mais altos da sociedade brasileira. Como descreve o historiador Carlos Guilherme da Mota, “*ambiguidade, era a característica dessa República*”⁴⁸.

Para entendermos melhor o Estado Novo e a sua aproximação aos setores bélicos da sociedade, há que se recuar no tempo.

Em 3 de outubro de 1930 eclodiu a revolta civil e militar, deflagrada simultaneamente em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, sendo liderada pela Aliança Liberal – A.L.

O apoio militar recebido pelos liberais veio de jovens oficiais das forças armadas, junto com batalhões da força pública, antigo nome dado a Polícia Militar. O tenente-coronel Pedro Aurélio Góes Monteiro, que à época não contava com muita expressão política, mas que contava com um bom relacionamento no meio militar, comandou os ataques nas mais diversas regiões do país.⁴⁹

Após sucessivos ataques-relâmpagos, as tropas da A.L. seguiram rumo ao Rio de Janeiro, afim confrontar o então presidente Washington Luiz. Na manhã do dia 24 de outubro, sitiado no Palácio Guanabara, encerrava-se o governo legalista.⁵⁰

Passados nove dias, a Junta governativa provisória entregava o poder a Getúlio Vargas, e este movimento político alteraria sobremaneira as condutas governamentais do país.

Tão logo o controle do poder executivo foi assumido principiaram as mudanças de cunho centralizador. O Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Assembleias Municipais foram dissolvidas, a imprensa de oposição fora censurada e políticos eleitos no governo anterior cassados.

Vargas entendeu que para manter-se no poder teria que aprofundar as alterações no sistema político, mesmo após as mudanças iniciais assinaladas. Nesse sentido, baixou decretos que o favoreceram, como descreve Lilia Moritz Schwartz:

A agenda incluía quase todos os pontos defendidos pela Aliança Liberal, e foi implementada através de uma profusão de

⁴⁸ MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: editora 34, 2016. p. 656.

⁴⁹ SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 359.

⁵⁰ SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 361.

*decretos: anistia aos tenentes, remodelamento do Exército, criação dos ministérios do trabalho, indústria e comércio, e da educação e saúde pública, reforma do ensino e da educação pública*⁵¹.

Em 1934, após oito meses de trabalho, a nova Constituição do Brasil era aprovada e no dia seguinte, por meio de voto indireto, Getúlio Vargas era eleito pelos deputados para exercer as funções de Presidente da República

Contudo, não se deve esquecer que o Brasil se encontrava mergulhado em um cenário global de retração econômica, derivado da quebra da Bolsa de Valores estadunidense em 1929. Daí que, em um panorama mais amplo, a proliferação de ditadores mundo afora não tenha decorrido tão somente pela percepção de que o capitalismo estava patinando e que aos poucos definharia, caso não houvesse um intervencionismo estatal mais agudo.⁵²

Subsequentemente, os distúrbios e os choques de ideias moldariam duas décadas de combates com um inédito conceito de política: o totalitarismo.

No Brasil, o fascismo, com suas peculiaridades, anunciou-se de forma clara em 1932, com a Ação Integralista Brasileira (AIB)⁵³. O integralismo seguia as premissas de partidos totalitários de “mundo afora”, era um partido de massas, corporativista, que cultuava uma liderança política específica e o pleno domínio do Estado sobre os demais setores sociais, tal como um discurso antisemita.⁵⁴

Vargas se aproveitou enquanto pode das proposições integralistas, observando positivamente a exaltação de colaboração de classes, a exaltação de um ideal corporativo, assim como a exaltação de valores nacionais, porém não parecia disposto a confiar em um movimento que, cedo ou tarde, tentaria governar o país em seu lugar.⁵⁵

Um exemplo de como as correntes “mais à direita” do espectro político cativaram a cúpula varguista foi a figura do General Góes Monteiro, para quem o fascismo italiano representava a melhor alternativa ideológica e prática para a ação modernizadora do país.⁵⁶

⁵¹ SCHWARTZ, Lília Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 362.

⁵² SCHWARTZ, Lília Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 367.

⁵³ SCHWARTZ, Lília Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 367.

⁵⁴ SCHWARTZ, Lília Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 367.

⁵⁵ SCHWARTZ, Lília Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 368.

⁵⁶ SCHWARTZ, Lília Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 368.

O Estado Novo partilhava de traços comuns a outros regimes totalitários e, segundo Lilia M. Schwartz, algumas características tornavam-se mais evidentes:

a ênfase no poder Executivo personificado numa liderança única; a representação de interesses de grupos e classes sociais num arranjo corporativo, isto é, sob a forma de uma política de colaboração entre patrões e empregados, tutelada pelo Estado; a crença na capacidade técnica posta a serviço da eficiência do governo e acompanhada da supressão do dissenso.

Como forma de concretizar seus propósitos, o governo trouxe para si, a figura tutelar do mundo do trabalho, em que a “base” do novo modelo a mediar a relação patrão e empregado era o corporativismo.

Na pesquisa ora apresentada, entender o “mundo do trabalho” na organização do Estado Novo reveste-se de expressivo significado, uma vez que aquela relação também foi refletida na constituição da Força Expedicionária Brasileira.⁵⁷

Ainda que Estado Novo não fosse *de per se* um governo fascista, ou uma reprodução daquele regime, o modelo de sociedade e das relações trabalhistas aspirados por Getúlio Vargas inspirou-se na “*Carta del Lavoro*”, uma série de leis trabalhistas elaboradas pelo regime fascista italiano.

Em 1º. de maio de 1941, nas comemorações do Dia do Trabalho, Vargas instituiu a Justiça do Trabalho. Sob a regência do Maestro Villa-Lobos, o evento foi marcado por simbolismos que identificavam e significavam as relações entre trabalhadores e patrões da Nação e pelo célebre discurso no estádio de São Januário, ou do Vasco da Gama, que ficaria marcado por gerações.

Em 1941 São Januário foi mais uma vez o palco das principais celebrações do Primeiro de Maio. Às 15 horas Getúlio adentrava o gramado do estádio em carro aberto, sob grande ovação. Após a execução de O Guarani pela orquestra sinfônica do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro, teve início um desfile de atletas operários, com seus respectivos uniformes de ofício. Seguiram-se demonstrações atléticas de grupos militares e uma performance de bailarinos do Teatro Municipal. Logo depois, Valdemar Falcão fez seu último discurso no Dia do Trabalho como Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio. Getúlio Vargas proferiu então seu discurso, instituindo a Justiça do Trabalho, anunciada exatamente dois anos antes. Logo depois, Vargas se retirou do estádio juntamente com seus ministros, dando mais uma volta junto ao campo em carro aberto,

⁵⁷ SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 375.

saudando a multidão. Naquele ano, as festas continuaram após a saída do Presidente, com a realização de um jogo entre selecionados de atletas profissionais de times da Zona Sul contra os de times da Zona Norte da cidade. O jogo terminaria com a vitória por 6x5 do selecionado Zona Sul. As equipes eram assim formadas:

ZONA SUL: Maia (Fluminense); Norival (Fluminense) e Machado (Fluminense); Laxixa (Botafogo)/Jocelino (Flamengo), Jaime (Flamengo) /Og (Fluminense) e Afonsinho (Fluminense); Sá/Amorim), Zizinho (Flamengo), Carvalho Leite (Botafogo), Nandinho (Flamengo) Tim (Fluminense) e Hercules (Fluminense).

ZONA NORTE: Chiquinho (Vasco)/Francisco (Bonsucesso); Jau (Vasco) e Florindo (Vasco)/Osvaldo (Vasco); Otacilio (Madureira), Bibi (Bonsucesso) e Argemiro (Vasco); Lula (Bangu), Lelé (Madureira), Isaias (Madureira), Jair (Madureira) e Orlando (Vasco).⁵⁸



Vargas chega ao estádio São Januário em carro aberto.⁵⁹

⁵⁸DRUMOND, Maurício. *Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de maio*. História(s) do Sport. Disponível em: <<https://historiadosporte.wordpress.com/2012/02/13/getulio-vargas-sao-januario-e-o-1o-de-maio/>>. Acesso em 23 fevereiro 2020.

⁵⁹DRUMOND, Maurício. *Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de maio*. História(s) do Sport. Disponível em: <<https://historiadosporte.wordpress.com/2012/02/13/getulio-vargas-sao-januario-e-o-1o-de-maio/>>. Acesso em 23 fevereiro 2020.

O Estado Novo, assim como outros regimes ditatoriais, procurou por meio do corporativismo apresentar uma solução ao mundo do trabalho. Do palácio do Catete o Chefe do Executivo modernizava as relações trabalhistas, em um mundo que seguia o mesmo compasso.

De igual importância foi a intensificação do discurso voltado à dignificação do homem “de bem” e “chefe de família” pelo trabalho, em contraponto a figura do malandro, que passava para trás aqueles mais bobos que, descompromissado, vivia em bares, entregue a boemia e a uma vida desregrada, incompatível com as aspirações de uma nação que se pretendia moderna e grandiosa.

A política estadonovista se empenhou de várias formas para reverter a crença de que ser um bom malandro era um meio de vida. Exemplo disso pode ser observado na letra da composição de Ataulfo Alves e Wilson Batista, datada de 1940, intitulada de *O Bonde São Januário*, cuja letra original exaltava a figura do “malandro” ao dizer “*O Bonde São Januário / Leva mais um sócio otário / Sou eu que não vou trabalhar...*” e que, após ser censurada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, teve que ser alterada para “*O Bonde São Januário / Leva mais um operário / Sou eu que vou trabalhar...*”.⁶⁰

Outra versão, é a de que, por meio da irreverência popular (talvez do próprio Wilson Batista, flamenguista fanático), a música recebe uma paródia:

*O Bonde São Januário
leva um português otário
pra ver o Vasco apanhar.*

Não por acaso, o estádio do Vasco da Gama, mais conhecido por São Januário, é palco de inflamados discursos cívicos e patrióticos proferidos por Getúlio Vargas (1883 -1954) aos “trabalhadores do Brasil”, nas celebrações do dia 1º de Maio.⁶¹

O DIP, era o departamento responsável por tudo o que seria veiculado sobre o Estado Novo e a figura de Getúlio Vargas. Criado em 1939 e diretamente

⁶⁰ PEROSA, L.M.F.L. *A hora do clique: análise do programa de rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República*. São Paulo: Annablume: ECA-USP, 1995.p.45-46.

⁶¹ *O Bonde de São Januário*. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69158/o-bonde-de-sao-januario>>. Acesso em 23 fevereiro 2020.

subordinado ao presidente, contava com seis subseções: propaganda, radiodifusão, cinema e teatro, turismo, imprensa e serviços auxiliares; possuía órgãos filiados nos estados e era dirigido pelo jornalista Lourival Fontes, cuja lealdade a Vargas não era posta em questão.⁶²

*Constituiu-se, desta forma, no porta-voz oficial do regime. Foi extinto em 25 de maio de 1945, pelo Decreto-Lei nº 7.582, que criou o Departamento Nacional de Informações (DNI).*⁶³

Parte integrante daquele conjunto, o programa "Hora do Brasil" havia sido criado em 1938. Com periodicidade diária, duração de uma hora e transmissão para todo o país, trazia um conteúdo destinado a divulgar os principais acontecimentos nacionais.

A partir de 1939, o programa passou a ser feito sob a coordenação e responsabilidade do DIP.

*O programa destinava-se a cumprir três finalidades: informativa, cultural e cívica. Além de informar detalhadamente sobre os atos do presidente da República e as realizações do Estado, "Hora do Brasil" incluía uma programação cultural que pretendia incentivar o gosto pela "boa música" através da audição de autores considerados célebres. A música brasileira era privilegiada, já que 70% do acervo eram de compositores nacionais. Comentários sobre a arte popular, em suas mais variadas expressões regionais, e descrições dos pontos turísticos do país também eram incluídos na programação. Quanto à parte cívica, era composta de "recordações do passado", em que se exaltavam os feitos da nacionalidade. Nas peças de rádio teatro, para as quais eram convidados os mais destacados dramaturgos da época, como Joraci Camargo, enfocavam-se dramas históricos como a retirada da Laguna, a abolição da escravidão e a proclamação da República.*⁶⁴

O regime estado novista traçava assim um quadro identitário nacional onde se destacavam dois de seus principais pilares: o trabalho e as “raízes nacionais”,

⁶² SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 376.

⁶³ ARAUJO, Rejane. *Departamento de Imprensa e propaganda (DIP)*. FGV CPDOC. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>>. Acesso em: 27 fevereiro 2020.

⁶⁴ *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945)* > "Hora do Brasil". FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/HoraDoBrasil>>. Acesso em 27 fevereiro 2020.

estas representadas pelo samba, futebol, comidas consideradas “típicas” do Brasil e pelas religiões de matriz africanas.

A intelligentsia estadonovista, através da sua máquina de propaganda, faz do rádio seu principal veículo de comunicação com a população brasileira, o programa Hora do Brasil, de forma direta, e a Rádio Nacional, indiretamente, suturam a identidade brasileira por meio do conteúdo de seus programas que irradiavam, além de músicas, a literatura, a história e a geografia nacionais, destacando principais personagens para a constituição da memória coletiva e, principalmente colocando em sintonia e conexão milhares de dispersos brasileiros, construindo, dessa forma, a comunidade imaginada Brasil.⁶⁵

Inaugurado em 1939, com composição “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso e interpretação de Francisco Alves, o gênero de maior destaque nos quadros musicais da “Hora do Brasil” foi o chamado “samba-exaltação”. Em sintonia com a ideologia varguista, a modalidade trazia temas de cunho patriótico nos quais eram enaltecidas as belezas naturais do país, a “brasilidade mestiça” e o entusiasmo ao trabalho.⁶⁶

Outra preocupação latente era o comércio interno e externo do Brasil com sua política pendular. Vargas tentava tirar o máximo de vantagens dos dois lados da moeda, tanto dos aliados, quanto do Eixo.

2.2 O algodão *Brasilianer*

A economia global após 1929 ganhou contornos muito específicos, resultantes da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, que iriam moldar os vínculos entres os países ocidentais até o fim da Segunda Guerra Mundial. Após a grande depressão, a autarquia de blocos comerciais, o bilateralismo e os acordos de compensação ganharam fôlego e é dentro dessa perspectiva que Getúlio Vargas,

⁶⁵ PEREIRA, Maria Fernanda de França. *O samba de exaltação: Convergências e conflitos na construção discursiva da identidade nacional*. Revista Teoria e Cultura. Juiz de Fora, v. 7, n. 1/2, p. 103 a 119, jan./dez. 2012. p.117.

⁶⁶LUCENA, Felipe. *História do samba-exaltação*. Disponível em <<https://diariodorio.com/historia-do-samba-exaltacao>>. Acesso em 29 fevereiro 2020.

Franklin Delano Roosevelt, Adolf Hitler, entre outros, pautaram as suas políticas econômicas⁶⁷.

A conexão entre Brasil e Alemanha se constrói a partir da influência da imigração alemã e italiana nas terras brasileiras em meados dos séculos XIX e XX. Na década de 1930, juntou-se àquele estreito *laço de sangue* que sobrepunha a distância imposta pelo Atlântico, a necessidade dos governos brasileiro e alemão em expandir seus comércios.

Conforme apontado pelo estudo de Antônio de Moraes Mesplé, intitulado “*A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*”, a Alemanha tinha a necessidade de mudar o enfoque de suas parcerias comerciais, pois o país do centro europeu estava privado de suas colônias, exaurido por suas obrigações do acordo de Versalhes e ademais era auto suficiente em apenas 4 de 25 matérias primas essenciais⁶⁸.

Para o autor, a política do III *Reich* teve dois objetivos principais: o primeiro, “*ampliar o intercâmbio com os países agrícolas*” e o segundo, “*substituir o comércio com países relativamente ricos pelo comércio com países relativamente pobres.*”⁶⁹. Tão logo foi tomada essa decisão, o governo hitlerista mirou na América Latina, em caráter comercial, porém esta região, aos olhos germânicos, tinha apenas uma importância temporária no que tange as transações, porque em caso de guerra, era previsto que a *Kriegsmarine* não sustentasse suas rotas.

Aliado a vontade do *Reich*, o Brasil possuía uma elite agrária que frequentava os corredores palacianos do Estado Novo. Tal classe, não raro forçou um estreitamento de laços comerciais com o país do centro da Europa, para que tivessem, em um cenário de retração global, um aumento na exportação, que beneficiaria os dois países.

Para que entendamos como foi possível uma relação mais íntima entre o Catete e *Wilhelmstrasse*, é necessário antes observamos que as trocas comerciais eram pagas em uma moeda específica, a *askimark* ou “marco de compensação”⁷⁰.

⁶⁷ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 19, 1989.

⁶⁸ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 19, 1989.

⁶⁹ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 19, 1989.

⁷⁰ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 20, 1989.

Esta moeda tinha um poder limitado de compra dentro do *Reich*, uma vez que sua atividade ficava condicionada a certos produtos escolhidos pela política alemã, forçando os países que vendiam à Alemanha a comprarem dela de novo. Por conseguinte, o crescimento da indústria do *Reich* foi fomentado por este mecanismo.

Entre 1934 a 1939 todos os acordos celebrados entre o Brasil e a Alemanha estiveram sujeitos a política de compensação⁷¹. O corolário dos produtos brasileiros que iam ao país teutônico, sem dúvida, foi o algodão, pois, o então maior fornecedor daquele país, os Estados Unidos se recusaram a negociar em marcos compensatórios.

Portanto, o Brasil não só apareceu como fornecedor para suprir a demanda do país europeu como aceitou que o comércio fosse feito através de compensações. Porém, esse contrato sofreu algumas retaliações por parte dos estadunidenses que alegaram *dumping*⁷². O protesto dos EUA acompanhou todo o processo de crescimento e eclipse das trocas comerciais entre Brasil e Alemanha.

O algodão exportado para a Alemanha “hitlerista”, seguiu uma demanda crescente entre 1932 e 1939 e a exportação brasileira subira de meros 1% para 19,1% na véspera do rompimento do comércio com o país europeu.⁷³

Entende-se que, no período era vantajoso para o Brasil expandir seu comércio exterior e três pilares podem ser identificados como principais: os exportadores, os importadores e comerciantes nacionais e o Exército brasileiro.

No caso dos exportadores, ter um Estado para efetivar suas trocas comerciais era pertinente, pois não mais dispunham de mercados alternativos para seus produtos. Já para importadores e comerciantes, os produtos oriundos da Alemanha eram atrativos pois, eram economicamente competitivos, se comparados aos seus similares de outros países e por último, mas não menos importante era o

⁷¹ABREU, Marcelo de Paiva. *Comércio de compensação*. FGV CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comercio-de-compensacao>>. Acesso em 4 março 2020.

⁷² Quando o preço de um determinado produto em comércio internacional é inferior aos seus similares, tornando-o mais atrativo para compra.

⁷³ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 19, 1989.

Exército brasileiro, para quem o marco compensatório criava uma condição favorável para que fosse possível seu reequipamento.⁷⁴

A elite militar ansiava por uma modernização do E.B, para que o país pudesse fazer frente à Argentina na Bacia do Prata. Tendo em vista contrabalancear a hegemonia de poder do país na América do Sul, que ademais tinha, a época o Exército mais bem treinado da região.⁷⁵

Em 1935 o comércio teuto-brasileiro crescera 50%, esse crescimento não cessaria até 1938 e, até 1939, portanto, um ano antes do início da Segunda Guerra Mundial, “o Brasil foi o principal consumidor de produtos alemães fora da Europa, o nono em valor de compras”⁷⁶.

Para se ter uma noção da importância que os tratados com a Alemanha tinham, em 1939, o Brasil fornecia não menos de 27% de todo o algodão consumido pela indústria alemã. A Alemanha nazista passou a enxergar o Brasil como um parceiro promissor para redirecionar as importações de diversas matérias primas.⁷⁷ Além disso, aqui havia uma numerosa população de germânicos e seus descendentes no sul do Brasil e a Ação Integralista Brasileira estava em alta, contando com a participação de militares e altos funcionários de cargos públicos⁷⁸.

Disso resultou a postura de Vargas em estreitar seus laços comerciais com o velho continente, mostrando que não estava muito convencido em ceder às pressões norte-americanas.

2.3 “O Brasil, sem ufanía, tem um futuro imenso que escapa a nossa visão”⁷⁹

Na contramão dos acontecimentos abordados no tópico anterior, os Estados Unidos da América já observavam com uma certa apreensão o desenrolar

⁷⁴ ⁷⁴ABREU, Marcelo de Paiva. *Comércio de compensação*. FGV CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comercio-de-compensacao>>. Acesso em 4 março 2020.

⁷⁵ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 30, 1989.

⁷⁶ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 24, 1989.

⁷⁷ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 24, 1989.

⁷⁸ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 24, 1989.

⁷⁹ *Quem disse*. Disponível em: <<https://quemdisse.com.br/frase/o-brasil-sem-ufania-tem-um-futuro-imenso-que-escapa-a-nossa-visao/24930/>>. Acesso em 20 junho 2020.

dos eventos globais que iriam culminar na Segunda Guerra Mundial e assim trataram de assegurar seu raio hegemônico ao sul da linha do Equador. Para aquele país, o grande momento no “jogo de xadrez” do comércio internacional foi no ano de 1940.

Com a queda da França, o cenário geopolítico configurava-se comprometido para os norte-americanos. O governo francês do Marechal Philippe Pétain rompera relações com a Grã-Bretanha após o “incidente” de Mers-el-Qébir, local onde as forças inglesas inutilizaram grande parte das belonaves francesas.⁸⁰

Este rompimento, mais que diplomático, colocou os Estados Unidos e o abastecimento das tropas inglesas em xeque já que, de Dakar, a Alemanha poderia cortar a rota comercial do Cabo da Boa Esperança. Não tardou a situação tornar-se insustentável levando o governo estadunidense a buscar soluções rápidas.⁸¹

Devido a sua posição geoestratégica no globo, O Brasil foi então alçado a uma condição de potência, pois na eventual queda de Gibraltar e das Canárias em “mãos germânicas”, restaria tão somente o nordeste brasileiro para abastecer as forças inglesas com o material bélico norte-americano.

Com a neutralização das colônias francesas na África Ocidental, restou aos Estados Unidos pressionar o Brasil para que cedesse as suas bases aéreas no Nordeste a fim de prover a defesa do Atlântico Sul.

Se a percepção de uma urgência era clara aos Estados Unidos, o Brasil não compartilhava da mesma celeridade. Por esta época, 1940, Vargas mantinha encontros secretos com o então embaixador da Alemanha no Brasil, o senhor Prufer, a fim de assegurar, pessoalmente, boas relações.⁸²

Todavia, nos bastidores da política externa brasileira estavam Oswaldo Aranha e Summer Welles que, em consonância, conseguiram habilmente mediar as divergências que “travavam” o avanço das negociações entre os dois países da América. O acordo firmado em 1941 respeitava a soberania brasileira, porém

⁸⁰ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 26, 1989.

⁸¹ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 26, 1989.

⁸² MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 27, 1989.

permitia que os Estados Unidos, através de sua subsidiária “Panair do Brasil”, construísse aeroportos para o abastecimento de guerra ao norte-africano.⁸³

Uma outra característica do tratado entre Brasil e Estados Unidos foi a segurança em prosseguir a construção da Companhia Siderúrgica Nacional. Vargas permitiu concessões graduais ao país norte-americano, construção de aeroportos, patrulhamento marítimo e mudanças no centro comercial exportador do Brasil no intuito de assegurar uma sinalização a Washington que o próprio ditador era a opção política mais segura para colocar em prática os termos do tratado assinado pelos dois países.⁸⁴

A fundação da Companhia Siderúrgica Nacional atrelava-se a premissa que o país deveria ser auto suficiente em produzir a sua própria indústria siderúrgica. Nesse sentido, todo o processo esteve interseccionado às dificuldades financeiras que a economia global enfrentara após a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929.

Após o choque inicial das falências e insolvências generalizadas, os Estados tomaram para si a responsabilidade de gerir a economia nacional, se afastando de uma ideia de liberalismo econômico.⁸⁵

A princípio, foi firmada uma parceria entre o Brasil e a empresa *U.S. Steel* para a implantação da CSN. Entretanto, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial e a consequente concentração dos esforços de guerra, no interior de cada país envolvido no conflito bélico, a empresa norte-americana a abandonou o processo de construção conjunta ⁸⁶.

Após a saída da *U.S. Steel* do processo de criação unitário com o governo brasileiro, coube ao Estado Vargasista buscar soluções para o problema que se impunha. Tais dificuldades levaram o presidente a desistir de ações mistas com empresas estrangeiras, optando por criar uma comissão executiva do Plano Siderúrgico Nacional.

⁸³ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 28, 1989.

⁸⁴ MESPLÉ, Antônio de Moraes. *A política externa brasileira numa era de conflito pela hegemonia mundial (1935-1942)*. Cadernos do IPRI. Brasília, n.2. p. 28, 1989.

⁸⁵ *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) > negociação do alinhamento*. FGV CPDOC. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>>. Acesso em 15 março 2020.

⁸⁶ *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) > negociação do alinhamento*. FGV CPDOC. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>>. Acesso em 15 março 2020.

Vargas optou por pedir empréstimos ao estrangeiro, dando preferência ao norte-americano *Exibank*, pelo montante de 20 milhões de dólares⁸⁷. As negociações resultaram tortuosas e os Estados Unidos, apesar de almejarem o Nordeste brasileiro, tal como o reaparelhamento das Forças Armadas, não estavam dispostos a aceitar a quebra do monopólio da produção do aço, caso fosse aceito a construção da siderúrgica⁸⁸.

Para colocar um ponto final nas “intermináveis” negociações que emperravam o início da construção da siderúrgica, Vargas fez um pronunciamento a bordo do navio *Minas Gerais*, no ano de 1940. Essa exposição pró Eixo forçou os Estados Unidos a liberarem o crédito em troca do acesso aos locais geoestratégicos nordestinos.⁸⁹

Em 9 de Abril de 1941 com a realização da Assembleia Geral para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional os laços políticos e econômicos com os Estados Unidos foram fortemente estreitados.⁹⁰

Além da CSN, para a cúpula das forças armadas, uma importante cláusula se fazia indispensável: a modernização hierárquica e armamentista do Exército. No sentido de evitar uma possibilidade de queda, Vargas cedeu aos anseios dos militares passando a modernização das forças armadas brasileiras, com base na doutrina norte-americana, a ser fortemente considerada.

Para a cúpula militar brasileira cabia aos cidadãos a defesa de seu próprio território, deslocando para segundo plano a intenção norte-americana de capitanear a defesa do Nordeste, mas para que houvesse tal ação, foi necessária a incorporação de modernos equipamentos bélicos oriundos dos Estados Unidos⁹¹.

Getúlio Vargas começava a perceber que sua estabilidade e continuidade no poder passava, necessariamente por atender as demandas das cúpulas militares, ou seja, reequipar as forças armadas. Após as reuniões dos chanceleres, realizadas

⁸⁷ *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) > negociação do alinhamento*. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>>. Acesso em 15 março 2020.

⁸⁸ MOREIRA, Regina da Luz. *CSN: Uma decisão política*. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/CSN>>. Acesso em 17 março 2020.

⁸⁹ MOREIRA, Regina da Luz. *CSN: Uma decisão política*. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/CSN>>. Acesso em 17 março 2020.

⁹⁰ MOREIRA, Regina da Luz. *CSN: Uma decisão política*. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/CSN>>. Acesso em 17 março 2020.

⁹¹ *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) > Negociações e alinhamento*. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>>. Acesso em 18 março 2020.

no Rio de Janeiro, foi firmado um pacto entre as duas capitais, onde, ficou explícito o alinhamento político diplomático com os aliados mediante o rearmamento brasileiro.

Em março de 1942 consolidava-se o que ficou conhecido como os “*Acordos de Washington*”⁹², que previam o envio de armas e munições pelo montante de 200 milhões de dólares. De modo geral, tratava-se de uma permuta entre matérias primas brasileiras e produtos de valor agregado norte-americano.

O acordo fora bem pactuado, mas sua efetiva implementação deu-se com a criação da FEB, quando enfim foi colocado em prática o uso de todo o rol de equipamentos disponíveis aos brasileiros.

CAPÍTULO II

3. Patrícios e plebeus são chamados ao combate

3.1 A mão de Caxias sobre os brasileiros.

A criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) decorreu diretamente das políticas internacionais nas quais o Brasil estadonovista estava entrelaçado.

Um delas foi o desdobramento do ataque do Japão à base naval norte-americana de Pearl Harbor e do posicionamento do governo brasileiro em favor dos EUA, com a realização da Terceira Reunião de Consultas dos Ministros das Relações Exteriores das nações americanas em 15 de janeiro de 1942 no Rio de Janeiro, presidida pelo chanceler Oswaldo Aranha, na qual a maioria dos Estados participantes⁹³ decidiu romper formalmente relações diplomáticas com os países

⁹² *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) > Negociações e alinhamento*. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>>. Acesso em 19 março 2020.

⁹³ Segundo Jorge Luiz P. Ferrer, os Estados participantes foram: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, EUA, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, R. Dominicana, Uruguai, Venezuela. Desses países apenas Argentina e Chile decidiram pela neutralidade. FERRER, Jorge Luiz Pereira. *Análise das políticas externas da Argentina e do Brasil em relação à Alemanha, à Itália e aos Estados Unidos da América durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, 2013.

formadores do Eixo (Japão, Alemanha, Itália), mantendo relações inalteradas com estes países apenas Argentina e Chile.

Seguindo a tendência do continente americano, em 28 de janeiro, o Brasil rompia suas relações com a Alemanha e a Itália, declarando o estado de beligerância⁹⁴.



Detalhe da edição extra do jornal O Globo de 28 de janeiro de 1942.⁹⁵

Uma das consequências da medida foi a intensificação da vigilância e ameaça dos submarinos alemães e italianos no Atlântico Sul, tornando a área hostil para navegação de navios mercantes e militares. Aquelas embarcações, vanguarda

⁹⁴ JUNIOR, Durval de Noronha Goyos. *A campanha da força expedicionária brasileira pela libertação da Itália*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 65.

⁹⁵ Jornal O Globo. 28.01.1942. *Sob pressão Getúlio rompe com o Eixo. Apesar dos acenos que o Estado Novo chegou a trocar com o Reich, Vargas, sob pressão popular e dos americanos, aderiu aos Aliados. Mas o rompimento diplomático não era ainda uma declaração de guerra. Entre janeiro e agosto, quando o governo Vargas assumiu o "estado de beligerância" contra o Eixo, vários navios brasileiros foram atacados, alguns afundados e muita gente morreu. A pressão pela entrada do país na guerra foi às ruas. Manifestações se sucederam. Espiões começaram a ser caçados. Bares e restaurantes alemães foram apedrejados. Até que, logo depois do "estado de beligerância", veio, em 31 de agosto, a declaração de guerra.* Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/sob-pressatildeo-8898987>>. Acesso em 20 março 2020.

da tecnologia de guerra subaquática, seguiam os planos desenvolvidos pelos seus governos de ataques ostensivos aos navios mercantes, levando a pique 32 navios e o conseqüente óbito de cerca de 937 militares e civis⁹⁶.



O Globo, 18 de agosto de 1942.⁹⁷

Como esclarece Ricardo Bonalume Neto, o afundamento sistemático dos navios mercantes levou a uma série de exigências por parte da população civil brasileira como resposta imediata a esses ataques.

⁹⁶GONDIM, Zaira Carla Alves. *O Brasil e a Segunda Guerra: a atuação da FEB*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes: Departamento de História, 2003.2. Disponível em <<http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/369/1/O%20BRASIL%20E%20A%20SEGUNDA%20GUERRA%20MUNDIAL-A%20ATUA%20C3%87%20C3%83O%20DA%20FEB.pdf>>. Acesso em 22 março 2020.

⁹⁷*Alemanha de Hitler ataca navio Baependi, no Nordeste, e mata 270 brasileiros*. O Globo. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1942. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/alemanha-de-hitler-ataca-navio-baependi-no-nordeste-mata-270-brasileiros-21694808>>. Acesso em 22 março 2020.

Até julho de 1942, o Brasil já tinha perdido 13 navios na guerra que os submarinos alemães faziam ao comércio dos Aliados. No mês seguinte, porém, aconteceu algo que causou comoção em todo o país, obra de apenas um submarino nazista, o U-507. Em poucos dias o U-507 afundou cinco navios e um pequeno veleiro. O Baependy teve 270 mortos, incluindo soldados do Exército sendo levados ao Nordeste. O Araraquara teve 131 mortos. O Aníbal Benévolo teve 150 mortos. O Itagiba teve 36 mortos. O Arará, que tinha parado para socorrer o Itagiba, teve 20 mortos. Só o pequeno veleiro Jacira, com seus seis tripulantes, escapou de ter vítimas fatais. Foi o que bastava para forçar o governo de Getúlio Vargas a declarar guerra. Manifestações de rua não só de estudantes universitários mais politizados, mas de outros grupos da população, exigiram a guerra.⁹⁸

É importante considerar que, paralelamente, o Brasil havia estabelecido um acordo com os Estados Unidos para uma ajuda substancial na construção da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), tal como a reestruturação do Exército e sua atualização armamentista. O ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha⁹⁹, com o apoio do presidente Getúlio Vargas, projetava uma série de melhorias políticas entendidas necessárias para o crescimento do Brasil em âmbito internacional e que segundo João Barone passavam por:

uma melhor posição política mundial, consolidação da superioridade sobre a América do Sul, Relações mais seguras com os Estados Unidos, desenvolvimento de uma influência maior sobre Portugal e suas colônias, desenvolvimento do poder marítimo, aéreo e o desenvolvimento de um complexo industrial militar, implementação de indústria pesada, criação de ferrovias e estradas para fins estratégicos e econômicos e prospecção de combustíveis fósseis.¹⁰⁰

Alinhados de forma definitiva aos Estados Unidos foi criada em meados de 1942 a *Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos*, na qual Vargas

⁹⁸ BONALUME NETO, Ricardo. A nossa Segunda Guerra. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p. 43-44.

⁹⁹ Oswaldo Aranha. *Nesse posto, promoveu uma política gradual, mas contínua e sistemática, de aproximação do governo brasileiro com Estados Unidos. Essa aproximação, iniciada com a assinatura de importantes acordos comerciais, acabou levando à colaboração entre os dois países na área militar e, por fim, ao próprio alinhamento brasileiro ao governo americano durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, foram assinados os Acordos de Washington, que concretizava os rumos da política externa brasileira ao determinar a venda de matérias-primas aos Estados Unidos em troca de apoio técnico norte-americano em diversas áreas, principalmente a militar.* Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Oswaldo_Aranha>. Acesso: 22 março 2020.

¹⁰⁰ BARONE, João. O Brasil e sua guerra quase desconhecida / João Barone. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 106.

manifestou pela primeira vez a intenção de enviar tropas para o *front*. Para tanto, foram necessários os reaparelhamentos militares brasileiros e a constituição, pela primeira e única vez, de uma Força composta por soldados-cidadãos¹⁰¹, que seria comandada pelos Estados Unidos através de um *lend-lease*.¹⁰² O acordo de arrendamento possibilitou armar e doutrinar o exército por um custo muito mais baixo que o real, em torno de 300 milhões de dólares.

Gestava-se a Força Expedicionária Brasileira – FEB.

A princípio, pensou-se em formar uma Força Expedicionária constituída por um Corpo-de-Exército de três Divisões de Infantaria, com efetivo aproximado de 60.000 homens. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária - 1ª DIE seria constituída com unidades da 1ª Região Militar (Rio de Janeiro), 2ª RM (São Paulo) e 4ª RM (Minas Gerais), com previsão de que as seguintes seriam formadas no Nordeste e no Sul.

Em 09 de agosto de 1943, quase um ano depois de declarada a guerra, foi emitido o primeiro ato de efetiva criação da Força Expedicionária - a Portaria Ministerial nº 47-44, que estabelecia as primeiras normas gerais de estruturação da 1ª DIE, e, no mesmo dia, o Ministro da Guerra, General João Eurico Gaspar Dutra, formalmente, convidou o General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes para comandá-la, convite que foi imediatamente aceito.¹⁰³

Ao estruturar o contingente a ser enviado para a guerra, o Exército Brasileiro teve de adaptar-se à “guerra moderna”, de movimentação contínua e posições não estáticas e que, por configurar o perfil de combate norte-americano, foi adotado pelo Brasil para que houvesse uma melhor uniformidade nos campos de batalhas.

¹⁰¹ FERRAZ, Francisco César Alves. A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Londrina: Eduel, 2012. p.45

¹⁰² Lei de empréstimo e arrendamento foi uma forma encontrada pelos Estados Unidos da América de armar os países aliados e continuar com o comércio em época de guerra, essa lei previa que os EUA vendessem ou transferissem qualquer artigo de defesa que fosse julgada essencial pelo presidente daquele país em troca de outro artigo, que não necessariamente dinheiro, para os Estados Unidos. O Brasil se beneficiou, totalizando 332 milhões de dólares transferidos do país norte-americano. Desse total, 90% do que fora transferido, foi em armamento para a guerra. O período do Lend-lease act foi de 1941 a 1945. ABREU, Marcelo de Paiva Abreu. *Lend Lease Act*. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lend-lease-act>>. Acesso: 26 março 2020.

¹⁰³ *Jornal da Guerra General Octavio Costa*. Exército Brasileiro. Disponível em:<<http://www.eb.mil.br/jornal-da-guerra>> . Acesso em: 23 março 2020.

Isso exigiu que fosse adotado pela 1ª D.I.E o esquema dividido em:

- *Quartel-General*
- *Estado-Maior: Órgão de planejamento que ajuda nas decisões do comandante do QG e coordenador das informações entre outras unidades e o alto-comando.*
- *Três regimentos de infantaria para casa divisão.*
- *Uma esquadrilha de ligação e observação, composta de aviões leves usados para localizar posições e movimentos de tropas inimigas.*
- *Um batalhão de engenharia.*
- *Um batalhão de saúde.*
- *Um esquadrão de reconhecimento.*
- *Uma tropa especial, na qual se incluíam uma companhia de manutenção leve, intendência, polícia militar, um pelotão de sepultamento e uma banda de música.*¹⁰⁴

No início da mobilização expedicionária, o governo buscou criar um clima de intensa sensibilização ante a população civil utilizando extensivamente seu Departamento de Imprensa e Propaganda, que encarregava de mostrar em rádio, cartazes e jornais os sacrifícios necessários que o cidadão deveria fazer para defender sua pátria¹⁰⁵.

Um dado, importante de se destacar neste trabalho sobre a formação da FEB, foi o fato de convocados oriundos da “elite” e “classe média” se utilizarem de contatos com membros ocupantes de postos de comandos no Exército Brasileiro para escapar das fileiras de formação para o combate.¹⁰⁶

Nesse sentido, empresas privadas e pessoas “de destaque” (influentes) participaram ativamente para tirar das fileiras os seus apadrinhados. Empresas como Companhia Telefônica Brasileira, Estrada de Ferro Central do Brasil, Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Estrada de Ferro Lloyd Brasileiro, Departamento de Correios e Telégrafos e Banco do Brasil, tal como mães, esposas etc., procuraram órgãos militares para o não engajamento ou a transferência de parentes para unidades não expedicionárias¹⁰⁷.

No caso da Estrada de Ferro Central do Brasil – E.F.C.B. houve 121 pedidos deferidos a favor da liberação de funcionários, o que causou a indignação

¹⁰⁴ BARONE, João. O Brasil e sua guerra quase desconhecida / João Barone. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 107.

¹⁰⁵ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.48.

¹⁰⁶ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.59.

¹⁰⁷ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.59.

do futuro comandante General Mascarenhas de Moraes, embora de nada tenha adiantado e as isenções foram mantidas. O que resultou em uma perda de 121 soldados.

Um caso curioso foi o da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro que conseguiu a liberação de alguns jogadores convocados como Danilo Alvim¹⁰⁸, Heleno de Freitas¹⁰⁹ e Tomaz Soares da Silva (Zizinho)¹¹⁰.



Danilo Alvim, Heleno de Freitas e Tomaz Soares da Silva (Zizinho)¹¹¹

Outro modo não incomum de tentar escapar do serviço em guerra foi cometer transgressões disciplinares, já que apenas aqueles de comportamentos considerados exemplares poderiam embarcar. Para muitos, “*Pertencer a FEB era considerado, para muitos dentro da própria instituição militar, um castigo, uma*

¹⁰⁸ Danilo Alvim foi um jogador de futebol profissional e teve seu maior momento de expressão nos times Canto do Rio e Vasco da Gama. Foi um expressivo ganhador de títulos na década de 1940 ao lado de Ademir, Chico e Eli, no Vasco da Gama. Jogava na posição de meio campista, era carinhosamente apelidado de “o príncipe” pela torcida cruz maltina. Disponível em: *Danilo Alvim*, <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/danilo-avim-212>>. Acesso em: 22 março 2020.

¹⁰⁹ Heleno de Freitas, filho de membros da elite da zona da mata mineira, tornou-se futebolista profissional aos 15 anos de idade, observado então pelo João Saldanha. Viveu seus anos de glória na “cidade maravilhosa” jogando pelo Botafogo, viveu intensamente sua vida na Capital Federal, até que fora acometido por sífilis nervosa, o que levou a ser internado em um sanatório em Barbacena, onde morreu em 8 de novembro de 1959. DAMASCENO, Renan. *Há 60 anos morria Heleno de Freitas, que foi da glória a morte em um hospício em Barbacena*.

Disponível em: <<https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/heleno-de-freitas/2019/11/08/se-noticia-heleno-de-freitas,3067499/ha-60-anos-morria-heleno-de-freitas-que-foi-da-gloria-a-morte-em-um-h.shtml>>. Acesso em: 22 março de 2020.

¹¹⁰ Tomaz Soares da Silva (Zizinho) foi um ex-jogador de futebol profissional, atuou pelo flamengo durante onze anos antes de ser transferido, contra a sua vontade, para o Bangu. Enquanto atuou pelo time da Gávea foi o grande nome do futebol carioca entre os anos de 1942 e 1944, foi também o grande nome da copa do mundo de 1950. Zizinho era carinhosamente apelidado de “mestre Ziza” pela torcida do Flamengo. GARCIA, Gustavo. *Há 97 anos nascia Zizinho, ídolo de Pelé e maior nome do Fla antes da “Era Zico”*. Disponível em: < <https://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/blogs/10-e-faixa-ou-nao/post/2018/09/14/ha-97-anos-nascia-zizinho-ídolo-de-pele-e-maior-nome-do-fla-antes-da-era-zico.ghtml>>. Acesso em: 22 março 2020.

¹¹¹ *Museu da Imagem e do Som: Príncipe Danilo, comandante do Expresso Vascaíno*. 20 maio 2014. Disponível: <<https://www.mis.rj.gov.br/blog/o-principe-danilo-comandante-do-expresso-da-vitoria-vascaino/>>. Acesso em: 22 março 2020.

punição[...]".¹¹² Segundo Francisco Cesar Alves Ferraz “*De um lado, o “jeitinho” para não ir à guerra. De outro, a FEB concebida como “punição”*”.¹¹³

A forma que o governo encontrou para inflar as fileiras, em contraposição as tentativas de esvaziamento, foi um modo de punição para quem protestasse contra o regime ditatorial de Getúlio Vargas, como ocorreu com Geraldo Vidigal, estudante de direito, que acusado de protestar contra o regime varguista foi incorporado a FEB.

*Segundo Geraldo Vidigal, estudante de Direito de São Paulo e dirigente do Centro Acadêmico XI de Agosto, as manifestações de alguns estudantes contra a ditadura do Estado Novo e contra Vargas rendeu-lhes a incorporação à FEB. Na nota de convocação, publicada em 8 de janeiro no jornal O Estado de São Paulo, apenas quatro nomes, que tinham em comum o fato de destacarem-se nas manifestações contra Vargas. Vidigal era um deles, e foi para a Itália no 1º. Escalão.*¹¹⁴

Com o lema "A cobra está fumando", a FEB partiu em julho de 1944, para a Europa, com um efetivo de 25.334 homens comandados pelo general João Batista Mascarenhas de Moraes.



Emblema da FEB “A cobra está fumando”¹¹⁵

¹¹² FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.61.

¹¹³ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.60

¹¹⁴ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.60

¹¹⁵ *Memorial da democracia. A FEB na Itália: a cobra vai fumar!*. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/a-cobra-esta-fumando>>. Acesso 24 março 2020.

3.2 Lá atrás ia ficando o meu Rio de Janeiro, coberto de um céu anil, ficava o meu Brasil¹¹⁶

No início dos anos 1940, o Exército Brasileiro encontrava-se defasado para a magnitude da missão que se propusera fazer junto aos Estados Unidos, carecendo de homens, instalações para treinamento e acomodação dos combatentes, entre outros.¹¹⁷

No processo de recrutamento e convocação para as fileiras que constituiriam a Força Expedicionária Brasileira – FEB, a busca de elementos que identificassem o soldado como exemplo de cidadão saudável e, portanto, “apto” para atuar na guerra e ali afirmar a força e grandeza da nação configurou-se como um dos seus pontos fundamentais do Exército Brasileiro e governo.

O perfil do “soldado-cidadão” deveria representar a síntese da nação e sua força. Aquele que diante da legislação e com sua condição social de cidadão plenamente preenchida ocuparia seu lugar nas fileiras da tropa afirmando em conjunto o vigor da pátria que defendia, embora aquele que alcançava o posto de “soldado-cidadão” fosse frequentemente o que não teve alternativa para poder se desviar da obrigação¹¹⁸.

Ao prestar o serviço militar, o “soldado-cidadão” tinha a sua cidadania confirmada pelo “tributo de sangue”¹¹⁹.

De acordo com Francisco César Ferraz, este tributo dava-se quando um cidadão colocava a sua vida a serviço da nação, correndo o risco de perdê-la.¹²⁰

Instrumento responsável por elencar a futura “elite de combatentes brasileiros” para a guerra, o processo de seleção dos soldados fora a princípio considerado rigoroso quanto aos seus critérios e exigências dos exames físicos e

¹¹⁶ MALAGUETA. *Caminha, barco, caminha*. Disponível em:

<<https://www.letras.mus.br/malagueta/caminha-barco-caminha/>>. Acesso em: 20 junho 2020.

¹¹⁷ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.55.

¹¹⁸ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.59.

¹¹⁹ FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: Eduel, 2012. p.45.

¹²⁰ FERRAZ, Francisco Cesar. *A guerra que não acabou: veteranos da Força Expedicionária Brasileira*. 2003. 395 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2003, p. 64.

psicológicos a serem aplicados, porém seus resultados finais apresentaram dados abaixo da média esperada sobre a saúde física e mental dos recrutados.

Os selecionados deveriam ter, no mínimo, 5 anos de escolaridade, 26 dentes naturais, altura e peso mínimo de 1.60cm e 60 kg, respectivamente, todavia segundo Boris Schnaiderman, os chamados a se apresentar estavam “*pálidos, nervosos, abatidos, os homens se apinhavam no saguão do Ministério da Guerra. Foram convocados por jornal, ao acaso segundo parecia.*”¹²¹

Sobre o exame psicológico, o mesmo autor destaca que:

Os homens foram mandados para o serviço de saúde. Ficamos descalços e de busto nu, andando de sala em sala na Policlínica Militar. De vez em quando entravam na sala, quando eram submetidos a exame sumário. O médico militar encarregado do Exame Neuropsíquico nem ergui os olhos do papel em que vinham impressas as perguntas que devia fazer.

Gosta da vida militar?

Não, senhor.

Pretende fazer carreira no Exército?

Não, Senhor.

Houve algum louco em sua família?

Não, senhor.

O médico rabiscava “normal” na fichava e gritava:

*O seguinte!*¹²²

Jorge Martinho Prado foi para o teatro de operações integrando o Regimento Sampaio. Se encaixava perfeitamente no perfil exigido pelo Exército Brasileiro para integrar a FEB, pois além de gozar de boa saúde, era alfabetizado e tinha desenvoltura na escrita, o que é evidenciado por suas cartas, muito provavelmente em decorrência de sua atividade laboral em tempos de paz.

Segundo Gilberto Magnoli, “*para a guerra mandaram os pobres. Filhos de bacanas, com raras exceções, se livraram da empreitada. Meus parentes formavam a elite dos pés-rapados, os que foram aprovados.*”¹²³

¹²¹ SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. 4. Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 11.

¹²² SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. 4. Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 13.

¹²³MARINGONI, Gilberto. *Os pracinhas, a campanha da Itália e os picaretas*. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/os-pracinhas-a-campanha-da-italia-e-os-picaretas-por-maringoni/>. Acesso em 25 março 2020.

Após a seleção e antes do embarque, alguns oficiais brasileiros foram enviados para treinamento nos Estados Unidos, todavia além do Exército brasileiro contar com equipamentos obsoletos, o tempo de preparo dos soldados era de aproximadamente um mês e as roupas, feitas de brim, eram inadequadas para enfrentar o rigor do inverno europeu.¹²⁴

*O adestramento começou pelo que havia de mais elementar na instrução individual, porém como já foi citado, o Brasil possuía seus moldes “à francesa”, a totalidade de seu aparelhamento bélico também era europeu. Era difícil adestrar o pessoal na utilização de equipamento norte-americano, pois o mesmo aqui era escassíssimo e não havia pessoal suficiente com conhecimento sobre estes equipamentos para colaborar com a instrução, salvo uma minoria quase insignificante. Estes equipamentos eram até então desconhecidos pelos soldados brasileiros, como o fuzil M1 Garand, o morteiro 60mm, a bazuca, metralhadora leve .30, canhão anticarro de 57mm e o obus 105mm, além de aparelhamento de radiofonia, telefonia e radiotelegrafia. Isso obrigou a verdadeiros milagres de revezamento, sem falar no próprio fardamento da FEB, que precisava se adequar ao território europeu. Por conta disso a FEB foi uniformizada praticamente sem aproveitar nada do que havia nos depósitos do Exército.*¹²⁵

A falta crônica de armamento especializado para o treinamento da tropa e as situações provocadas por tal precariedade foram também apontadas na obra de João Barone.

*O 9º Batalhão de Engenharia, sediado em Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, foi obrigado a improvisar no treinamento de prospecção de minas terrestres. Seus integrantes pediram a população da cidade que doasse todas as latas de goiaba disponíveis, que seriam utilizadas para simular minas enterradas[...].*¹²⁶

O modo apressado como foram selecionados e preparados os soldados parece mostrar como o governo federal estava preocupado em treiná-los para que estivessem disponíveis o quanto antes para seguirem ao campo de batalha. Como resultado, seguiram rumo ao front italiano soldados que não tinham o preparo

¹²⁴ Os *pracinhas do Amazonas na 2ª Guerra Mundial*. Instituto Durango Duarte. 8 de agosto 2016. Disponível em: <<https://idd.org.br/acervo/os-pracinhas-do-amazonas-na-2a-guerra-mundial/>>. Acesso em 28 março 2020.

¹²⁵ *A preparação da FEB*. VERDE OLIVA. 1 de agosto 2018. Disponível: <<https://grupoverdeoliva.com.br/a-preparacao-da-feb/>>. Acesso em 28 de março 2020.

¹²⁶ Barone, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 114.

adequado para lá estarem e combaterem, um resultado lógico da celeridade que o governo tinha para formar suas fileiras.¹²⁷

No final de 1943 decidiu-se o destino da FEB: o teatro de operações do Mediterrâneo.

Embarcados desde o cair da noite do dia 29 de junho de 1944, somente no dia 2 de julho zarparou o navio-transporte americano USS General W.A. Mann, e levava pela primeira vez na história uma força militar de sul-americanos para lutar em plena Europa. Na madrugada do dia 30, o presidente Vargas visitou o navio e fez um discurso utilizando o sistema de som:

Soldados da Força Expedicionária! O chefe do governo veio trazer-vos uma palavra de despedida, em nome de toda a nação brasileira.

Sei quanto nos custa, a todos, este momento transcendente em que vos separais dos vossos lares, do calor e do carinho dos entes amados. O destino vos escolheu para a missão histórica de fazer tremular, nos campos da luta, o pavilhão auriverde e responder com a presença do Brasil às ofensas e humilhações que nos tentaram impor. Dedicai-vos de corpo e alma à vossa gloriosa missão. A nação vos seguirá com o pensamento ungido pelas mais fervorosas preces de Deus, certa de que a vitória será o apanágio das vossas armas. O governo não se descuidará um instante, no desvelo pelas vossas famílias. Estejais tranquilos. É com emoção que aqui vos deixo os meus votos de pleno êxito. Não é um adeus. É, antes, um “até breve”, quando ouvireis a palavra da pátria agradecida.

O rebuscado discurso de despedida aos pracinhas guarda em si a essência de tudo que significou o envio da FEB para a guerra. Muitas das razões para lutar, das justificativas, dos apelos emocionais e das promessas que naquele momento foram feitas não seriam cumpridas pela “pátria agradecida”. Vargas esteve presente nos embarques seguintes do contingente brasileiro para a Itália. O 2o e o 3o escalões — que partiram em setembro em dois navios — chegariam a Nápoles nesse mesmo mês. O 5o e último escalão chegaria à Itália no fim de fevereiro de 1945.¹²⁸

Ao chegarem a Itália, se deparariam com diversas dificuldades, aos quais, das inúmeras, podemos salientar o nível de violência das batalhas. Sendo a mais simbólica, por suas tentativas e conseqüente tomada, a batalha de Monte Castelo.

Desaparecido em combate, as cartas do Cabo da Força Expedicionária Brasileira, Jorge Martinho Prado, podem ser tomadas como exemplo de como o

¹²⁷ SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. 4. Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 9.

¹²⁸ Barone, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida* / João Barone. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p.129 – 130.

soldado cidadão¹²⁹ se relacionou com a guerra reconstituindo cenários e sentimentos reais sobre a tensa vida no front de guerra na Itália.

3.3 A batalha de Monte Castelo

Trataremos aqui, especificamente sobre a batalha de Monte Castelo, pois é muito provável que o Cabo Jorge Martinho Prado tenha desaparecido no decorrer dessa batalha.

Monte Castelo está geograficamente situado entre o Monte Belvedere e o Monte de La Torraccia. Castelo era de importância ímpar pois, quem o controlava, acabava por ter uma visão ampla e estratégica da área circundante e da importante “Estrada 64”, uma via que ligava a retaguarda ao *front*, indo até Bolonha, destino da FEB. (Anexo No. 2)

Ultrapassar o Monte Castelo, conquistar Porreta Terme e seguir adiante era imprescindível para o prosseguimento do intento brasileiro em solo estrangeiro, porém, a “guerra de montanha”, na qual a Força Expedicionária Brasileira esteve submetida, foi, além de complexa, mais desgastante que os demais estilos de combate. Isso porque, para quem tencionava atacar o cume era difícil progredir, pois o terreno é acidentado, íngreme, por outro lado, para quem o defendia era mais fácil, pois, além da ampla visão do terreno, estavam posicionados de modo estático, preservando energia para a luta.¹³⁰

Para conquistar o cume, era quase nula a superioridade de maquinário, pois, quem haveria de subir, conquistar, estabilizar e defender possíveis contra ataques foi quase que exclusivamente a Infantaria. Logo, a “hegemonia do petrecho”, como aviões, artilharia, tanques etc., fez pouca diferença nos ataques ministrados contra Monte Castelo.¹³¹

Não é de surpreender que os combates na Itália se mantiveram ativos, principalmente para a FEB, até quase a data da capitulação total da Alemanha, com a tomada de Berlim pelos Soviéticos. A rendição alemã na Itália foi assinada na

¹²⁹ AMBROSE, Stephen E. *Soldados Cidadãos - 07 de junho de 1944 a 07 de maio de 1945*. São Paulo, Bertrand Brasil, 2006.

¹³⁰ BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida / João Barone*. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 158.

¹³¹ BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida / João Barone*. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 158.

data de 29 de abril de 1945 e o cessar fogo incondicional vindo de Berlim foi em 8 de maio de 1945.¹³²

A investida sobre a área que circunda Monte Castelo começou em meados do segundo semestre de 1944, quando os aliados conseguiram “furar o eixo de Roma”. Após passarem pela capital italiana se deparam com uma série de linhas de fortificações, na cadeia de montanhas chamadas de Apeninos, sendo a mais famosa a linha gótica.

Aquela linha tinha como pressuposto básico dificultar ao máximo a progressão aliada em terreno sinuoso, impondo reveses e tentando tirar o máximo proveito da terra acidentada. Não à toa que os combates na região do Vale do Pó foram os mais sangrentos para a Força Expedicionária Brasileira e a *Task Force 45*.

Ao total foram 6 investidas contra o cume de Monte Castelo, nas datas de 24 de novembro de 1944, 25 de novembro de 1944, 29 de novembro de 1944, 6 de dezembro de 1944, 12 de dezembro de 1944 e por fim em 21 de fevereiro de 1945¹³³. As tentativas de 24, 25, 29 de novembro e 12 de dezembro foram fracassadas.

É importante salientar que, para além da dificuldade do terreno montanhoso, ao final de 1944 abateu um rigoroso inverno, forçando os aliados a adotarem posições estáticas de defesa-ataque e atrasando em 3 meses a tomada do Monte Castelo. A situação passivo-agressivo das batalhas, constituía-se em formações de patrulhas, mas sem um ataque coordenado, mantendo pontos de contato com o inimigo, para que este não avançasse, mas sem a intenção de tomada de território, apenas de reconhecimento de terreno.

Para este trabalho, interessa-nos o ataque do dia 12 de dezembro de 1944, por ter sido uma batalha na qual temos certeza da participação do cabo Jorge Martinho Prado. A razão para tal assenta-se na observação das datadas das cartas e em como Jorge altera de modo sugestivo a forma de sua escrita, passando de um estilo marcado por palavras meigas e doces para um estilo mais “seco” e de pouca sensibilidade.

¹³² BARONE, João. O Brasil e sua guerra quase desconhecida / João Barone. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 158.

¹³³ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. pp. 356, 357.

Era 12 de dezembro de 1944 quando rompeu o terceiro ataque a Monte Castelo. Unidades do Regimento Sampaio, tal como do 11º R.I foram empregadas na contenda, ficando o Batalhão Franklin, pertencente ao Sampaio, como o responsável pela primeira onda de ataques¹³⁴. Ainda ação tivesse sido planejada e executada de forma conjunta, a ação frontal ao terreno montanhoso foi designada aos brasileiros.¹³⁵

Assim começava aquele dia e campanha. O ataque teve início às 6 horas da manhã com integrantes do 1º/1º R.I, Batalhão Franklin. Partiram com o céu fechado, dia frio, chuvoso e com pouca visibilidade, o que acabou por impedir a ajuda da aeronáutica.¹³⁶

Meia hora após o início do ataque, ou seja, às 6:30h, a linha de La Roncole-Casa Guanella era alcançada. Em resposta, às 7 horas a artilharia alemã abriu pesado fogo contra os atacantes brasileiros, e mesmo após a iniciativa alemã os pracinhas da FEB progrediram com o Batalhão Syzeno, ao qual seguiriam duas companhias, a 4ª e a 6ª do 2º./I R.I.¹³⁷

Por volta das 7:20h já quase a alcançar o cume, metralhadoras germânicas foram acionadas, varrendo do terreno as progressões da 4ª companhia. Mesmo sob forte contra ataque, o Batalhão Franklin superou a zona de barragem de fogo, escalando Castelo, chegando, algum dos seus soldados a atingir o cume do monte, porém morreram fustigados pela defesa. Dois meses após essa tentativa, quando Monte Castelo foi conquistado de forma definitiva, seus corpos foram encontrados insepultos.¹³⁸

O Batalhão Franklin bateu em retirada após ser atingidos por tiros frontais advindos da localidade de Mazzancana e Fornaci. O batalhão reserva, não avançou suficientemente para alterar o revés e assim, após cinco horas de luta, foi dada a ordem de retirada do Regimento Sampaio, custando ao Brasil 140 de seus filhos.¹³⁹

Para uma ideia um pouco mais clara do que foi o malfadado ataque do dia 12 de dezembro de 1944, recorreremos a precisa descrição de Boris Schanaiderman:

¹³⁴ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

¹³⁵ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

¹³⁶ BARONE, João. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida / João Barone*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.p. 193.

¹³⁷ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

¹³⁸ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

¹³⁹ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

Depois, foi aquele ataque terrível de doze de dezembro. Nós estávamos de reserva, abrigados junto a umas casas, e vimos os homens de outro batalhão avançarem morro acima. Chapinhavam na lama, encolhidos, avançando sempre. Um companheiro me disse: “Está vendo? Não tem ninguém lá em cima. O tedesco já deu o fora. E pensar que essa glória era pra nós!”. Olhei para o morro. Nossos homens já se aproximavam da crista, mais um pouco e o Castelo ia ser nosso. Mas qual, foi um tiroteio tremendo. Morteiro, fuzis, metralhadoras, uma barulheira infernal. E os nossos homens descendo do morro, as lurdinhas cantando, gente caindo. Depois, de noite, saía a patrulha da carne, para recolher pedaços de gente na encosta do morro.¹⁴⁰

Após o referido ataque houve uma pausa por conta do rigoroso inverno italiano. Naquele momento, onde a guerra estática imperou, foi necessário lançar mão de patrulhas para manter o inimigo intimidado. E três meses se passaram em tal estratégia.

Pressuponho que Jorge Martinho Prado tenha desaparecido entre o ataque do dia 12 de dezembro de 1944 e os primeiros dias de janeiro de 1945, pois há cartas que escreveu datadas de poucos dias após o ataque sendo a data de seu desaparecimento constante no jornal *O Correio da Manhã*, edição da sexta-feira, 2 de março de 1945 assinalada como dia 9 de janeiro de 1945.¹⁴¹

O último ataque, que por fim saiu vitorioso, foi desferido na data de 21 de fevereiro de 1945. A ação teve início às 5:30h com o ataque comandado pelo Regimento Sampaio, ficando a cargo do Batalhão Uzeda a missão de flanquear o morro.¹⁴²

Após o avanço satisfatório do Uzeda, era perto das 9h quando as tropas da 5ª. companhia do 1º R.I foram lançadas à batalha sob a liderança do Capitão Valdir Sampaio. Havia, ainda que de forma intermitente, o apoio da artilharia, apoiando tanto a 10ª Divisão de Montanha Norte-Americana, quanto o Regimento Sampaio.

¹⁴⁰ SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

¹⁴¹ *Praças desaparecidas*. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 2 de março de 1945. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22Jorge%20Martinho%20Prado%22&pasta=ano%20194>. Acesso em 28 março 2020.

¹⁴² DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

O relógio marcava 14:30h, quando o Batalhão Uzeda atingiu as cotas 930 e 875, ultrapassando o ponto “Congé” alemão.¹⁴³

Às 17:20h, a defesa alemã foi quebrada, tendo alguns homens do Regimento Sampaio conseguido se instalar no topo do Monte, que finalmente conseguiu ser conquistado após 5 tentativas frustradas em datas anteriores.

A batalha custou ao Brasil 87 de seus homens.¹⁴⁴

Para entendermos como a guerra “cobra o seu preço”, vamos, a seguir, adentrar as cartas do Cabo Jorge Martinho Prado e assim lançar um olhar, complementar àquele já consolidado na historiografia.

¹⁴³ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

¹⁴⁴ DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1987. p. 357.

CAPÍTULO III

4. Frio, neve, choro e um sentimento que não se apagará

*A reconstrução do passado — desafio tanto maior quanto as inúmeras possibilidades suscitadas por novas técnicas e abordagens — vem sendo objeto de tratamentos vários, passíveis de resultarem eles próprios em referenciais históricos fundamentais de períodos e épocas em que foram formulados. A valorização do fato na *histoire événementielle* de Jules Michelet (1798-1874), ou aquela dita científica e organizada no quadro do Estado, como a quis Leopold Ranke (1795-1886), seguida da contribuição marxista até chegarmos à diversificação de fontes e abordagens sugeridas pela *École des Annales*, no século XX, constituem-se em indicadores que, por si sós, revelam a historicidade, valores e até mesmo as conquistas metodológicas que presidiram os respectivos tempos.¹⁴⁵*

Notas preliminares sobre cartas como fontes históricas.

De acordo com o verbete do léxico do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, carta é definida como a *comunicação manuscrita ou impressa devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas; missiva, epístola*.¹⁴⁶ Já no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa carta é uma *mensagem manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo; tal mensagem, fechada num envelope, ger. endereçado e freq. selado*.¹⁴⁷

Lidas sob a luz da História, as cartas ganham estatuto de fonte documental ao verterem informações daquele que a produz e do todo que o circunda, como assinalam Maria Izilda Santos Matos e Oswaldo Mario Serra Truzzi, “*estas fontes explicitam experiências múltiplas, excepcionais, aventuras pessoais, referências à vida cotidiana, privada e questões de ordem subjetiva e das sensibilidades*”.¹⁴⁸

¹⁴⁵ MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, SP, 22(1): 2003. p.1

¹⁴⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. Ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009. p. 413.

¹⁴⁷ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 412.

¹⁴⁸ MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Presença na ausência: cartas na imigração e cartas de chamada*. *História Unisinos* 19(3):338-347, setembro/dezembro 2015.p339.

A partir de percursos de vida, as cartas (re)constroem fragmentos de um mundo real, sentido por aquele que as escreve e por aqueles que as lê, mesmo que em diferentes espacialidades temporais. Além disso, a proximidade do acontecimento ao redigi-las faz das correspondências uma “fonte” de qualidade significativa conferindo-lhe um privilegiado registro que, segundo Verónica Sierra Blas, “*nos permite entrar no coração das pessoas para saber como vivenciaram os acontecimentos*”.¹⁴⁹

No caso dos pracinhas, a escrita da carta significava um momento no qual poderiam diminuir suas “dores” da guerra e dar continuidade aos seus laços de união com o mundo, concretizando nas letras e no papel um sinal de vida e de sobrevivência no front para a sua família e tropa.

Eram as “escritas de si”, que traduziam posições introspectivas e reflexivas em relação à sua história e ao mundo onde se movimentava.¹⁵⁰ Pontuadas por uma gama variada de assuntos que iam desde os corriqueiros “como está o tempo?”, “eu vou bem” e “Fulano / Beltrano?” até impressões sobre a guerra e o estrangeiro estas fontes permitem entrever, a partir de uma perspectiva outra, aspectos de suas vidas no dramático cotidiano da guerra.

Se algum dia voltar¹⁵¹:

Rio de Janeiro, sexta-feira, 22 de setembro de 1944.

A bordo do navio *USS General Mann*, sob o comando do general Osvaldo Cordeiro de Farias, Jorge Martinho Prado, Integrante do 1º. Regimento de Infantaria “Regimento Sampaio”, sob número identitário 1G-234373 e tendo por posto hierárquico “Cabo da Força Expedicionária Brasileira”¹⁵², era um dos 5.075

¹⁴⁹ CONSTELA, Tereixa. *Querida História, te escrevo da guerra*. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/cultura/1515164110_088216.html>. Acesso em 2 abril 2020.

¹⁵⁰ MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B. & LUCA, Tania R. de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 195.

¹⁵¹ SODRÉ, Alcebíades. *Lembrei*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43385807>>. Acesso em 20 junho 2020.

¹⁵² ABREU, Alzira Alves de. *Força Expedicionária Brasil (FEB)*. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/forca-expedicionaria-brasileira-feb>>. Acesso em 3 abril 2020.

homens que seguiu rumo a Itália para combater na 2ª. Guerra Mundial como um Praça, ou Pracinha, .¹⁵³

Jorge não regressou. Desapareceu na Guerra deixando suas cartas como últimos registros de sua vida e sentimentos, que neste TCC constituem o pilar principal de análise. **(Anexo No. 3)**



Fotografia de Jorge Martinho Prado antes de ir a Guerra. (Acervo da Família Sabatinelli)

Jorge Martinho Prado era filho de José Martinho Prado e Cecy Pinto de Almeida Prado e tinha dois irmãos: Waldyr e uma irmã (que não cita o nome), mãe de sua afilhada Marly. Waldyr era provavelmente mais novo que Jorge, pois ainda estudava, como se pode observar nas cartas postadas por Jorge Martinho datadas de 14 e 17 de dezembro de 1944, quando pergunta: “[...] *E Waldyr, como vae com os estudos, passou de ano? [...]*” / “[...] *E a tua Ritinha, está bem? De lembranças minha; com a sua permissão [...]*”.

¹⁵³ROSAS, Frederico. *A aventura dos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/18/politica/1397851823_514835.html>. Acesso em 3 abril 2020.

Até o seu embarque para o teatro de operações na Itália, Jorge Martinho morou com sua família à rua Dias Raposo no. 77, bairro de Ramos, subúrbio do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Ramos configurava-se um lugar importante na vida social carioca, onde se encontrava a famosa Praia de Ramos, que a fazia ser conhecida por “*Copacabana dos Subúrbios*”¹⁵⁴, o samba dos concorridos *Bloco Carnavalesco Quem Fala de Nós Tem Paixão*¹⁵⁵, *Grêmio Recreativo Escola de Samba Recreio de Ramos*, posteriormente Imperatriz Leopoldinense¹⁵⁶, *Parasitas de Ramos*¹⁵⁷, *Endiabrados de Ramos*¹⁵⁸ entre outros¹⁵⁹ e outras atividades esportivas e culturais como o *Ramos Football Club*¹⁶⁰, os cinemas *Elegante, Ramos e Rosário*¹⁶¹ e o *Teatro Ramos Clube*¹⁶².

Sobre a configuração geográfica e social do lugar, Gabriella Fernandes Gachet, Marta Maria Antonieta de Souza Santos e Mirian Ribeiro Baião esclarecem que,

¹⁵⁴ GACHET, Gabriella Fernandes, SANTOS, Marta Maria Antonieta de Souza e BAIÃO, Mirian Ribeiro. Feijoada e Samba: análise contextual em uma agremiação no subúrbio carioca. Revista Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde, UFRJ, 2016, pp 1153-1169. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/23541/19446>>. Acesso em 5 abril 2020.

¹⁵⁵ SANDRONI, C. Feitiço decente. Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.199 / PAIXÃO. Jorge Luiz da. O Grêmio Recreativo de Ramos: apropriações e representações culturais. Anais do XV Encontro de História ANPUH – RJ, 2012, p.1 Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338407746_ARQUIVO_AnpuhUE_RJFFP2012.pdf>. Acesso em 5 abril 2020.

¹⁵⁶ FERNANDES, Nelson da Nobrega. Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949 / Nelson da Nobrega Fernandes. – Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. p.92. Disponível em: (<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101441/samba.pdf>) / <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12010/mestre-marcas>. Acesso em 5 abril 2020.

¹⁵⁷ Jornal Correio da Manhã RJ. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_04&pasta=ano%20193&pesq=%22Parasitas%20de%20Ramos%22

¹⁵⁸ MAGALHÃES, Rosa. Imperatriz... só quer mostrar que faz samba também! Disponível em: <https://livesa.globo.com/2019/por/18-outroscarnavais/carnaval09/enredos/imperatriz.html>. Acesso em 5 abril 2020.

¹⁵⁹ *Bloco sai como pode*. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?id=708709889242016&story_fbid=762764853836519>. Acesso em 5 abril 2020.

¹⁶⁰ *Inédito! Ramos Football Club, de Ramos- Rio de Janeiro (RJ): Fundado em 1930*. Disponível em: <<https://historiadofutebol.com/blog/?p=114583>>. Acesso em 5 abril 2020.

¹⁶¹ SOUSA, Raquel Gomes de. Cinemas no Rio de Janeiro: trajetória e recorte espacial. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2014. Pp. 149 – 159.

¹⁶² OGEDA, Bruno da Silva e OLIVEIRA, Renata. Ramos: A ferrovia, como caminho para o desenvolvimento. O Arauto Leopoldinense (UNISUAM), 2012.

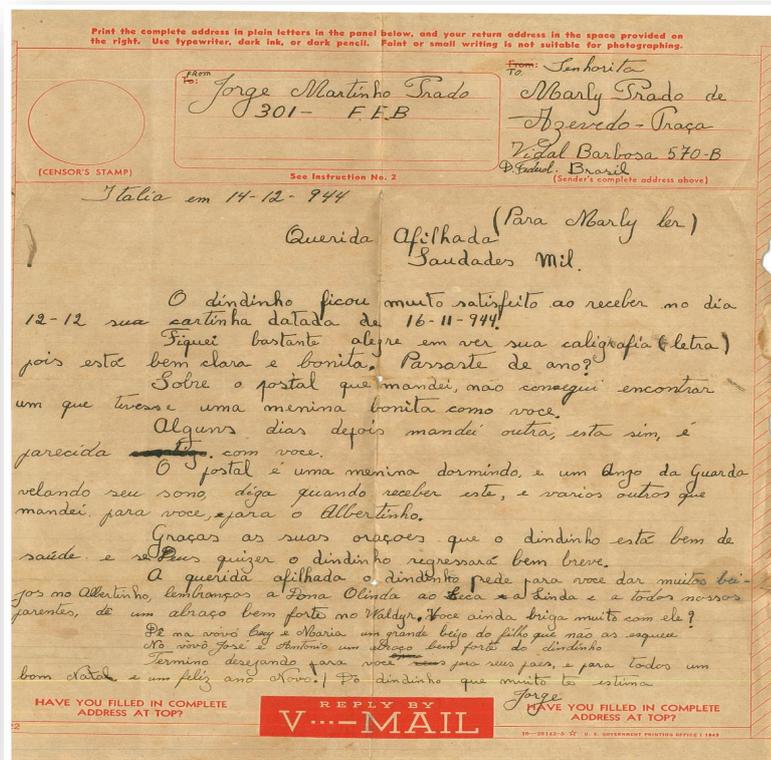
No Rio de Janeiro, o termo subúrbio é comumente utilizado para designar os bairros atendidos pela malha ferroviária e onde reside a parcela financeiramente desfavorecida da população da cidade. Dessa forma, o subúrbio carioca, cujos bairros fazem parte da zona norte da cidade, são todos “cortados” pela “linha do trem”, divididos em dois lados nem sempre iguais. Madureira, Méier, Engenho Novo, Engenho de Dentro, Del Castilho, Pilares, Barros Filho, Rocha Miranda, Jacarezinho, Cascadura e bairros da Leopoldina, como Olaria, Penha, Ramos, Bonsucesso e Brás de Pina. A origem do bairro de Ramos remonta à chegada da ferrovia em 1886, mais precisamente a Estrada de Ferro do Norte, futura Leopoldina. A linha do trem precisava passar por dentro de uma propriedade, que havia pertencido ao capitão Luiz José Fonseca Ramos, e seus filhos só permitiram mediante a construção de uma estação no local, que foi batizada Parada do Ramos. Com isso, Ramos começou a ganhar saneamento e urbanização. A década de 1910 foi uma das mais importantes para o bairro, pois Ramos foi deixando para trás o status de vila rural e se tornando mais metropolitano. Ramos também era o único bairro na extensão da via férrea que possuía uma praia, elevando seu encanto.¹⁶³

Bem próximo de sua casa, na rua Gonzaga Duque no. 570 B, esquina com a Praça Vidal Barbosa, ficava a casa de sua afilhada Marly Prado de Azevedo para quem, mesmo sendo ainda uma criança, Jorge remeteu algumas cartas e postais do *front*.

Marly Prado de Azevedo foi muito lembrada em suas missivas. Jorge se preocupava muito com os detalhes de sua vida, perguntando sempre sobre o colégio e como estavam os estudos, sempre a mencionando com amor e saudade, mostrando que era paternalmente apaixonado por sua sobrinha e afilhada, que o chamava de “dindinho”. Nas cartas que escreveu para a afilhada, Jorge se preocupou em não transparecer a gravidade em que estava submetido, usando sempre em um tom doce e ameno, sem mencionar o sofrimento da saudade, o choro, as misérias e destruições.

¹⁶³ GACHET, Gabriella Fernandes, SANTOS, Marta Maria Antonieta de Souza e BAIÃO, Mirian Ribeiro. Feijoada e Samba: análise contextual em uma agremiação no subúrbio carioca. Revista Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde, UFRJ, 2016, pp 1153-1169. Disponível: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/23541/19446>>. Acesso 6 abril 2020.

Ao escrever para ele em carta de 16 de novembro de 1944 foi enfática ao fazê-lo saber que queria que ele voltasse logo e que orava a Deus para que o protegesse e que com seu retorno todos voltariam a felicidade.



Carta de Jorge Martinho Prado a Marly Prado de Azevedo. (Acervo da Família Sabatinelli)

Rio de Janeiro, 6 de Novembro de 1944
 Saudações

Querido Dindinho
 Você não pôde imaginar a alegria que senti ao ler a sua carta, sim, porque quem a leu fui eu, e quem escreve a você também sou eu. Aqui nós vamos todos muito bem de saúde, graças a Deus. Há uma coisa que nos preocupa: a sua volta, e esta dentro em breve se dará, se Deus quiser. Dindinho, eu vou muito bem nos meus estudos, o que poderá você avaliar pela minha letra, que não sendo das melhores, também não é lá das piores. Dindinho, terei 98 pontos na minha prova parcial, e não fiquei muito contente, pois queria tirar 100. De mim nada mais tenho a dizer, a não ser que me manda a sua bênção, e notícias suas. Você também lhe manda um beijo e um abraço, bem assim o vovô.

Beijos e abraços da afilhada rapéca

Marly

A vovó Maria manda um beijo para você

Beijos

Carta de Jorge Martinho Prado a Marly Prado de Azevedo. (Acervo da Família Sabatinelli)

Na teia de seus afetos, fez menção a sua noiva em carta de 17-12-1944, dizendo ter ficado muito feliz em saber que “[...] a minha querida noiva leu e releu a carta que mandei para ela. [...]” acompanhado de um pedido ao irmão que se desculpasse, em nome dele, aos demais familiares, por não escrever com tanta frequência, pois faltava lhe tempo para tal, mas que quando escrevesse para casa, iria lembrar de todos aqueles que ficaram no Brasil.

Outra paixão de Jorge Martinho, evidente em seus escritos e partilhada junto com seu irmão Waldyr, era o Clube de Regatas Flamengo. Quando embarcou, o Campeonato Carioca de 1944 estava em curso e logo na primeira carta remetida aos seus pais em 15 de outubro, pergunta “Qual a colocação do nosso Flamengo?”. Já na carta datada de 27 de outubro de 1944, também endereçada à família, dirige-se ao seu irmão de forma entusiasmada com as seguintes palavras: “[...] Waldyr quando escrever para mim quero saber notícias do nosso Flamengo, pois soube mais ou menos que ele está fazendo o diabo. Soube também que ele bateu no Fluminense de 6x1 e no C. Rio de 3x1. [...]”. Em outra carta, de 17 de dezembro de 1944, realça seu amor pelo clube citando inclusive um trecho do hino: “[...] Bom

irmão houvi a irradiação do jogo do Flamengo com o Flu 6x1 e com o Vasco 1x0; Uma vez Flamengo sempre Flamengo. [...]”. Como se pode ver na charge abaixo, o clássico citado por Jorge Martinho ganhou destaque na edição de 31 de outubro de 1944 do *Jornal dos Sports*.

A saudade e a necessidade de aproximar-se da família fez com que o Cabo Prado falasse de assuntos que eram, certamente, suas paixões aqui no Brasil. Tentando solidificar as relações que se tornaram vulneráveis por conta da guerra e da distância¹⁶⁴.

A escrita, com relação ao tema do esporte, tem por motivo encontrar uma linguagem comum para fazer-se entendível a família e ao mesmo tempo fugir da guerra. Mantendo a união e identidade da família, que fora desfeita, até então de forma temporária pelo conflito¹⁶⁵.

¹⁶⁴ TRUZZI, Oswaldo; MATOS, Maria Izilda. *Saudades: sensibilidades no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista brasileira de História. São Paulo; V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

¹⁶⁵ TRUZZI, Oswaldo; MATOS, Maria Izilda. *Saudades: sensibilidades no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista brasileira de História. São Paulo; V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.



Casamento da Miss Campeonato com o estivador Popeye, mascote do Flamengo. (*Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1944. Capa. Biblioteca Nacional: periódicos)¹⁶⁶

Até ser convocado para servir junto a Força Expedicionária Brasileira o rubro – negro Jorge trabalhava na Estrada de Ferro Central do Brasil, como se pode ver abaixo em sua carteira funcional e passe de empregado (D. Pedro II a Engenho de Dentro).

¹⁶⁶ COUTINHO. Renato Soares Coutinho. *Um Flamengo Grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Tese. Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Área de concentração: História Política. Orientador: Prof. Dr. Jorge Ferreira. Niterói. 2013. p.101.



Carteira de Identidade de Empregado e Passe de Empregado da E.F.C.B, pertencentes a Jorge Martinho Prado (Arquivo familiar da Família Sabatinelli)

A carteira de identidade ou carteira funcional era atribuída ao funcionário da E. F. C. B para que este tivesse acesso as linhas férreas, ao atendimento de saúde, as compras nas cooperativas dos ferroviários, local onde podia fazer compras de mercado e eletrodomésticos e para identificação perante as entidades policiais¹⁶⁷.

Os dados inscritos em seu passe indicam que seu local de trabalho ficava na Estação Engenho de Dentro, sugerindo que em seu trajeto diário percorria as Estações de Ramos – Central do Brasil – Engenho de Dentro. Nota-se, também, que, como ferroviário, desde 22 de junho de 1942 quando a carteira foi emitida, Jorge Martinho desempenhou a função de Prático Escriturário, referência V, Divisão ou Seção de materiais na Estrada de Ferro da Central do Brasil. Tal categoria lhe permitia ser alocado na Contadoria, Almojarifado, Trafego, Linha, Escritório e, ou, Tração¹⁶⁸.

¹⁶⁷LATUFF, Carlos. *Carteira funcional da extinta Estrada de Ferro Central do Brasil, emitida em 11 de novembro de 1948*. Disponível em: <http://ferroviadosbrasil.blogspot.com/2010/05/carteira-funcional-da-extinta-estrada.html>. Acesso em 9 abril 2020.

LaTUFF, Carlos. *Ainda sobre a carteira funcional da EFCB*. Disponível em: <http://ferroviadosbrasil.blogspot.com/2010/06/ainda-sobre-carteira-funcional-da-efcb.html>. Acesso em: 9 abril 2020.

¹⁶⁸ ALENCAR, Carolina Pena de. *Trilhando memórias: reflexões acerca das identidades dos trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

No jornal *O Globo Expedicionário* de 25 de janeiro 1945, seu pai José Martinho Prado (sem saber que o Praça já era considerado desaparecido) notifica Jorge que estava recebendo o ordenado de Jorge normalmente, no valor de 400 cruzeiros via Banco do Brasil¹⁶⁹. De acordo com Aribides Pereira, ex-Soldado da Força Expedicionária Brasileira o soldo pago pela FEB ao soldado engajado era de 296 cruzeiros¹⁷⁰ e o salário mínimo brasileiro era de 380 cruzeiros¹⁷¹.

<p>2.º TEN. EDUARDO DE CERQUEIRA CESAR — Recebi cartas. Saudades e beijos sua noiva Emma.</p> <p>CAP. LEONEL MARTINS NEY DA SILVA — Recebemos cartas. Ciente do cheque enviado. Saudades tua mãe.</p> <p>MAJOR MONS. PASCOAL LIBRELATO — Muitas bênçãos e felicidades. Espero carta. Armando.</p> <p>SD. MANOEL PEREIRA DE AZEVEDO — Todos bem. Abraços de todos. Alcebiades.</p> <p>TEN. ALAOR SOARES DE SOUZA E MELLO — Nossa bimbina bem. Beijos da esposa Laura.</p> <p>SD. ELVINO FERREIRA GUIMARÃES — Deus te proteja. Recebi cartas. Todos bem. Beijos. Paula.</p> <p>2.º TEN. MÉD. CYLON QUINTAES DE SOUZA — Querido, recebi cartas. Todos bem. Beijos tua Iza.</p> <p>SD. CLEBER FOSTER — Deus os proteja. Ouçam mensagens radio. Abraços V. e Vito. Paula.</p>	<p>VEDO — Não recebi foto. Saudades todos. Beijos. Dalila.</p> <p>1.º SGT. ROZENDO GOMES — Todos bem. Breve e vitorioso regresso. Ana.</p> <p>1.º TEN. FELIX BARTOLINO CACCAVO — Comecei trabalhar banco. Nunciai teve menina. Felicidades. Ruben.</p> <p>MAJOR DIOGO F. MOREIRA — Chegamos das águas. Beijos carinhosos. Dylha.</p> <p>CABO JORGE MARTINHO PRADO — Recebi Cr\$ 400,00 no B. B. Recebo vencimentos normalmente. Beijos teus pais. José.</p> <p>SD. PAULO A. CORREIA DE AZEVEDO — Abraços felicidades aniversário. Aristides, Rosita, Maria Augusta e Nara-reth.</p> <p>TEN.-CEL. IRAPUAN XAVIER LEAL — Agradecemos presentes. Breve e feliz regresso com a vitória. Dirceu e família.</p> <p>CABO FRANCISCO DE ASSIS SAMPAIO — Recebi cartas. Muitas saudades. Beijos. Ellis.</p>	<p>SD. DARCY AQUINO — Recebi carta e retrato. Antonia.</p> <p>SD. DALTRO SANTOS — Cartas recebidas. Yvone.</p> <p>1.º TEN. MENANDRO ARAUJO — Ansiosa notícias. Escreva urgente. Beijos. Suzani.</p> <p>2.º SGT. JOSÉ ALVIM FONTANA — Paizinho. Todo o carinho da filha que lhe quer muitíssimo. Maria Luísa.</p> <p>3.º SGT. DIOGO GUALBERTO DIAS FILHO — Um grande e saudoso beijo. Tua Leda.</p> <p>SD. BENEDITO CODINHO DE SOUZA VEIRA — Todos bem. Recebi cartas. Lembranças de Jacyra e família.</p> <p>3.º SGT. WANDERLEY LESSA DE SOUZA VEIRA — Estou bem. Mande fotos. Mande encomenda. Saudades. Jacyra.</p> <p>SD. ADOLFO PINTO DA SILVA — Deus te proteja. Saudades de todos. Felicidades e breve regresso. Miguel Fernandes dos Santos.</p> <p>TEN. FELIX EDUARDO DA SILVA —</p>
--	---	--

O Globo Expedicionário (RJ). RJ, 25 de janeiro de 1945. Mensagens de parentes e amigos.¹⁷²

O soldo pago pelo Exército Brasileiro a seus soldados era dividido em duas partes: uma, em lira italiana, ou liras de ocupação e outra que era para a família. Sobre essa forma de pagamento, o ex-Praça da FEB Aribides Pereira relembra que,

¹⁶⁹ O Globo Expedicionário (RJ) - 1944 a 1945. Ano 1945. Edição 00021. Rio De Janeiro, 25 de janeiro de 1945. Mensagens de parentes e amigos. p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=177415&pagfis=150&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em 10 abril 2020.

¹⁷⁰ Longa jornada com a FEB na Itália: Salário e fontes de renda. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/longa-jornada-com-a-feb-na-italia-salario-e-fontes-de-renda/>>. Acesso em: 10 abril 2020.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/180154>

¹⁷² O Globo Expedicionário (RJ) - 1944 a 1945. Ano 1945. Edição 00021. Rio De Janeiro, 25 de janeiro de 1945. Mensagens de parentes e amigos. p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=177415&pagfis=150&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em 10 abril 2020.

“recebia 200 liras na Itália; outra cota era enviada a família, em cruzeiros, e o restante era creditado em uma conta bancária, no Brasil”¹⁷³.

Jorge Martinho Prado tinha um soldo compatível com o salário mínimo da época. Como se pode observar nas cartas datadas de 14 e 17 de dezembro de 1944, manifesta a preocupação em saber se tudo estava correndo bem no fluxo monetário entre a Itália e o Brasil, o que nos leva a crer que participasse na contabilidade dos rendimentos de sua casa.

“[...] Escreva – me dizendo se está recebendo meus vencimentos e quanto no banco e o de caixa (sic!). Mandei por intermédio do Banco do Brasil a quantia de 400\$000. Diga se recebeu [...]” na mesma carta, pede para que sejam pagos seus móveis e o alfaiate *“[...] com o dinheiro que receber pague meus moveis e ao alfaiate[...]”*.

Na carta de 17 de dezembro de 1944, dirigida ao seu irmão Waldyr, Jorge retorna ao assunto *“[...] Desejo saber também em quanto consta meu vencimento com o do banco. Não vá o papae interpretar mal este meu desejo, é somente para saber se está tudo legal. [...]”*

¹⁷³*Longa jornada com a FEB na Itália: Salário e fontes de renda.* Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/longa-jornada-com-a-feb-na-italia-salario-e-fontes-de-renda/>>. Acesso em: 10 abril 2020.

único presente que daqui poderia chegar.
 De meus bons pais e irmãos recebi duas cartas ~~de~~
 4-10 e 16-11-1944. da Quita duas 8 e 14 de novembro, da Marly uma 16 de novembro
 do primo Alvaro uma de 7 novembro, e do Graciano ^(Lúcio) uma de 12 de novembro.
 Para todos daí, entre postais e cartas já escrevi mais ou menos umas
 não sei ao certo. Quando estiver com a tia Adelina diga que estou com muitas saudades
 a, e de todos de lá. Saudades da tia Fedeth, Izir, Irene, Osvaldo e esposa e ao velho
 até um forte abraço meu. Também tenho saudades a tia Lidya e de todos a continue
 pedir notícias do Helio. Ao mano, mama, cunhado e afilhada beijos e abraços de
 janeiro que não os esqueço. E Waldyr como vive com os estudos, porou de ano?
 Termina desejando para as melhores fases do mundo, e para
 dos um bom Natal e um feliz ano novo.
 Do filho que não os esquece
 Escreva-me dizendo se está recebendo meus
 vencimentos e quanto, no banco, e o de cobra.
 Mandei por intermédio do Banco do Brasil a quantia de ~~400,000~~
 Diga se recebeu 400,000 Beijos Marly
 Jorge com o desejo que
 receber pague meus ônus
 e os afilhados

Carta escrita em 14 de dezembro de 1944 para mãe (Cecy Pinto de Almeida Prado). Acervo da família Sabatinelli, “grifo nosso”.

Durante os três meses que participou do conflito, Jorge Martinho Prado escreveu diversas cartas e postais à família. Para o envio de suas cartas, Jorge utilizou três formas oficiais que seguiam um mesmo caminho e atestam a veracidade da fonte. As duas primeiras cartas foram escritas em papel da “Via Aérea Cruzeiro do Sul”, a segunda em papel “normal”, sem timbre e as três últimas no papel timbrado do chamado V-Mail ou Victory Mail.

A Via Aérea Cruzeiro do Sul foi uma rota operada na Segunda Guerra Mundial pela Companhia Cruzeiro do Sul, antiga Condor Syndikat, responsável pelo trajeto entre Nápoles e Natal e transporte de homens e cartas. As aeronaves

utilizadas eram 3 bimotores C-47 Skytrain¹⁷⁴ e as remanescentes da extinta *Condor*.¹⁷⁵

Outra forma de enviar e receber cartas no *front* dava-se através das denominadas *Victory Mails*, ou V – Mail.

Desenvolvido durante a guerra, o V-Mail era método novo de comunicação que funcionava tirando uma espécie de fotografia reduzida da carta no filme da câmera com menos de uma polegada para cada imagem. O processo de microfilmagem seguia rígidos padrões, para que as cartas ficassem legíveis ao receptor. As recomendações eram: “*Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Faint or small writing is not suitable for photographing.*”¹⁷⁶.

Para os militares, o método interessava já que, as cartas microfilmadas economizavam espaço no meio de transporte e receber cartas de suas casas havia se mostrado essencial para o moral dos soldados.

O formulário padronizado para a escrita da carta era feito com papel leve e permitia ser dobrado, combinando assim mensagem e envelope.¹⁷⁷ Segundo o site *The National WWII Museum New Orleans*, em artigo publicado em 7 de dezembro de 2019, o processo de manuseio do V-Mail era tão confiável que nenhuma carta fora perdida na guerra¹⁷⁸. As cartas de Martinho seguiram todas essas premissas.¹⁷⁹

A tramitação das correspondências seguia observada de perto pelos órgãos censores. Do front italiano para o Brasil a censura postal era aplicada no sentido de garantir que nenhuma informação importante ou sigilosa fosse divulgada indevidamente, já no sentido inverso, do Brasil para o front, a preocupação era

¹⁷⁴Douglas C-47 Skytrain. Disponível em:<<http://www.sentandoapua.com.br/porta13/materialbelico/aeronaves-mainmenu-53/utilitarios/89-c47>>. Acesso em 12 abril 2020.

¹⁷⁵Serviços aéreos Cruzeiro do Sul LTDA. Disponível em:<<http://www.catalinasnobrasil.com.br/site/historico/1401-servi%C3%A7os-a%C3%A9reos-cruzeiro-do-sul-ltda.html>>. Acesso em 12 abril 2020.

¹⁷⁶ GUISE, Kimberly. MAIL CALL: V-mail. december 7, 2019. New Orleans, 2019. Disponível em:<<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/mail-call-v-mail>>. Acesso em 12 abril 2020.

¹⁷⁷ American Women during World War II: An Encyclopedia. Contributors: Dori Weatherford - Author. Publisher: Routledge. Place of publication: New York. Publication year: 2010.pp. 463 – 465.

¹⁷⁸GUISE, Kimberly. MAIL CALL: V-mail. december 7, 2019. New Orleans, 2019. Disponível em:<<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/mail-call-v-mail>>. Acesso em 12 abril 2020.

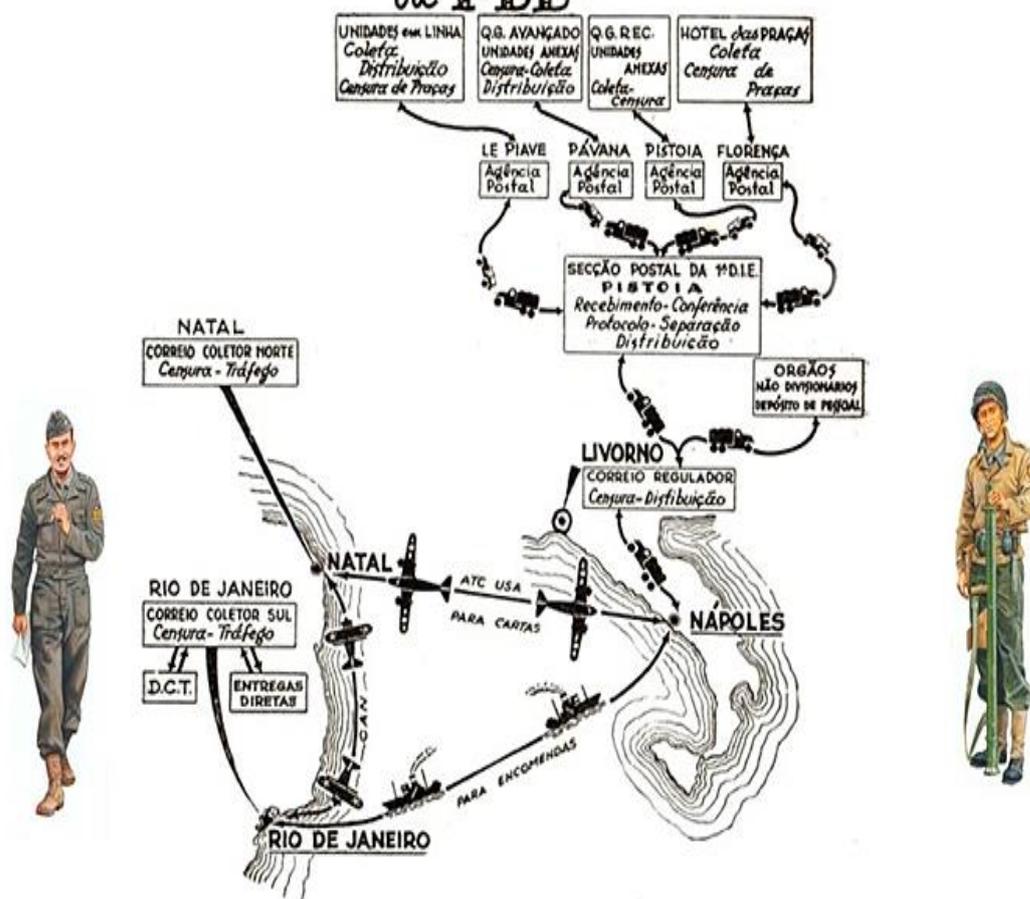
¹⁷⁹ GUISE, Kimberly. MAIL CALL: V-mail. december 7, 2019. New Orleans, 2019. Disponível em:<<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/mail-call-v-mail>>. Acesso em 12 abril 2020.

impedir qualquer notícia capaz de abalar “o moral” do soldado, tais como notícias tristes, acidentes, doenças e mortes de entes queridos.¹⁸⁰

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

VIII SENAB - 2ª GM

ESQUEMA do SERVIÇO POSTAL da FEB



Esquema de Serviço Postal da FEB¹⁸¹

¹⁸⁰DA ROCHA, Cristal Magalhães. *Força Expedicionária Brasileira e seu lugar no patrimônio documental brasileiro: identificando arquivos*. Dissertação de Mestrado. FFLCH USP. 2016. p38

¹⁸¹ VII Seminário Nacional sobre a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial (VIII SENAB – 2ª GM). Disponível em: <<http://www.dphcex.eb.mil.br/senab>>. Acesso em 13 abril 2020.

Criado pelo Decreto-Lei nº. 6.438, de 26 de abril de 1944, o Serviço Postal da FEB trazia as regras para seu funcionamento aprovadas pela Portaria nº. 6.413-A, de 28 de abril do mesmo ano. No artigo 13, no capítulo III, “Das condições para o recebimento dos objetos de correspondência”, da Portaria nº. 6.413-A, explicava como deveria ser colocado na correspondência o endereço do militar pertencente à FEB.

No livreto publicado pelo Ministério da Guerra e entregue aos militares da FEB, intitulado “Instruções sobre a correspondência particular para a Força Expedicionária Brasileira e dela para o Brasil”, na página 5, além das informações constantes do artigo 13, da Portaria nº. 6.413-A, acrescentava: “*Aos militares mais conhecidos pelo número, é permitido no endereço, antes do nome, o respectivo número*”.¹⁸²

Pela Portaria nº. 49-48, de 15 de junho de 1944, eram aprovadas as instruções a serem observadas na colocação do endereço na correspondência destinada a elementos da Força Expedicionária Brasileira. (**Anexo No. 4**)

O serviço postal da FEB, responsável pelo envio das cartas, era controlado e seguia um longo caminho até chegar às mãos dos destinatários. Fisicamente, a carta passava por algumas etapas antes de chegar às mãos da família no Brasil, ou do soldado na Itália.

Inicialmente, a carta era depositada em um posto que, no caso do I Batalhão do I *Regimento* de Infantaria, estava subordinado ao Quartel General de Reconhecimento, onde eram verificados o peso, o conteúdo e se deveria ou não ser censurada.

Na etapa seguinte, a carta seguia de jipe ou caminhão até Pistóia, onde era separada, protocolada e passava por uma nova conferência, separação e distribuição, a partir disso eram acondicionadas em sacos para serem posteriormente separadas no Brasil. Ainda em Pistóia o sacos com as cartas seguiam para Livorno, onde teriam novamente uma inspeção censora, para, enfim, serem remetidos para Nápoles e dali, via “*Aéreo Cruzeiro do Sul*”, para as cidades de Natal e Rio de Janeiro.

¹⁸² CRUZ, Henrique Vasconcelos. O Endereçamento no Serviço Postal da FEB. Revista A Filatelia Brasileira. Nº.8, dezembro de 2007. p.30.

O mesmo caminho era utilizado para encomendas mais pesadas, com a diferença que chegando em Nápoles, seguiam de navio para o Rio de Janeiro.

O tempo entre envio, conferência, censura, distribuição e recebimento da resposta familiar da carta variava muito. Há relatos de que em poucas semanas chegavam as respostas, em outros casos houve soldados que só receberam pouco mais de três cartas durante o conflito.

Ainda assim, o tempo era aproximadamente um mês entre o envio da carta e a chegada de sua resposta. Para encomendas maiores houve casos de demora de onze meses para a chegada do pacote nas mãos do combatente.¹⁸³

Observando as datas de envio e respostas das missivas de Jorge Martinho Prado percebe-se que levavam de quinze dias a um mês para completar o ciclo de sair de suas mãos, chegar ao Brasil e serem respondidas pela sua família.

Suas cartas eram endereçadas ao já mencionado bairro de Ramos e o que chama atenção com relação aos destinatários é a alternância nas ruas para as quais as correspondências eram remetidas, mostrando que escrevia ao seu círculo familiar e amigos mais próximos.

Em meio à exaustão física e psíquica, mergulhado no tenso cenário de destruição próprio da guerra, Jorge Martinho manifestou em alguns de seus escritos a satisfação em receber as cartas de sua família como um alento para a dor provocada pela distância e circunstâncias que se impunham.

Na carta de 14 de dezembro de 1944 escreveu que “[...] *Si a alegria da chegada das minhas cartas, imagina o que acontece commigo quando as recebo. Elas são para mim um alento para as saudades que sinto. [...]*,”

Esse sentimento é completamente compatível com a teoria de Marcio Seligmann Silva de que narrar ou escrever uma carta é sobreviver diante de um sentimento de angústia, sendo uma atividade singular que garante a sobrevivência daquele que está em conflito¹⁸⁴.

¹⁸³ MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Grua, 2010. pp, 352-355.

¹⁸⁴ SILVA, Marcio Seligmann. *Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes*. Niterói, n24, pp. 101-117, 1. Sem. 2008.

Sob esta perspectiva, ao escrever para casa, Martinho criava uma ponte entre o presente que queria se afastar e o passado que queria que retornasse ao presente ou mantivesse intacto.

A carta, segundo Ângela de Castro Gomes, tem uma ideia de pacto epistolar, que é o ato ao qual o sujeito que escreve cria, mesmo que seja artificialmente, um caminho entre o emissor e destinatário. Essa “ponte” permite que haja um processo de criação de memória pelo destinatário da missiva, a quem caberá preservá-las e criar um ambiente de significado memorialístico, físico e ou emocional, para as cartas.

Através de suas cartas, Jorge Martinho “se mostra” à família, numa relação íntima, que se transforma em um ato terapêutico e catártico, contrário a guerra. Tal como Gomes escreve “*O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem escreve se expõe, dando uma “prova” de sinceridade*”¹⁸⁵.

O ato de mandar cartas para sua família, além de ressaltar o sentimento expresso a seus familiares, demonstrava que o ato da escrita era um momento de (sobre)vivência do soldado que, no caso de Jorge, lembrava-se com acentuado sentimento paternal por sua sobrinha e sobrinho e amor filial aos pais, especialmente a sua mãe.

Ao analisar as cartas, sobressalta o intenso sentimento demonstrado a Marly e Alberto, carinhosamente chamado de Albertinho. A menina era especialmente lembrada com carinho e afeto pelo soldado, que mostrava nutrir um sentimento paternal por sua afilhada. Nas missivas endereçadas a ela, contava com palavras cuidadosas sobre o seu cotidiano na Itália.

Para além da preocupação com a sobrinha, expressava um certo desassossego no recorrente envio de lembranças, beijos e abraços para todos que da família faziam parte, para que ao fim não fosse esquecido por eles.

¹⁸⁵ GOMES, Ângela de Castro (org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p, 20.

Ângela de Castro Gomes trata de forma esclarecedora sobre esse processo, tão visível em Jorge Martinho Prado, e que imbricava na escrita de si e o envio de cartas,

[...]Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê- sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo. Escrever cartas é assim “dar-se a ver”, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente, o que permite um tête-à-tête, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial. Tal constatação é plena de desdobramentos. Um deles é que, se a escrita de si é uma forma de produção de memória que merece ser guardada e lembrada, no caso da correspondência, o encarregado dos procedimentos de manutenção e arquivamento dos documentos é o “outro” a quem se destina a carta e que passa a ser seu proprietário. A escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento[...]de vínculos entre indivíduos e grupos. Isso ocorre em sentido duplo, tanto porque se confia ao “outro” uma série de informações e sentimentos íntimos[...].¹⁸⁶

Assim, ao escrever, transpunha, ou tentava transpor, um “muro” que, naquele momento, o separava da sociedade que possivelmente não conhecia e tão pouco dimensionava os traumas de guerra a que cotidianamente estava exposto.

Com o passar do tempo, torna-se cada vez mais perceptível em suas letras a angústia de estar longe e o desejo de voltar para casa vivo e saudável. Contudo, os assuntos sobre combates eram evitados, fundamentalmente por dois motivos: o primeiro, para driblar a censura, sobre a qual os combatentes haviam recebido um pequeno caderno com instruções para o envio e recebimento das cartas na Itália; o segundo, para proteger os parentes da já estressante incerteza sentida pelo fato de seu ente estar em uma guerra.

As cartas de Jorge Martinho Prado se adequaram as orientações, não fazendo alusão direta aos combates nem aos locais onde estava estacionado, poupando sua família de maiores preocupações e não “despertando a caneta” dos censores.

¹⁸⁶ GOMES, Ângela de Castro (org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p, 19.

Talvez por isso, em um primeiro momento soe estranho que não tivesse feito menção as catástrofes que presenciadas em combate, mas se assim o fizesse como os seus entes receberiam as informações? Ao tentar suprimir as letras do trauma, Jorge parecia desviar o que talvez fosse “indizível” à família, relatando assuntos que pudessem ser entendidos dos dois lados, anunciante e anunciado¹⁸⁷.

Todavia, tudo era “muito” e a miséria acabou por transbordar em sua escrita como um desabafo insustentável da perplexidade sentida frente as mazelas do conflito global em que estava inserido. Sobre isso, Jorge Martinho foi enfático em pelo menos dois momentos na carta de 15 de outubro de 1944, data próxima de sua chegada na Itália se considerarmos que sua partida ocorreu em 22 de setembro de 1944 e o tempo de viagem de navio entre o Rio de Janeiro e Nápoles na década de 1940 transcorria em torno de 12 a 15 dias.

Destacando a pobreza e destruição que tinha visto em terras italianas escreveu, “[...] *Estive em Nápoles e só vi ruínas e miséria deixada pelos alemães[...]*” e “[...] *Voltando a miséria, um dos nossos oficiais deu de presente um sabonete a uma italiana e ela ficou espantada dizendo que a quatro anos não via um.[...]*”.

Tais passagens demonstram como o horror da guerra impactara visual e mentalmente aquele homem que saíra de seu trabalho na E.F.C.B.¹⁸⁸ para os campos de batalha na Itália. Para mostrar como o estado de choque se tornava inenarrável, Marcio Seligmann Silva escreve de forma clara como o traumatizado enfrenta a dificuldade em fazer ser entendido por uma sociedade que não viveu aquilo que foi experimentado por quem narra.¹⁸⁹

Outro ponto que emerge em suas missivas é a relação que construiu com seu novo “serviço”, destacando elementos sugestivos de sua vivência na guerra, que contudo não podem ser atestados no campo da verdade factual, já que, como dito

¹⁸⁷ SILVA. Marcio Seligmann. *Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol.20, n.1, pp. 65-82, 2008.

¹⁸⁸ Estrada de Ferro Central do Brasil – E.F.C.B.

¹⁸⁹ SILVA. Marcio Seligmann. *Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol.20, n.1, pp. 65-82, 2008.

anteriormente, a escrita de si é uma construção contínua do eu que faz revelar aquilo que quem escreve deseja que seja lido pelo seu confidente.¹⁹⁰

Na carta de 15 de outubro de 1944, Jorge diz que “[...] *Uma das causas que não poderia deixar de falar era sobre a bravura de nossos colegas que aqui estão a mais tempo que nós. Eles têm mostrado que os brasileiros sabem vingar seus irmãos mortos pelos miseráveis nazistas[...]*” indicando uma coesão entre os elementos da FEB que reconheciam o valor da luta na qual estavam inseridos e desejavam mostrar para o Brasil que, além não haviam ido para a Itália em vão, existia uma sólida união moral entre as tropas.

Dentre todos os assuntos, a saudade é o que mais se faz presente nas cartas de Jorge Martinho, constando desde a primeira à última, escrita para a família, talvez por fazer parte da vida dos dois extremos, quem estava em Ramos e ele que, no momento estava em Monte Castelo. Insistia no sentimento, matizando o fato de estar longe, fora dos cuidados maternos e clamando para não esquecerem dele.

Para ter controle da saudade que sentia, tal como uma eventual sensação de continuidade do tempo que transcorria e que não havia se despreendido totalmente do Brasil, assinalou em todas as cartas as datas em que as enviou e recebeu, fazendo menção para que datassem as cartas, pois não haveria problema para ele em ver tal informação, como segue neste trecho da carta do dia 17 de dezembro 1944 “[...] *Recebi em 16-12- sua cartinha s/ data, mas podes a identificar, pois nelas falas que não me desapontarias sobre as suas notas finais[...]*”.

Com a aproximação do Natal de 1944, Jorge Martinho não deixou de registrar seus votos nas cartas de 14 de dezembro 1944, destinada aos pais; de 14 de dezembro de 1944 para a sua sobrinha Marly fazer a leitura e na carta de 17 de dezembro de 1944, ao seu irmão Waldyr.

Ao escrever, Jorge mencionava nominalmente todos os seus familiares, ou pelo menos os mais próximos a ele, dando a entender, em palavras de carinho, que apesar da guerra e da saudade, tudo estava correndo dentro de uma certa normalidade e que o sentimento de afago não sofrera alterações.

¹⁹⁰ GOMES, Ângela de Castro (org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Em sua carta datada de 14 de dezembro de 1944 descreve que:

[...] De meus bons paes e irmãos recebi duas cartas, da Quita duas 8 e 14 de Novembro, da Marly uma 16 de Novembro do primo Alvaro uma de 7 de Novembro, e do Graciano (centra) uma de 12 de novembro. Para todos daí, entre postaes e carta já escrevi mais ou menos umas, não sei ao certo. Quando estiver com a tia Adelina diga que estou com muitas saudades, e de todos de lá. Saudades da titia Judith, Izair, Irene, Osvaldo e esposa e ao velho[...] um forte abraço meu. Também tenho saudades a tia Lidya e de todos e continue a pedir notícia do Hélio. Ao mano, mana, cunhado e afilhada beijos e abraços de guerreiro que não os esquece. E Waldyr como vae com os estudos, passou de ano? [...] um bom Natal e um feliz ano Novo. [...]

Ao desejar felicitações em uma das mais emblemáticas datas do calendário cristão, o soldado demonstrava o seu não esquecimento da família e marcava sua presença em lembrança afetiva na celebração onde assinalava na sutileza da mensagem a esperança no Ano Novo que se aproximava, como se constata pelas imagens e teor dos postais dirigidos à sobrinha Marly.



A boa afilhada ~~em~~ com muitas saudades do dindin ho Beijos e Abraços na vóvó Cecy e Maria no vóvô José e Antóio, na mamãe e papae, Alberto Tocila (SIC!) e no menor da família, (Albertinho) E para você a benção do dindinho, e que Deus esteja comtigo. Italia 1.º De Janeiro de 1945. Jorge Martinho Prado. (Acervo da Família Sabatinelli)



(Mittente) Afilhada Sapéca. A querida das afilhadas o dindinho oferece este postal como mais uma lembrança. Jorge. De um beijinho na mamãe na vovó Cecy e Maria nadindinha Quitã. Vovô José e Antonio e no Alberto. Quando dindinho tiver tempo escreve para você. Itália em 1º de Janeiro 945. Jorge Martinho Prado. (Acervo da Família Sabatinelli)

Pode-se supor que este seja um dos resultados de “suas saudades” e da sua vontade de se afastar do caráter cada vez mais violento que a guerra revelava ter e que sua escrita pode ter sido uma tentativa de não deixar que ele próprio caísse no esquecimento, impedindo que a distância e a censura se sobrepusessem à sua vontade de ficar próximo de sua parentela bem como de imprimir sua marca sobre aquilo que observava na realidade da guerra.

É interessante olharmos com maior atenção este sentimento, pois, muito nos diz sobre sua condição enquanto estrangeiro, lutando em outra pátria. A saudade parece ser, na maioria dos casos, a força motriz para os escritos de quem parte a outro lugar, ou é levado por uma situação que força o distanciamento entre duas partes.¹⁹¹

Para Oswaldo Truzzi e Maria Izilda Matos, a carta é uma forma de espelho retrovisor, onde aquele que escreve pode olhar para sua História e assim, encurtar a distância emocional e física entre duas partes.¹⁹²

¹⁹¹ MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Saudade: sensibilidade no epistolário de emigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

¹⁹² MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Saudade: sensibilidade no epistolário de emigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

Encurtar a distância física é, senão, projetar materialmente na carta a presença da pessoa que a remeteu. Quando escrevia, Jorge Martinho Prado estava presente no seio da família e dos amigos, materializado nas letras e no sentido que delas emergia. Aqueles papéis eram um pouco do seu “eu.”¹⁹³

Como afirmam os autores,

*Essa literatura epistolar funcionava como antídoto à saudade e possibilitava reconstituir elos perdidos do passado, a circularidade cultural entre a sociedade de partida e de acolhimento (solidariedade, ajuda frente ao novo, desconhecido e possivelmente hostil), facilidades e dificuldades de integração, mudanças e permanências de habitus (sabores, gostos, religiosidade), transmissão e reconstrução das tradições, entre várias outras questões*¹⁹⁴.

Nesse sentido, em seus escritos Jorge Martinho deixa claro para sua família que as cartas que recebia eram um alento em meio ao turbilhão de emoções que se desenrolava ao viver o conflito. Na carta de 14 de dezembro de 1944, dois dias após a ofensiva fracassada a Monte Castelo, desabafa: “[...] *Elas são para mim um alento para as saudades que sinto. [...]*”¹⁹⁵

Na mesma carta, revela a dimensão emocional que a sua família representa, assim como cartas que para ele enviavam. “[...] *Quando as leio, me vem um nó na garganta e tenho que parar, mamãe isto é alegria e saudades. [...]*”¹⁹⁶

Em suas palavras, carregadas dos mais variados sentimentos, uma coisa parece certa, Jorge estava ali, mantinha-se vivo, ligado e pertencente ao seu núcleo referencial e escrever era um modo de aquietar o seu coração “doente de saudade”¹⁹⁷.

¹⁹³ MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Saudade: sensibilidade no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

¹⁹⁴ MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Saudade: sensibilidade no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

¹⁹⁵ MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Saudade: sensibilidade no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

¹⁹⁶ MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Saudade: sensibilidade no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

¹⁹⁷ MATOS, Maria Izilda Santos e Truzzi, Oswaldo Mario Serra. *Saudade: sensibilidade no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 35, N° 70, pp. 257-277, 2015.

Da mesma forma que para remediar as feridas emocionais de seu coração, a carta era uma espécie de “boletim informativo” para os outros parentes indicando o quanto era querido e estimado por sua família, de quem certamente recebeu mais cartas, postais, lembranças e votos de bonança em meio a contenda do que as que foram entregues junto com seus pertences quando foi confirmado o seu desaparecimento.

Em vista disso, pode-se constatar que Jorge Martinho tinha as mais diversas razões para querer, e manter, uma comunicação contínua e pontuada de bem querer entre si e os seus que ficaram no Brasil.

A densidade emocional presente nas cartas de Jorge Martinho Prado pode ser observada também no estabelecimento da ponte entre o passado que foi deixado pelo soldado e o seu presente caótico, meio essencial para que o combatente pudesse suportar e enfrentar o período de campanha, como podemos ver nos trechos da carta de 19 de dezembro de 1944, quando diz: “*Minha boa afilhada, o dindinho todas as noites, pede a Deus que a, abençoe e que te proteja, nos seus estudos, e lhe de bastante saúde e felicidade, a todos que ahi estão*” e da carta de 17 de dezembro de 1944, quando relembra os laços afetivos da família, “*Meu bom irmão, vamos dividir este cartaz que tanto falaste, pois somos estimados por todos, graças a Deus.*”.

Várias alusões devocionais em suas cartas sugerem que era católico.

De acordo com Anysio Henriques Neto, “*a reza era um elemento comum ao brasileiro, mas a guerra ressignificou esse hábito*¹⁹⁸. Essa realidade emergiu na carta escrita por Marly para seu padrinho em 16 de novembro de 1944: “*Dindinho eu e mamãe rezamos todos os dias na hora da Ave Maria pedindo a nossa Senhora para o seu regresso que se Deus quiser será bem breve*”. Já em sua carta de 14 de dezembro de 1944 é que toma a palavra e escreve que, “*Com fé em Deus e N. Senhora breve regressarei com a vitória para o nosso querido Brasil*”.

Ao se apegar fortemente à sua fé, pedindo que cada vez mais rezassem por ele que esperava que Deus o agraciasse com o retorno a casa, o que se nota é uma

¹⁹⁸ NETO, Anysio Henriques. *A religião no Exército brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra*. Juiz de Fora: UFPA, 2011.

possível estratégia emocional com base na religiosidade para abrandar seu sofrimento. Tal sentimento é especialmente marcado quando, ao falar de Deus e Nossa Senhora, faz menção a um passado movido pela constância e pela ordem, abruptamente rompidas pela sua ida ao combate e a um futuro vitorioso e livre do caos da guerra.

Há um fator que não podemos negligenciar dessa união, que é o catolicismo. A Itália é extremamente católica, o Brasil é eminentemente católico. É comum a narrativa de famílias italianas que abrigavam os brasileiros, compartilhando o que tinham na mesa, rezavam o terço juntos.¹⁹⁹

Nas cartas datadas de 27 de outubro e de 14 de dezembro de 1944 foi enfático ao dizer: “Com fé em Deus depois de terminada esta maldita guerra regressarei ao nosso querido lar” e “Com fé em Deus e N. Senhora breve regressarei com a Vitoria para o nosso querido Brasil.”, vale destacar que a palavra vitória foi escrita em sua epistola com o “v” maiúsculo, reforçando assim o seu pensamento no sucesso de sua missão na Itália.

A certeza do seu retorno, marcado pela vitória, ganhava força em sua fé, entre outros, em “santinhos” como o apresentado abaixo, dedicado a “*Beata Vergine Maria della Provvidenza*”²⁰⁰, e que retornou à sua família com seus pertences de guerra quando do seu desaparecimento. Sua oração coaduna-se às aspirações e fé manifestadas por Jorge Martinho Prado,

Virgem Santíssima Mãe da Divina Providência, tesoureira das graças de refúgio de nós, pecadores miseráveis, recorremos ao seu amor maternal com fé viva e pedimos a graça de sempre fazer a vontade de Deus e de você e damos nosso coração nas suas mãos mais sagradas. a saúde da alma e do corpo e

¹⁹⁹ PAPPON, Thomas. *BBC resgata vozes e sambas esquecidos dos soldados brasileiros na 2ª Guerra*. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43385807>>. Acesso em 5 maio 2020.

²⁰⁰ *A Santíssima Virgem é chamada "Mãe da Divina Providência", porque nos foi dada por Deus como mãe carinhosa, que nos adquire com sua intercessão os bens do céu. Como Deus não pode esquecer seu povo e que, assim como uma mãe, o conforta. Os fiéis apoiados pelo patrocínio de uma Mãe tão sublime, encontram graça e são ajudados no momento certo e buscam, de acordo com a ordem do Senhor, antes de tudo o reino de Deus e sua justiça, experimentar a providência do Pai em todas as circunstâncias da vida*. Disponível em: <<http://www.santiebeati.it/dettaglio/90989>>. Acesso em 5 maio 2020.

certamente esperamos que você, nossa mãe amorosa, nos conceda e nos faça felizes nesta e na outra vida. Que assim seja.



(Arquivo da família Sabatinelli)

Outro importante material religioso para os pracinhas da FEB foi o “*Manual de orações do Soldado Brasileiro*”.

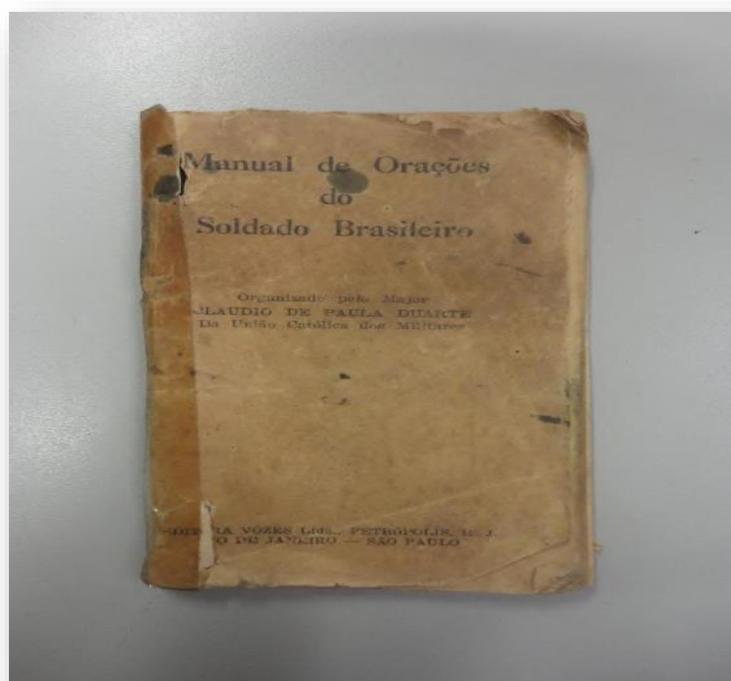
Organizado pelo Major Cláudio de Paulo Duarte, da União Católica dos Militares, o “Manual” foi publicado pela Editora Vozes em junho de 1944. Reforçando o caráter religioso – patriótico do Exército Brasileiro, seu intuito era levar a doutrina da religião católica ao ambiente da guerra e no sentido de confortar espiritualmente combatentes, frente ao medo da morte e as mazelas físicas, emocionais e materiais produzidas pelos confrontos.²⁰¹

De acordo com Adriane Piovezan,

o “Manual de Orações do Soldado Brasileiro” se insere nesse universo de material de literatura religiosa. Carregado pelos indivíduos que iriam combater como forma de apoiar sua fé essa compilação de orações abordava diversos aspectos presentes naquele contexto. Entre estes destaca-se a posição do soldado frente a iminência de sua própria morte, a questão da morte do

²⁰¹ NETO, Anysio Henriques. *A religião no Exército brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra*. Juiz de Fora: UFFA, 2011. p. 48.

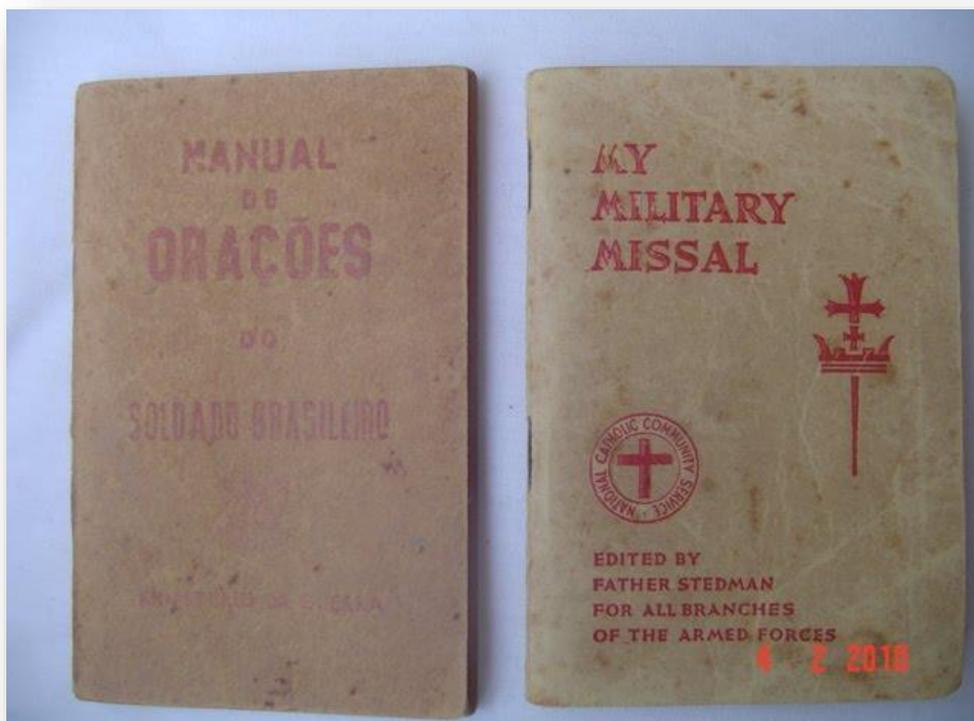
*inimigo e os procedimentos diante da morte de seus companheiros.*²⁰²



“Manual de Orações do Soldado Brasileiro”²⁰³

²⁰² PIOVESAN, Adriane. LITERATURA RELIGIOSA NAS TRINCHEIRAS: O “MANUAL DE ORAÇÕES DO SOLDADO BRASILEIRO”. História, histórias. Brasília, vol. 2, n. 4, 2014. pp 102 – 118.

²⁰³ SILVA, Humberto Ferreira. *As memórias do front: as coleções musealizadas dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira*. Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, 2017, p. 50.



Manual de Orações da FEB e US ARMY – 1944²⁰⁴

Outros assuntos, amenos e até divertidos, também constam nas cartas escritas por Jorge Martinho Prado. Destacamos uma passagem em que apresenta uma experiência, talvez, curiosa à sua família. Na carta escrita em 27 de outubro de 1944 disse que: “[...] *Eu, Lopes e Barboza temos passeado por várias cidades, bebido vinho; comido muita uva, maçã, pecego[...]*”

Vale destacar que, frutas como o pêssego, a maçã e a uva já eram cultivadas e consumidos no Brasil²⁰⁵, no entanto a maçã, de todas as três, era a fruta de acesso mais difícil ficando restrita as elites e aos enfermos.

Em seu conjunto mais amplo, os vários fatos e referências que afloraram nas cartas de Jorge Martinho Prado permitiram traçar parte das redes de

²⁰⁴ WWII FEB Manual de Orações da FEB e US Military. Disponível em: <<http://edumilitaria.blogspot.com/2010/02/ww2-feb-manual-de-oracoes-da-feb-e-us.html>>. Acesso em 10 maio 2020.

²⁰⁵ Alimentos. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/>>. Acesso em 10 maio 2020.

sociabilidade das quais fazia parte, dos aspectos de sua alimentação na Itália, para além das rações de combate, e de seus sentimentos e vontades mais reservados.

A última carta postada por Jorge Martinho, que temos conhecimento, foi endereçada a sua afilhada Marly Prado e data de 19 de dezembro de 1944, já o último postal, igualmente a ela dirigido, data de 01 de janeiro de 1945.

A partir de então, o silêncio.

De acordo com a relação nominal *das praças da Força Expedicionária Brasileira*, falecidas e desaparecidas no período compreendido entre **1º e 31 de janeiro de 1945**, publicada na quinta-feira 01 de março de 1945 no Boletim Interno da Secretaria Geral do Ministério da Guerra²⁰⁶, seu desaparecimento foi noticiado no dia seguinte, sexta-feira, 02 de março, nos seguintes jornais: *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*.



Jornal do Brasil, sexta – feira 02 de março de 1945, p.08.

²⁰⁶ Sobre o Boletim Interno da Secretaria Geral do Ministério da Guerra, ver: DECRETO Nº 6.031 DE 26 DE JULHO DE 1940. O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere a Constituição, DECRETA: Art. 1º Fica aprovado o Regulamento Interno e dos Serviços Gerais, o qual com este baixa, assinado pelo General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro de Estado da Guerra. Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1940, 119º da Independência e 52º da República. GETULIO VARGAS. Eurico G. Dutra. TÍTULO III. Serviços gerais. CAPÍTULO I. BOLETIM INTERNO. Art. 179. O boletim interno é o documento em que o Comandante publicará, diariamente, todas as suas ordens, as ordens das autoridades superiores e os fatos de que deva o corpo ter conhecimento. Parágrafo único. O boletim é dividido em quatro partes: 1ª, Instrução; 2ª, Assuntos gerais e Administração; 3ª, Justiça e Disciplina; 4ª, Serviços diários. Art. 180. Do boletim constará especialmente: 1º, discriminação do serviço a ser feito pelo corpo; 2º, ordens e decisões do Comandante, mesmo que já tenham sido executadas; 3º, determinações das autoridades superiores, mesmo já cumpridas, com a citação do documento de transmissão; 4º, alterações ocorridas com o pessoal e o material do corpo; 5º, ordens e disposições gerais que interessem ao corpo e referência sucinta a novos regulamentos ou instruções, com indicação do órgão oficial em que forem publicados, 6º, referências a oficiais e praças falecidas, que, pelo seu passado e conduta, mereçam ser apontados como exemplo; 7º, apreciação do Comandante ou da autoridade superior sobre a instrução do corpo e referências a documentos de instrução recebidos ou expedidos; 8º, fatos extraordinários que interessem ao corpo, assim como o que deva ser publicado por força de regulamentos e disposições em vigor. Disponível:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D6031impresao.htm>. Acesso em 30 maio 2020.

Falecimento e desaparecimento de praças da F. E. B.

A Secretaria Geral do Ministério da Guerra publicou, ontem, em seu boletim interno, a relação nominal das praças da Força Expedicionária Brasileira falecidas e desaparecidas no período compreendido entre 1.º e 31 de janeiro de 1945.

São as seguintes, as praças falecidas:

Depósito de Pessoal: Subtenente Francisco Hierro, falecido em 13-1-1945, em consequência de desabamento de um prédio.

1.º Regimento de Infantaria: 3.º Sargento — Paulo Moreira, falecido em 4-1-45, em operações de guerra; Paulo Inácio de Araújo, falecido em 4-1-45, em operações de guerra; Cabo José Gomes de Barros, falecido em 12-1-45, em operações de guerra; Soldados: Arlindo Gonçalves dos Santos, falecido em 4-1-1945, em operações de guerra; João Batista Rotelo, falecido em 17-1-45, em operações de guerra.

6.º Regimento de Infantaria: Soldados: Francisco Franco, falecido em 23-1-1945, em operações de guerra; Arnaldo Cândido Raulino, falecido em 8-1-1945, em operações de guerra; Manuel Amaro dos Santos, falecido em 15-1-1945, em operações de guerra; Marcelino Iachinski, falecido em 25-1-1945, em operações de guerra; Geraldo Augusto dos

Santos, falecido em 21-1-1945, em operações de guerra; Djalma Corrêa, falecido em 24-1-1945, em operações de guerra.

11.º Regimento de Infantaria: Cabos: Joaquim Severino, falecido em 22-1-1945, em operações de guerra; Vicente José de Almeida, falecido em 16-1-1945, em operações de guerra; Cabo Honório Corrêa de Oliveira Filho, falecido em 5-1-1945, em operações de guerra; Soldados Estanislau Wojcik, falecido em 31-1-1945, em operações de guerra.

1.ª Companhia de Transmissões: Soldado Miguel Francisco Dias, falecido em 4-1-1945, em operações de guerra.

Companhia do Quartel-General: Soldado João Nancias Alves, falecido em 16-1-1945, em operações de guerra.

Companhia de Manutenção Leve: Soldado Antônio Pais Almeida, falecido em 7-1-1945, em operações de guerra.

Pelotão de Polícia: Soldado Clóvis Rosa da Silva, falecido em 10-1-1945, acidentado.

Em consequência, foi feita a devida comunicação às famílias das praças em aprêço, à Diretoria das Armas e ao Estado-Maior da Força Expedicionária Brasileira no Interior.

São os seguintes, as praças desaparecidas:

1.º Regimento de Infantaria: 3.º Sargento Inácio Lotola de Freitas Virgolino, desde 26-1-1945; Cabos José Graciliano Carneiro da Silva, desde 26-1-1945; **Jorge Martinho Prado**, desde

9-1-1945; Soldados: Paulino José de Oliveira, desde 9-1-1945; Aristides José da Silva, desde 26-1-1945; Clóvis da Cunha Pais de Castro, desde 26-1-1945; Teonilo de Sousa, desde 29-1-1945.

6.º Regimento de Infantaria: Soldado Francisco Tamborim, desde 24-1-1945.

Em consequência, foi feita a devida comunicação às famílias das praças em aprêço, à Diretoria das Armas e ao Estado-Maior da Força Expedicionária no Interior.

Oficiais designados para o 1.º Grupo de Aviação de Caça

O Ministro da Aeronáutica assinou, ontem, os seguintes atos: designando, por necessidade do serviço, para fazer um estágio de instrução nos Estados Unidos, com destino ao 1.º Grupo de Aviação de Caça, o Capitão-aviador Délio Jardim de Matos; e transferindo, também por necessidade do serviço, da Escola de Aeronáutica para aquela Unidade combatente da FAB, o 1.º Tenente-aviador Oscar de Sousa Espindola Junior.

O Capitão Délio Jardim de Matos era Ajudante-de-ordens do Ministro Salgado Filho, que, ontem mesmo, ao considerá-lo dispensado dessas funções, elogiou-o pelos serviços que prestou, pondo em destaque o seu gesto, apresentando-se voluntariamente para servir no 1.º Grupo de Caça.

Gazeta de Notícias, sexta – feira 02 de março de 1945, p. 05

empio de São Paulo, São Paulo: Enrico Guarnieri a lavar jazida de calcário dolomítico no município de Camború, Santa Catarina; Thaulca de Almeida Rios a pesquisar quartzo, feldspato, mica, berilo e associadas no município de São Fidélis, Rio de Janeiro; Cleónor Calixto a pesquisar mica e associadas no município de Simopésia, Minas Gerais; Chireri Santono Filho a pesquisar mica e associadas no município de Rio Preto, Minas Gerais; Renato retrorúli a lavar jazida de calcário dolomítico no município de Camború, Santa Catarina; Alpherina Marcolla a pesquisar talco, amianto e associadas no município de Conceição, Minas Gerais; João Evangelista Souto Malor e José Felix Carolino a pesquisar minério de ouro no município de Teixeira, Paraíba; Antonio Benediti Sobrinho a pesquisar argila refrataria e associadas no município de São Paulo, São Paulo; Manoel de Oliveira a pesquisar quartzo e associadas no município de São Paulo, São Paulo; João Neto Guimarães a pesquisar schistita e associadas no município de Currais Novos, Rio Grande do Norte; Clóvis Botelho Vieira a pesquisar calcário, argila, xisto argiloso e associadas no município de Capão Bonito, São Paulo; João Nepomuceno da Silva a pesquisar mica e associadas no município de Conselheiro Pena, Minas Gerais; Raul Saraiva a pesquisar mica, he-

em 7-1-1945. Pelotão de Polícia — soldado Clóvis Rosa da Silva, falecido em 10-1-1945, acidentado.

PRAÇAS DESAPARECIDAS

A Secretaria Geral da Guerra forneceu também a seguinte relação nominal de praças da Força Expedicionária que se achavam desaparecidas até 31 de janeiro do corrente ano: 1.º Regimento de Infantaria — sargento Inácio Lotola de Freitas Virgolino, desde 26-1-1945; cabos José Graciliano Carneiro da Silva, desde 26-1-1945; e **Jorge Martinho Prado**, desde 9-1-1945; soldados Paulino José de Oliveira, desde 9-1-1945; soldados Paulino José de Oliveira, desde 9-1-1945; Aristides José da Silva, desde 26-1-1945; Clóvis da Cunha Pais de Castro, desde 26-1-1945; Teonilo de Sousa, desde 29-1-1945; 6.º Regimento de Infantaria — soldado Francisco Tamborim, desde 24-1-1945.

A respeito foi feita devida comunicação às famílias das praças em aprêço, bem como, à Diretoria das Armas e ao Estado-Maior da FEB no Interior.

Correio da Manhã, sexta – feira 02 de março de 1945, p.02

Desaparecido em combate, Jorge Martinho Prado faleceu na região de Monte Castelo, sob circunstâncias desconhecidas oficialmente.

Marly, como os outros familiares, deve ter sentido de forma contundente a partida e o não regresso de Jorge. Não o velaram, não se despediram dele, não houve o ritual do último adeus. O luto foi constituído pelo tempo, pelo silêncio, pelas lembranças e pelas cartas.

5. CONCLUSÃO

O TCC que agora chega ao seu fim, sintetizou para mim um Curso inteiro. Ao me levar ao encontro de Jorge Martinho Prado materializou minha concepção da História como uma Ciência verdadeiramente Humana.

Nesse sentido, gostaria de algumas inferências sobre o que foi tratado. Em primeiro lugar, a importância de continuar estudando o evento da magnitude da Segunda Guerra Mundial, como as cartas me permitiram. Desvendar um outro olhar sobre o conflito e a figura de um ser humano, aparentemente comum, como Jorge Martinho Prado pode nos mostrar muito de nós mesmos.

Tal como já fora analisado anteriormente, os estudos da Segunda Guerra Mundial não se limitam, atualmente, apenas às suas batalhas ou biografias de personagens do alto escalão de comando, dos países que participaram do conflito. Antes o contrário. Ao dar voz a um cidadão comum, de seu tempo, podemos reconstruir, entre outros, suas redes de sociabilidade, seu trabalho, suas paixões.

Estudar homens comuns, que não se destacavam politicamente ou faziam parte de uma elite social, é decisivo se quisermos lançar luzes mais fortes em busca de respostas a questionamentos atuais e pretéritos. Sob essa perspectiva, espero que este TCC contribua para o aprofundamento dos estudos que elegem como tema a participação do Brasil na Segunda Guerra e fundamentalmente um dos seus protagonistas principais, os soldados.

Desejo ainda que este TCC sirva para que não esqueçamos dos muitos brasileiros que perderam suas vidas em solo italiano e que muitos dos que sobreviveram voltaram marcados por fundas cicatrizes na alma, para que tenhamos ideia da grandeza não só momentânea, mas histórica de nosso povo.

Este Trabalho não se restringiu a voltar ao passado para responder questionamentos atuais. A intenção foi, sob a luz da história, dar voz àqueles que foram silenciados pela historiografia tradicional, a partir da história de Jorge Martinho Prado.

O Cabo Jorge Martinho Prado, até aqui era lembrado e celebrado apenas por sua família, que tão cuidadosamente guardou as cartas mandadas da Itália ao

Brasil. Nesse aspecto, outra intenção foi mostrar que para além de complementar uma visão do mundo do trabalho que pairava no Estado Novo, as missivas são fontes para mostrar quão cruel fora a guerra para todos, tanto os que ficaram, como os que embarcaram.

Além de perceber a importância dos que ficam aos que vão, e vice-versa, as cartas nos mostraram que a distância e a saudade Jorge Martinho Prado confirmaram a certeza dos laços afetivos que o ligava à sua família e igualmente que ligavam os membros de sua família, e amigos, à ele Jorge. A saudade e a distância parecem ter definido a certeza do quanto era querido e sua história, vida e morte, aqui tratadas não de se encarregar por aumentar o raio das pessoas, que após conhecerem um pouco mais de sua vida e trajetória, também reconhecerão o seu valor como ser humano e valente soldado.

O trabalho que até aqui se desenrolou pode se desdobrar por outros estudos que tenham por pilar a escrita das cartas, a relação do sujeito com a História e a História social.

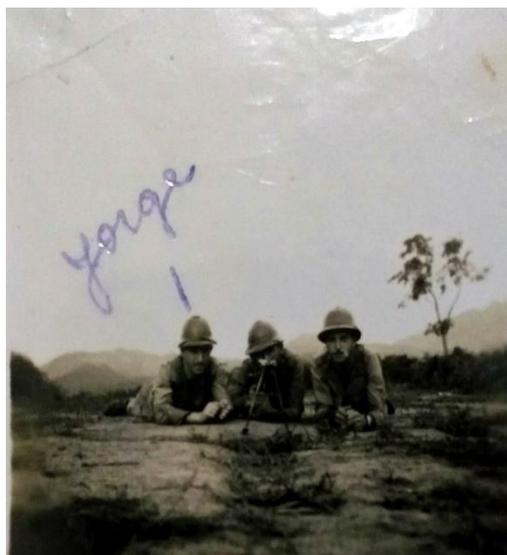
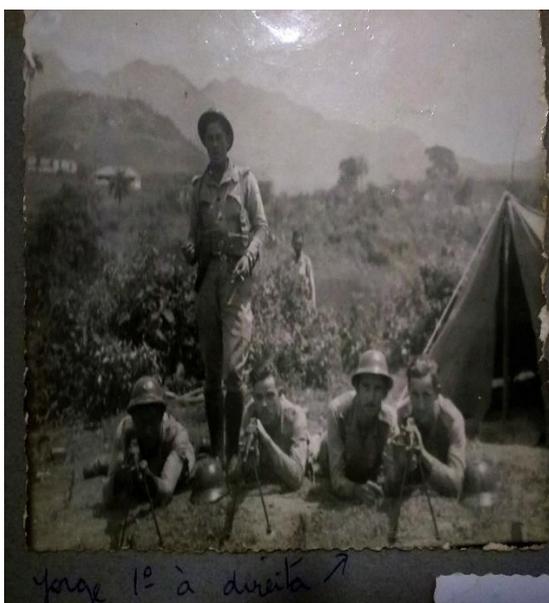
Um dos desdobramentos possíveis e que me tem feito projetar a continuidade e aprofundamento do tema é estabelecer uma relação comparativa entre a imprensa oficial “de trincheira”, como a do Jornal o Cruzeiro do Sul, ou outros periódicos, como o “Globo Expedicionário” e as cartas, tanto de Jorge Martinho Prado quanto de outros pracinhas. A ideia é analisar comparativamente as discrepâncias e semelhanças que estavam incutidas nos discursos e narrativas da imprensa oficial e na escrita dos soldados, para tentar perceber a sociedade da época em sua heterogeneidade de discursos e ações.

Jorge Martinho nos mostrou isso em suas cartas, quando menciona elementos que saltaram aos seus olhos, tais como a pobreza, a destruição deixada pela guerra, os sentimentos de vingança sobre as mortes, tanto de brasileiros quanto de italianos.

Enfim, a história de Jorge Martinho Prado significa um outro olhar sobre a ação brasileira na Itália, o olhar de um ser humano que esteve em combate. As cartas fizeram emergir de um terreno de luta e destruição os sentimentos que pulsavam antes de desaparecer em meio a neve.

Histórias da Guerra. Histórias feitas de vidas, de dias, de sentimentos entrelaçados, convergentes e divergentes. História. Ciência Humana. Anônima, ou nem tanto, mas profundamente humana.

Infelizmente Deus permitiu que Jorge Martinho Prado tivesse morrido sem que voltasse para cá.



Fotos diversas de Jorge Martinho Prado em seu tempo de FEB. (Acervo da família Sabatinelli).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Cecília. **Cultura, política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

BARONE, João. **1942: o Brasil e a sua guerra quase desconhecida**. 2. Ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BRAGA, Rubem. **Crônica da guerra na Itália**. 7ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

DONATO, Hernani. **Dicionário das batalhas brasileiras**. São Paulo: IBRASA, 1987.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOYOS JUNIOR, Durval de Noronha. **A campanha da força expedicionária brasileira pela libertação da Itália**. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

LINTNER, Valerio. **A traveller's History of Italy**. Gloucestershire: The Windrush press, 1989.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.

MORAES, J.B. Mascarenhas de. **Memórias**. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil: uma interpretação**. São Paulo: Editora 34, 2016.

NATKIEL, Richard. **Atlas of World War II**. Massachusetts: JG Press, 2011.

PELLAUER, David. **Comprender Ricoeur**. 2 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RICOEUR, Paul. **O Si-mesmo como outro**. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura – Exped Ltda, 2001.

_____. **Cruzes Brancas: diário de um pracinha**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em surdina**. 4 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

WIRTH, John D. **The politics of Brazilian development (1930-1954)**. California: Stanford University Press, 1970.

7. WEBGRAFIA

https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/cerimonias-na-italia-em-homenagem-a-forca-expecionaria-brasileira-feb-rememoram-os-74-anos-do-fim-da-2-guerra-mundi-1/8357041

https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/18/politica/1397851823_514835.html

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/kurt-prufer>

http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=%2Fweb%2Fguest&_101_assetEntryId=&_101_type=content&_101_urlTitle=historico-da-feb&inheritRedirect=true

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/cultura/1515164110_088216.html

<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/apagatildeo-getulista-8894834>

<https://historiadesporte.wordpress.com/2012/02/13/getulio-vargas-sao-januario-e-o-1o-de-maio/>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69158/o-bonde-de-sao-januario>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/HoraDoBrasil>

<https://diariodorio.com/historia-do-samba-exaltacao>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comercio-de-compensacao>

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/CSN>

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/CSN>

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/NegociacaoAlinhamento>

<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/primeiras-paginas/sob-pessatildeo-8898987>

<http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/369/1/O%20BRASIL%20E%20A%20SEGUNDA%20GUERRA%20MUNDIAL-A%20ATUA%20C3%87%C3%83O%20DA%20FEB.pdf>

<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/alemanha-de-hitler-ataca-navio-baependi-no-nordeste-mata-270-brasileiros-21694808>

https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Oswaldo_Aranha

<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lend-lease-act>

<http://www.eb.mil.br/jornal-da-guerra>

<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/danilo-alvim-212>

<https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/helena-de-freitas/2019/11/08/se-noticia-helena-de-freitas,3067499/ha-60-anos-morria-helena-de-freitas-que-foi-da-gloria-a-morte-em-um-h.shtml>

<https://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/blogs/10-e-faixa-ou-nao/post/2018/09/14/ha-97-anos-nascia-zizinho-idolo-de-pele-e-maior-nome-do-fla-antes-da-era-zico.ghtml>

<https://www.mis.rj.gov.br/blog/o-principe-danilo-comandante-do-expresso-da-vitoria-vascaino/>

<http://memorialdademocracia.com.br/card/a-cobra-esta-fumando>

<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/os-pracinhas-a-campanha-da-italia-e-os-picaretas-por-maringoni/>

<https://idd.org.br/acervo/os-pracinhas-do-amazonas-na-2a-guerra-mundial/>

<https://grupoverdeoliva.com.br/a-preparacao-da-feb/>

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22Jorge%20Martinho%20Prado%22&pasta=ano%20194

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/cultura/1515164110_088216.html

<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/forca-expedicionaria-brasileira-feb>

https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/18/politica/1397851823_514835.html

http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338407746_ARQUIVO_AnpuhUERJFFP2012.pdf

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12010/mestre-marcal>

<https://liesa.globo.com/2019/por/18-outroscarnavais/carnaval09/enredos/imperatriz.html>

https://www.facebook.com/permalink.php?id=708709889242016&story_fbid=762764853836519

<https://historiadofutebol.com/blog/?p=114583>

<http://ferroviadobrasil.blogspot.com/2010/05/carteira-funcional-da-extinta-estrada.html>

<http://ferroviadobrasil.blogspot.com/2010/06/ainda-sobre-carteira-funcional-da-efcb.html>

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Carolina%20Pena%20de%20Alencar.pdf>

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=177415&pagfis=150&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

<http://www.portalfeb.com.br/longa-jornada-com-a-feb-na-italia-salario-e-fontes-de-renda>

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=177415&pagfis=150&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

<http://www.sentandoapua.com.br/portal3/materialbelico/aeronaves-mainmenu-53/utilitarios/89-c47>

<http://www.catalinasnobrasil.com.br/site/historico/1401-servi%C3%A7os-a%C3%A9reos-cruzeiro-do-sul-ltda.html>

<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/mail-call-v-mail>

https://www.academia.edu/5377157/O_endere%C3%A7amento_n_o_Servi%C3%A7o_Postal_da_For%C3%A7a_Expedicion%C3%A1ria_Brasileira_-_FEB

<http://edumilitaria.blogspot.com/2010/02/ww2-feb-manual-de-oracoes-da-feb-e-us.html>

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/>

<https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2018-11-26/monte-castelo-segunda-guerra.html>

<https://www.metrojornal.com.br/foco/2019/02/21/batalha-de-monte-castelo-forca-expedicionaria-brasileira.html>

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/pracinhas-na-segunda-guerra/a-cobra-realmente-fumou/>

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Roteiro_da_FEB_na_Campanha_da_It%C3%A1lia.jpg

https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/cerimonias-na-italia-em-homenagem-a-forca-expecionaria-brasileira-feb-rememoram-os-74-anos-do-fim-da-2-guerra-mundi-1/8357041

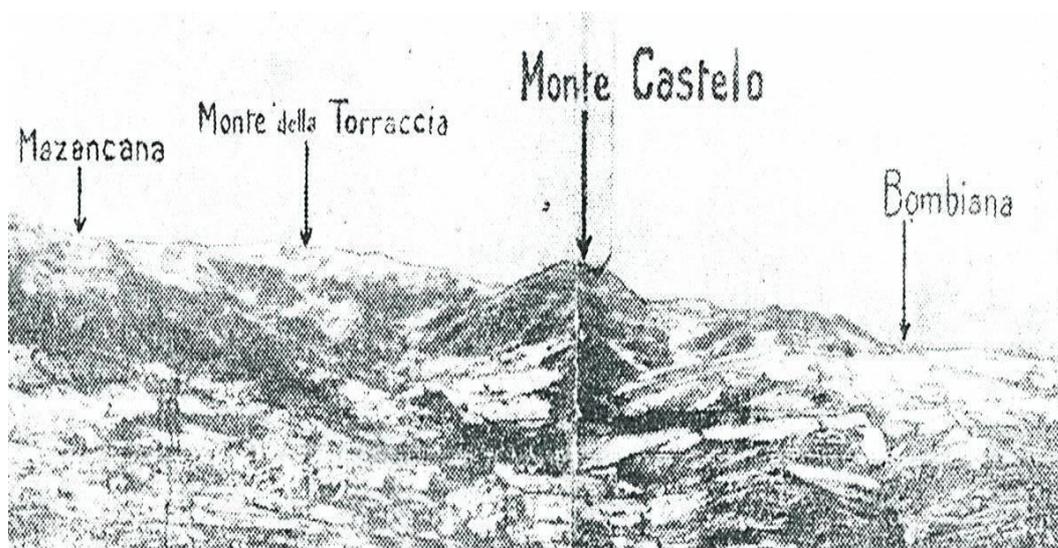
(Anexo No.2)

SOLDADO DA FEB APONTA PARA O CUME DO MONTE CASTELO



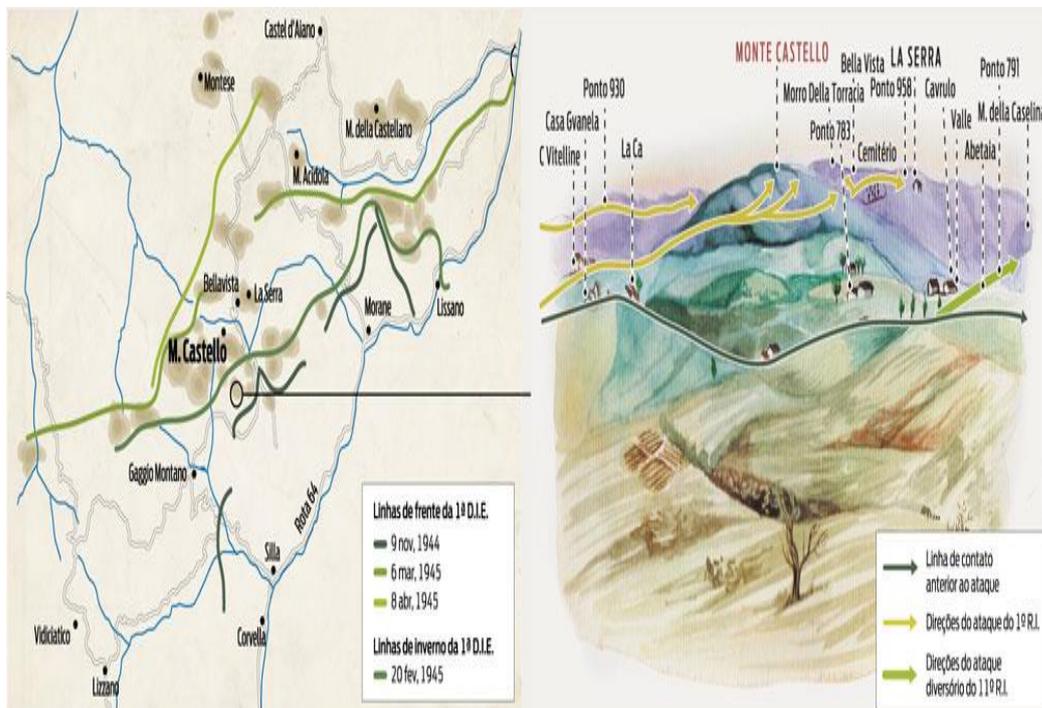
Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2018-11-26/monte-castelo-segunda-guerra.html>

FOTOGRAFIA DE MONTE CASTELO USADA PELO EXÉRCITO BRASILEIRO



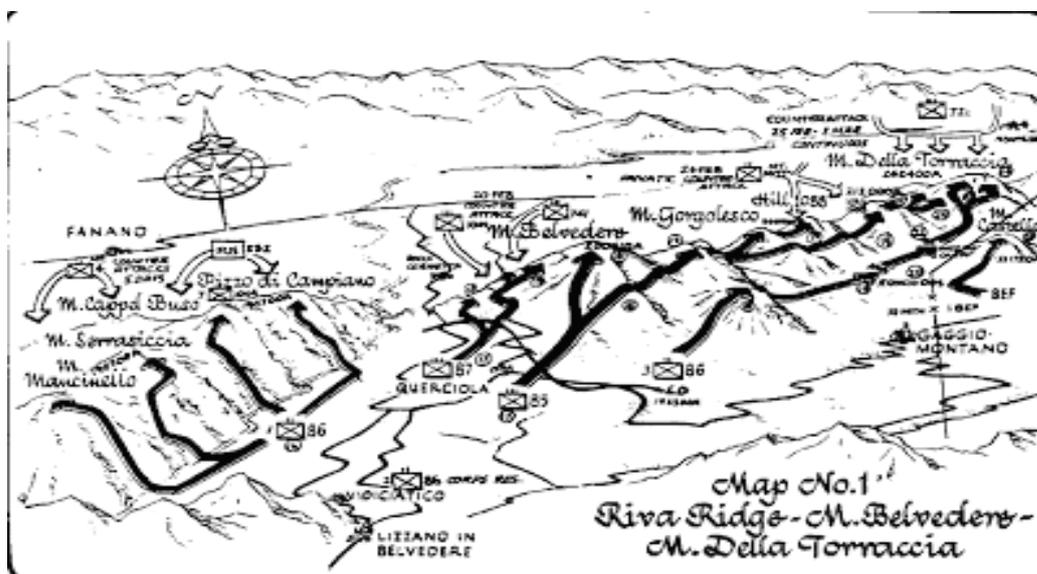
Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2019/02/21/batalha-de-monte-castelo-forca-expedicionaria-brasileira.html>

ILUSTRAÇÃO DA POSIÇÃO DE MONTE CASTELO E MORROS PRÓXIMOS.



Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/pracinhas-na-segunda-guerra/a-cobra-realmente-fumou/>

GRAVURA DE MONTE CASTELO E SEUS MORROS ADJACENTES



(Anexo No. 3)

Cartas na íntegra de Jorge Martinho Prado enviadas para o Brasil e recebidas da sobrinha Marly Prado Azevedo

Carta escrita em 15 de outubro de 1944 para seus pais. (2 páginas) (Acervo da família Sabatinelli)

VIA AÉREA  CRUZEIRO DO SUL

Italia 15 de Outubro 1944

Meus queridos Pais

Com muitas saudades que pela segunda vez escrevo dando notícias minhas. Como escrevi na primeira carta estou passando bem de saúde. Nossa alimentação é ótima, nada tenho a reclamar, a não ser a distancia que nos separa.

Estive em Nápoles e só vi ruínas e miséria deixada pelas alemães.

A miséria é tanta que as Italianas lavam nossa roupa e em paga elas preferem comida.

Vi também o famoso Vesúvio com a sua enorme cratera.

Voltando a miséria, um dos nossos oficiais deu de presente um sabonete a uma italiana e ela ficou espantada dizendo que a quatro anos não via um.

Uma das coisas que não poderia deixar de falar, era sobre a bravura dos nossos colegas que aqui estão a mais tempo que nós.

Eles tem mostrado que os brasileiros sabem vingar seus irmãos mortos pelos miseráveis nazistas.

Em outras cartas contarei mais coisas daqui.

Minha querida mamãe tenha fé em suas orações que se Deus quiser bem breve estarei sob seus cuidados novamente.

Paes saudades do seu filho, em breve mandarei dinheiro por intermedio do Banco do Brasil.

A Waldyr, Evano e Antonio saudades minhas e a Morly um grande beijo do dindinho.

Qual a coloração do nosso Flamengo?

De lembranças e nossas tias e primos, e a todos os meus colegas.

Terminando espero que esta encontre todos com saúde.

É a que deseja a seus paes e irmãos
Seu filho Jorge

Carta escrita em 27 de outubro de 1944 para seus pais. (2 páginas) (Acervo da família Sabatinelli)

Itália 27 de Outubro de 1944

VIA AÉREA  CRUZEIRO DO SUL

A meus bons e queridos pais
Saudades M.!

Com as saudades aumentando mais e mais que pela terceira vez escrevo para dar notícias minhas.

Continuo a passar bem de saúde, porém com o coração doente por estar longe de vós.

Eu Lopes e Barbosa temos passeado por varias cidades, bebido vinho; comido muita sara, maça e jêcego.

Minha boa e querida mãe, sei que muito me queres, e por isso tenho certeza que estás muito preocupada com minha ausencia.

Mas querida mãe, pense nas mães que seus filhos morreram nas mãos dos miseráveis nazistas, e reze para que eu fique aqui até ~~atinga~~ ~~atingado~~ a morte deles, e depois regresso para o nosso querido Brasil.

O mesmo digo para vae meu bom pai, a Lorna e a Volga e a Antonio.

Com fé em Deus depois de terminada

esta maldita guerra regressarei ao nosso querido
lar.

Waldyr quando escrever para mim quero
saber noticias do nosso Flamengo, pois soube mais ou
menos que ele esta fazendo o diabo.

Soube tambem que ele bateu no Fluminense
de 6x1 e no C. Rio de 3x1

Meus bons paes, de lembranças a todos os
meus tios e primos e peço desculpas por não
escrever para eles.

Beijos na querida Marly, no Albertinho na
Irene e no Jorginho.

Terminando espero que esta vá
encontrar todos com perfeita saúde.

É o que deseja o bom filho
Jorge

Carta escrita em 14 de dezembro de 1944 para sua mãe. (Acervo da família Sabatinelli)

Itália em 14-12-1944

Boa Mãe

Saudades Mil

Recebi em 12-12 sua cartinha datada de 16-11-1944. Estou bem de saúde, e um pouco mais gordo, apesar das saudades que não me largam.

Mãe sei que ficou satisfeita ao receber uma carta minha, por isso apesar da falta de tempo que tenho escrevo o mais que posso.

Se da alegria a chegada dos meus cartas, imagina o que acontece comigo quando as recebo. Elas são para mim um alento para as saudades que sinto.

Quando as leio, me vem um nó na garganta e tenho que chorar, mamãe isto é alegria e saudades.

Mas tenho um objetivo, estou defendendo um Brasil que é tudo para mim, por isso peço a Deus coragem para suportar tudo.

Com fé em Deus e a Senhora breve regressarei com a vitória para o nosso querido Brasil.

Agradeço sua lembrança em dar em meu nome o presente a minha querida afilhada.

Eu escrevi para Marly no dia 7 de novembro, era o único presente que daqui poderia oferecer.

De meus bons pais e irmãos recebi duas cartas 4-10 e 16-11-1944. da Quita duas 8 e 14 de novembro, da Marly uma 16 de novembro do primo Alvaro uma de 7 novembro, e do Graciano ^(então) uma de 12 de novembro.

Para todos daí, entre postais e cartas já escrevi mais ou menos umas não sei ao certo.

Quando estiver com a tia Adelina diga que estou com muitas saudades dela, e de todos de lá. Saudades da tia Judith, Izair, Irene, Orlando e esposa e ao velho arão um forte abraço meu. Também tenho saudades a tia Lidya e de todos a continue pedir notícias do Helio. Ao mano, mana, cunhado e afilhada beijos e abraços de guerreiro que não os esquece. E Waldyr como vai com os estudos, passou de ano? Terminei desejando para os melhores pais do mundo, e para todos um bom Natal e um feliz ano novo.

Do filho que não os esquece

Escreva-me dizendo se está recebendo meus vencimentos e quanto, no banco, e o da cobra.

Waldyr por intermédio do Banco do Brasil a quantia de ~~400,000~~ 400,000

Diga se recebeu

Jorge com o dinheiro que receber pagar meus oneros e ao afilhado

Beijos Marly

Carta escrita em 14 de dezembro de 1944 para a sobrinha Marly Prado de Azevedo. (Acervo da família Sabatinelli)

Print the complete address in plain letters in the panel below, and your return address in the space provided on the right. Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Faint or small writing is not suitable for photographing.

From: *Senhorita*
To: *Marly Prado de*
Azevedo - Praça
Vidal Barbosa 570-B
P. Federal, Brasil
(Sender's complete address above)

From:
To: *Jorge Martinho Prado*
301- F.E.B.

(CENSOR'S STAMP)

See Instruction No. 2

Italia em 14-12-1944

Querida Afilhada (Para Marly ler)
Saudades mil.

O dindinho ficou muito satisfeito ao receber no dia 12-12 sua cartinha datada de 16-11-1944!

Fiquei bastante alegre em ver sua caligrafia (letra) pois esta bem clara e bonita. Passaste de ano?

Sobre o postal que mandei, nao consegui encontrar um que tivesse uma menina bonita como voce.

Alguns dias depois mandei outra, esta sim, e parecida ~~com~~ com voce.

O postal e uma menina dormindo, e um Anjo da Guarda velando seu sono, diga quando receber este, e varios outros que mandei para voce, e para o Albertinho.

Gracas as suas oraçoes que o dindinho esta bem de saude. e se Deus quizer o dindinho regressara bem breve.

A querida afilhada o dindinho pede para voce dar muitos beijinhos no Albertinho, lembre-se a Dona Olinda ao Sica e a todos nossos parentes, de um abraço bem forte no Waldyr. Voce ainda briga muito com ele?

De ma avó Cay e Maria um grande beijo do filho que não as esquece do avô Jose e Antonio um abraço bem forte do dindinho

Termino desejando para voce ~~para~~ para seus paes, e para todos um bom natal e um feliz ano novo. Do dindinho que muito te estima

Jorge

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP?

REPLY BY
V...-MAIL

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP?

16-28143-5 U. S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE: 1943

Carta escrita em 17 de dezembro de 1944 para o irmão Waldir Prado.
(Acervo da família Sabatinelli)

Print the complete address in plain letters in the panel below, and your return address in the space provided on the right. Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Faint or small writing is not suitable for photographing.

To: Senhor - Waldyr Prado
Rua - Fios Rajoso 77 - Ramos
Dist - Federal - Brasil

From: Jorge Martinho Prado
301 - F.F.B.

(CENSOR'S STAMP) See Instruction No. 2 (Sender's complete address above)

Itália 17-12-44 Querido irmão

Saudações

Recebi em 16-12 sua cartinha e data, mas não pude a identificar, pois nela não pôde que não me desajustou sobre as suas notas finais.

Falei também que a minha querida mãe te e releu a carta que mandei para ela.

Aben. bom irmão, vamos dividir este cartão que tanto gostei, pois somos estimados por todos, graças a Deus.

Não é difícil avaliar o que se passou ali em casa na chegada da minha carta. Digo isso, porque quando recebi também uma, as lágrimas me vieram nos olhos, e tive de chorar e rir ao mesmo tempo, tristeza de estar tão longe, e alegria de receber a carta tão ansiosamente esperada também.

Aben. bom irmão, se Deus permitir breve retornarei para que todos nós possamos ter felicidade.

Daí, na mamãe, em papai, Emilly e Antonio beijos e abraços, Saiba dividir estes beijos e estes abraços, sim?

E a tua Ritinha, está bem? De lembranças minha; com a sua permissão.

Diga a papai que graças a Deus nada me falta tenho tudo como seja cigarros brasileiros e americanos, chocolate, roupa etc. etc. tudo com bastante fartura. Desejo saber também quanto cometa meus vencimentos com o do banco.

Não na o papai interpretar mal este meu desejo, é somente para saber se está tudo legal.

Bom irmão souvi irradiação do jogo do Flamengo com o Fla-Flu e com o Vasco 1X0; Nossa vez Flamengo sempre Flamengo.

Waldyr peça desculpas por mim a nossos parentes e bons vizinhos por não escrever para eles, pois meu tempo é muito curto. Nas cartas que escrever para casa falarei em todos.

Finalizando desejo para você, nossos pais, irmã, sobrinha e cunhado um bom natal e um feliz ano novo.

Do irmão que não o esquece

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP? REPLY BY V...-MAIL HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP?

22 16-25143-6 U. S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE : 1943

Carta escrita em 19 de dezembro de 1944 para a afilhada Marly Prado de Azevedo. (Acervo da família Sabatinelli)

Print the complete address in plain letters in the panel below, and your return address in the space provided on the right. Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Faint or small writing is not suitable for photographing.

From:

To: *Senhorita Marly Prado de Azevedo Jorge Martinho Prado*
Rua Gonzaga Duque 570-B - Rumor 301-FEB
Dist. Federal - Brasil

(CENSOR'S STAMP) See Instruction No. 2 (Sender's complete address above)

Italia 19-12-944

Mil Saudades.
Querida Afilhada

Imagino sim, o que se passou no seu coraçõzinho ao ler a carta que mandei. Pigo isso porque, ao receber a sua, meu coração quasi pulou fora do lugar.

Esta que estou respondendo veio com a data de 16-11 e recebi em 16-12-944.

Fiquei muito contente em saber que voce lei a carta que mandei. Voce e mesmo do barulho!

Marly quando o dindinho esta no meio dos colegas, tira sua cartinha da carteira, e mostra para eles ^{que} ~~vem~~ ~~que~~ ~~ela~~ vejam a inteligente afilhada que tenho. Como fico orgulhoso de ti minha sapeca querida!

Eu estou um pouco envergonhado, pois sua letra e muito melhor que a minha.

Sobre sua nota estou bastante satisfeito, e peço a Deus que para o ano seja melhor como voce deseja.

Minha boa afilhada, o dindinho todas as noites, pede a Deus que a abençoe e que te proteja, nos seus estudos, e lhe de bastante saude e felicidade, a todos que ahi estão.

De na vovó Cecy e Abria, vovó José e Antonio, seu papai e mamãe, Luiza Alberto e Tonila e Albertinho lembranças beijos e abraços

E para voce, afilhada sapeca, um milhão de beijos do dindinho que te quer muito e muito

Jorge

Quero que me mande um dindinho novo

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP? **REPLY BY V...-MAIL** HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP?

22 16-28143-5 U. S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE: 1943

Carta escrita em (SIC!) de novembro 1944 pela afilhada Marly Prado de Azevedo para Jorge Martinho Prado. (Acervo da família Sabatinelli)

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1944
Saudações

Querido Dindinho

Você não pôde imaginar a alegria que senti ao lêr a sua carta, sim, porque quem a leu fui eu, e quem escreveu a você também sou eu. Aqui nós vamos todos muito bem de saúde, graças a Deus. Só ha uma coisa que nos preocupa: A sua volta, e esta dentro em breve se dará se Deus quizer.

Dindinho, eu vou muito bem nos meus estudos, o que poderá você avaliar pela minha letra, que não sendo das melhores, também não é lá das piores. Dindinho, tirei 98 pontos na minha prova parcial, e não fiquei muito contente, pois queria tirar 100.

De mim nada mais tenho a dizer, a não ser que me mande a sua bênção, e notícias suas. Você também ~~me~~ lhe manda um beijo e um abraço, bem assim o vovô.

Beijos e abraços da afilhada rapieca

Marly

A vovó Maria manda um beijo para você

Beijos

Carta escrita em 16 de novembro 1944 pela afilhada Marly Prado de Azevedo para Jorge Martinho Prado. (2 páginas) (Acervo da família Sabatinelli)

Rio 16 de Novembro de 1944

Querido Dindinho
pela segunda vez escrevo. lhe
desejando que esta vá encontrá-lo
em perfeita saúde. Querido Dindinho
agradeço. lhe a lembrança que você
me mandou. O Luizinho esta parecido,
mas eu não estou; pois não uso tran-
cinhas. Dindinho eu e mamãe rezamos
todos os dias na hora da Ave Maria
pedindo a nossa Senhora para o seu
regresso que se Deus quizer será bem
breve. terminando esta envio-lhe
um apertado abraço e beijos. desejo-
lhe um feliz Natal e Ano Novo com
um abraço de todos daqui de casa
e da vovó Lucy

D. F.
117

vire

abenceste esta afilhada que
muito lhe quer
Marly

Mensagem enviada após 19 de dezembro 1944 da afilhada Marly Prado de Azevedo para Jorge Marinho Prado. (Acervo da família Sabatinelli)

Querido Dindinho Jorge
 Dindinho já recebeu um cartão em 24 de
 outubro, um telegrama, uma em 19-72
 uma em 14-12 um cartão em 20 de Novem-
 bre de 44. Dindinho eu rezo pedindo a Deus
 para o seu regresso, estou com muitas sauda-
 des de vó, Mãe e papai mandando abraços,
 de vovó Beat e Maria. Quem manda
 beijos e muitos beijos e a sua afilhada

Marly

Beijos de vovó José
 e Waldyr

Desculpe as bobagens,
~~mas~~ não quero que
 ninguém me ensine.

(Anexo No. 4)

**INSTRUÇÕES A SEREM OBSERVADAS NA COLOCAÇÃO DO
ENDEREÇO NA CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ELEMENTOS
DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**

I – Tendo em vista dificultar a coleta de informações por parte de agentes de espionagem inimigos e, por outro lado, visando não complicar a “manipulação” da correspondência, fica estabelecido o seguinte sistema de endereço para correspondência destinada à F.E.B.

II – Cada grande Escalão dispõe de uma série privativa de números para designar o Quartel General, Formações, Corpos de Tropa, etc. que os compõe.

Exemplos:

a) A 1ª. D.I.E. dispõe de série 250 (inclusive) a 350 (inclusive).

b) Os elementos não Divisionários que seguem com a 1ª. D.I.E. dispõe da série 400 a 450 (inclusive).

III – Nas condições acima, cada elemento componente da 1ª. D.I.E. recebe um número da série dessa D.I.E. para servir como seu endereço a ser posto na correspondência que lhe for dirigida. Em consequência, fica adotada a seguinte distribuição de endereços numéricos:

I Batalhão do 1º. Regimento de Infantaria – 301

IV – As presentes instruções deverão ser difundidas na F.E.B., tornando-se indispensável que cada um dos seus elementos seja conhecedor da parte que lhe interessa; sobretudo, cada oficial ou praça necessitará conhecer o respectivo endereço numérico, para o qual seus parentes, amigos, correspondentes e conhecidos deverão sobrescritar a correspondência que lhes destinarem.²⁰⁸

²⁰⁸ CRUZ, Henrique Vasconcelos. O Endereçamento no Serviço Postal da FEB. Revista A Filatelia Brasileira. No.8, dezembro de 2007. pp 29 – 35.